Antologia Portuguesa

Junqueiro

Livrarias Aillaud e Bertrand
LISBOA

25.'13

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/junqueiroversoep00junq

NEW YORK PUBLIC LIBRARY

MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

SECRETARIA GERAL

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras-primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a **Antologia Portuguesa**, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela *Livraria Aillaud*, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a **Antologia Portuguesa** é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo;

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja louvada a *Livraria Aillaud* pelo seu patriótico empreendimento, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da **Antologia Portuguesa**.

Paços do Govêrno da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

Diário do Govêrno, II Série, n.º 98, 28 de Abril de 1920.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

JUNQUEIRO

ANTOLOGIA PORTUGUESA

VOLUMES PUBLICADOS:

BERNARDES, 1.° vol. *(Nova Floresta)*.
BERNARDES, 2.° vol. *(Nova Floresta, Luz e Calor,* etc.*)*
HERCULANO, 1.° vol. *(Quadros literários)*.
FREI LUÍS DE SOUSA, 1.° vol. *(Vida do Arcebispo)*.
PALADINOS DA LINGUAGEM.
JOÃO DE BARROS, 1.° vol. (Primeira Década da *Ásia*).
JUNQUEIRO.

VOLUMES PRESTES A SAÍR:

TRANCOSO *(Histórias de Proveito e Exemplo)*.
CAMÕES LÍRICO.
João de Lucena, Amador Arráiz, Heitor Pinto, Vieira, etc.

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

JUNQUEIRO

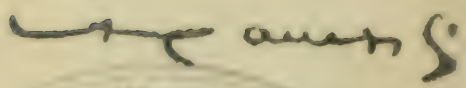
(VERSO E PROSA)

SEGUNDA EDIÇÃO

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS-LISBOA
Livraria CHARDRON — PORTO
Livraria FRANCISCO ALVES — RIO DE JANEIRO
1921

PQ
9261
G8J8
1931

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA



LIBRARY
FEB 9 1968

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL L.da
R. da Alegria, 100 — LISBOA

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

I

Traços biográficos, psicológicos e estéticos

O sr. Abílio Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada à Cinta, Trás-os-Montes, em 17 de setembro de 1850. Foram seus pais o abastado lavrador e negociante José António Junqueiro Júnior e a sr.a D. Ana Guerra, precocemente falecida quando o poeta apenas contava três anos de idade.

Desde muito novo fêz versos, como se vê do título e data dos primeiros que publicou: *Duas páginas dos quatorze anos,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1864. Mas esta estreia, constituida por dúzia e meia de quadrinhas sem valor literário, versos infantis inspirados na vida familiar, não deixava pressentir ainda o futuro carácter literário do Poeta.

Para isso é preciso esperar mais dois anos pela verdadeira estreia literária de Junqueiro: o poemeto romântico *Mysticæ Nuptiæ,* onde se nos deparam os seguintes versos, que já trazem prenúncios de panteis-

mo, religiosidade, gôsto da antítese e sentimento da «unidade do ser»:

> Parece ver-se arfar a natureza,
> Mil nuvens de perfumes respirando!...
> Tudo murmura íntima prece! Tudo,
> Desde o insecto rasteiro ao cedro altivo,
> E' ténue estrofe, canto indefinido,
> Que se perde entre vagas de harmonia!
> O espírito parece, sem sentir-se,
> Os liames soltar, evaporar-se... (1)

Tendo estudado preparatórios no Porto, partiu o moço Junqueiro para Coimbra, a freqùentar a faculdade de Direito, continuando a versejar e a publicar as suas composições. Assim saíram em 1867 as *Vozes sem echo* e em 1868 o *Baptismo de amor*, poemeto abonado com a seguinte apresentação preambular de Camilo Castelo Branco:

«Considero o *Baptismo de amor*, poema do sr. Guerra Junqueiro, um modêlo de quadro em que as scenas da vida contemporânea poderiam ser vistas à sua luz sinistra, modificada pela suavíssima luz da poesia. O poeta que, tanto no verdor da vida, e sem experiência das grandes dores, as soube espelhar tão verdadeiras

(1) *Mistica Nuptia*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866, pág. 7.

na alma, e revelá-las tão fiéis na expressão, denota o talento de muito sentir e esplêndidamente exprimir».

Neste poemeto do *Baptismo de amor*, composto aos 18 anos, soam já distintamente algumas cordas da lira junqueiriana, tal como ela se havia de revelar na idade adulta. Por exemplo,

a) o lirismo filantrópico:

Não posso ver chorar uma criança;
Mais me pesa não vendo seio amigo
Que lhe enxugue seu pranto...

b) as hipérboles e antíteses:

Êste amor é mais fundo do que os mares,
Mais alto que montanhas de granito!
E' maior do que a terra, do que os ares,
Nasce em meu peito... acaba no infinito.

c) as preocupações religiosas e filosóficas:

Não cria em Deus... Uma secreta fôrça
Levava-o a estudar; de dia e noite,
Por muitos anos meditara sempre
Sôbre os grandes problemas da existência.

d) o socialismo e anarquismo românticos:

¿ E então a caridade? a caridade é crime;
A espada da justiça é débil como o vime...
E os ricos ao passar nos carros seus faustosos
Enchiam-me de lama...

e) o gôsto do sinistro e do macabro:

> Aves nocturnas pousam nos sepulcros!
> Sai a miséria do seu leito imundo...

*

* *

Em Coimbra, de onde acabavam de sair João de Deus e Antero de Quental, estava ainda João Penha, o prestigioso director da *Fôlha*. Guerra Junqueiro colaborou naturalmente neste jornal e sofreu as influências que o sr. Fidelino de Figueiredo caracteriza no modo seguinte:

«No pequeno meio de Coimbra se condensavam e formavam em corpo de ideias as influências mais dispares, e das mais heterogéneas proveniências. O orientalismo e o gôsto do folclore para conclusões étnicas, a filologia, a metafísica alemã, o realismo francês, a filosofia da história, o socialismo e as generosas teorias de confraternização dos humanitários, tôdas estas novidades tão complexas se confundiam num caos indisciplinado... A poesia humanitária, cheia de simpatia, da *Légende des Siécles*, o gôsto da erudição de Leconte de Lisle, o satanismo de Baudelaire, a crítica de Renan, a história sistemática, severamente lógica de Taine, a história vivificadora de Michelet e o realis-

mo de Flaubert foram os principais modelos dessa geração de irreverentes...» (1)

A França de Vitor Hugo e Baudelaire, de Proudhon, de Michelet e de Renan, concorrera em grande parte para formar o espírito do moço poeta, a quem portanto não podiam ser indiferentes os destinos daquela sua pátria intelectual. Quando em 4 de setembro de 1870, se deu o desastre de Sédan, Guerra Junqueiro, que ía fazer vinte anos, compôs e publicou o poemeto *Vitória da França*.

Por temperamento e por educação, por solicitação intrinseca reforçada pelas influências ambientes, Guerra Junqueiro vai ser grande parte da sua vida um poeta social e político, atento aos acontecimentos históricos que se desenrolam no mundo e inclinado a considerá-los sempre por um prisma liberal, democrático ou revolucionário.

Em 1873 proclama-se a república no vizinho reino e logo Junqueiro celebra o facto com o seu poemeto *A Espanha livre*—última das pequenas composições que precedem a publicação do livro que o fêz célebre: *A morte de D. João*.

Apesar destas tendências intelectuais revolucionárias, exerceu Guerra Junqueiro, depois de formado, os cargos de secretário geral dos governos civis de Angra

(1) *História da Literatura Realista*, Lisb. 1914, pág. 14 e 15.

do Heroismo e de Viana do Castelo, e em 1878 foi eleito deputado por Macedo de Cavaleiros. Esta fase da sua vida política explica-a o próprio Poeta nos seguintes termos:

«Filiei-me no partido progressista quando se debatia na adversidade e o seu programa de govêrno era inteligente, honesto e democrático. Exercia eu nessa época o cargo de secretário geral na Ilha Terceira, devendo a minha nomeação, um pouco à minha convivência com Barjona de Freitas, mas principalmente e sobretudo à camaradagem afectuosa de Jaime de Séguier e à estima literária de António Rodrigues Sampaio. Subindo ao poder os progressistas, fui transferido dos Açores para Viana do Castelo e eleito deputado daí a meses. Por desventura, regressei dos Açores tão gravemente enfêrmo, que durante alguns anos me vi exausto e aniquilado. A custo fui à Câmara meia dúzia de vezes. Por incompatibilidade (que eu ignorava) entre as funções legislativas e as de secretário geral, abandonei êste cargo, com grande sacrifício para mim. Tôda a gente me supunha riquíssimo. Enganavam-se. A minha fortuna era insignificante, e a de minha mulher não era grande. E não só eu deixei o modesto cargo que me auxiliava, mas nunca mais exerci ou ambicionei outro qualquer. Quando os progressistas voltaram ao govêrno, eu quis voltar ainda ao parlamento, movido apenas por uma ideia nobre e

desinteressada: acompanhar Oliveira Martins, visto que mais do que ninguêm eu concorrera para o levar a uma acção de govêrno dentro do partido progressista. *Eu era monárquico, não por ideal, não por sentimento, mas porque uma forma de govêrno mais elevada e democrática se não ajustava ainda às circunstâncias do país.* Os códigos representam ou devem representar a equação jurídica dos costumes. Os direitos passam, não dos códigos para os costumes, mas dos costumes para as leis. Fazer contínuamente e evolutivamente essa equação, cristalizar em leis progressivas todo o progresso que vai nascendo, eis a tarefa de quem governa. Quando o progresso se realiza nas almas pelo esfôrço individual e colectivo, e os governos não só o não traduzem em leis, mas o perseguem e querem aniquilar, a ordem e o bom equilíbrio da sociedade exigem lógicamente a revolução. Ora eu acreditava que dentro da monarquia de D. Luís se podia tentar ainda uma obra fecunda de ressurgimento, dedicando-se a ela um grupo de homens de vontade, fortes pela inteligência e pelo carácter; e visionava em Oliveira Martins o chefe perfeito, o homem de estado superior. A ilusão foi dupla». (1)

(1) V. *A execução de uma quadrilha*, artigo publicado em 23 de abril de 1910 no jornal portuense *A Pátria*, e do qual se fêz uma tiragem especial.

*

* *

Não existe ainda um livro biográfico sôbre Guerra Junqueiro; há apenas, espalhadas por diários e revistas, notas sôltas, escritas por admiradores do Poeta e quási sempre inspiradas em palestras com êle próprio, o que lhes dá importante cunho de autenticidade.

Vamos transcrever alguns dêsses documentos, começando por um artigo do sr. Luís de Magalhães, publicado em *O Occidente* de 21 de Agosto de 1885:

«O seu espírito transparece-lhe na fisionomia expressiva e cheia de carácter. Um notável poeta escrevia a um dos meus amigos que o feitio poético de Junqueiro se explicava pela conformação especial da sua maxila inferior. Larga, saliente e angulosa como a queixada de um sátiro, ela dá-lhe ao rosto uma expressão sarcástica, profundamente marcada. Junte-se depois um nariz adunco, e um olhar de vivacidade estranha, a uma cabeça pequena, larga na fronte e curta na altura do rosto quási triangular, e terão — como já alguêm observou com muita justeza — uma perfeita fisionomia de ave irónica... Se a sua fisionomia revela o carácter do seu espírito, os seus gostos, sobretudo no *bric-à-brac*, que nêle é uma paixão fervente, denunciam-nos o seu feitio artístico. As suas tapeçarias preferidas, as suas

porcelanas e faianças favoritas, os seus *bibelots* predilectos, são os orientais. Essa arte fantástica, monstruosa, bizarra, estranha, com um desenho violento e atrevido, com um colorido bárbaro quási sem tons, em que as côres se chocam em contrastes duros... essa arte é aquela que mais quadra à sua fantasia arrojada e ardente, ao seu génio hiperbólico e antitético, no fundo do qual há tambêm um forte sentimento naturalista e uma grande percepção da realidade. As suas descrições e os seus quadros são sempre largos e crus. Atira os adjectivos sôbre o papel como chapadas de tinta. São grandes manchas opulentas, expressivas, berrantes, que êle se não dá ao trabalho de esbater ou tonalizar... Mesmo quando pinta a realidade é hiperbólico, e as suas côres teem uma intensidade que chega ao exagêro. A sobriedade é para êle um sinónimo de pobreza, e ri-se dos que a recomendam, pondo-lhes na bôca estes «conselhos académicos»:

> Procurai com todo o esmêro
> A sobriedade, o aticismo:
> Um gigante é um exagêro
> E um vulcão é um gongorismo.»

*

* *

Na revista *Os Serões*, n.º 4, referente a Outubro de 1904, publicou o sr. Júlio Brandão um interessantís-

simo artigo biográfico, a que pertencem os seguintes períodos, onde principalmente se alude ao gôsto do Poeta pelas antigualhas artísticas :

«... O grande poeta não tem hábitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Ângelo ; deita-se tambêm cedo. Faz versos *quando êles querem* — costuma dizer... E' andando que Guerra Junqueiro compõe grande parte dos seus poemas. Passeia imenso, numa constante laboração mental. Tem as pernas infatigáveis de um *globe-trotter*. É muitas vezes passeando que expõe as suas teorias scientíficas, as suas descobertas estranhas, que mais de uma vez precederam de anos as de grandes homens-de-sciência europeus...»

«... A casa do extraordinário poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples: grandes estantes cheias de livros de arte e de sciência, algumas gravuras nas paredes, e uma mesa de pinho sôbre que poisam alguns retratos queridos: Tolstoi, Hugo, Renan, Pasteur, Luisa Michel... Das suas magníficas colecções de faianças, dos seus rutilantes contadores hispano-árabes, do seu mobiliário e dos seus quadros, apenas o Poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu de arte gótica...»

«... O grande poeta possui o único retrato do Santo Condestável, que êle tão épicamente cantou em tercetos imorredoiros... A escultura em madeira, que o

autor dos *Simples* pôde adquirir também, é de-certo única. O Condestável teve, efectivamente, muitas estátuas, adoradas nos altares de todo o Reino; mas, com o domínio dos Filipes, desapareceram tôdas... A estátua de madeira que o grande poeta possui (e que pensa deixar, com o retrato, ao Museu das Janelas Verdes) não oferece dúvida ser do Condestável.»

«Guerra Junqueiro não foi um *bric-à-braquista* no sentido trivial da palavra. Procurava nas formas antigas ou perdidas da arte uma sugestão superior de beleza. Nessas conquistas de *bric-à-bric*, Guerra Junqueiro foi bastas vezes heróico. Há anedotas de uma graça infinita. Algumas se passaram na Espanha. Quando Junqueiro juntava a sua maravilhosa colecção de faianças, alguêm, que ia pernoitar na estalagem de *Villa Vieja*, preguntava ao estalajadeiro quem havia por companheiro na pousada. O homem respondeu que era um sujeito de borjaca, que andava com um burro à arreata, a encher os alforjes de antigualhas. Ficou o Português a parafusar na identidade dêsse desconhecido ferro-velho, até que lhe apareceu o nosso grande poeta, que no dia seguinte lá partiu pelas ruas tortuosas, pregoando: ¡ *Quien tiene para vender cuencas, palanganas, médias-fuentes!*... Abriam-se as adufas. E, como nos tempos do Cid, espreitavam os rostos morenos das raparigas, e os das velhas, que ainda tôdas são bruxas. O poeta erguia o grito claro, ao sol formoso: ¡ *Cuencas, palanganas, médias-fuen-*

tes! E logo as adufas desciam. Nas ruas, no adro, os magotes rodeavam Junqueiro, ao sol fulgente, num quadro sobêrbo de colorido e pitoresco. E *Villa Vieja* ficou, dessa vez, sem um prato...»

«Seria difícil relatar tôdas as anedotas que lhe atribuem — *o cisco da vida,* como diz hoje o Poeta. Certo dia, já depois das transigências de António Rodrigues Sampaio, numa roda de amigos em que estava o grande jornalista, Guerra Junqueiro definia em traços esplêndidos várias individualidades de arte e de política. *Rubens,* dizia o Poeta, *é um marchante de carne olímpica. Dá vontade de se lhe dizer: Dê cá costeletas de deusa!* Então pediu-lhe alguêm que definisse Sampaio. E a definição foi esta: *Era um javali. Domesticaram-no... É um porco.*»

«Um titular, que em tempos fôra barbeiro em Coimbra, e que mais tarde versejou toscamente, encontrando o grande poeta, exclamou com ênfase: *¿ Como está, mestre?* Junqueiro sorriu nos olhos penetrantes e respondeu: *Frèguês, frèguês...*»

«É dêsse tempo a história já vulgarizada, daquele padre obeso e mastodôntico, com quem Junqueiro se encontrou num comboio. Logo começou a palestrar com o clérigo, que não tardou, bem conduzido o diálogo, a apostrofar violentamente o autor da *Velhice*... Pela sua banda o poeta também amaldiçoava o energúmeno, e deixava extasiado o padre, que assim via atacado por um homem ainda moço, e de tamanho

talento dialético, o poeta do mundo que êle mais odiava. Comovido, encantado, aceitou que tirassem os dois uma fotografia: — queria possuir um retrato junto ao de tão poderoso engenho... Os senhores estão a ver a cara do homem, quando lhe disseram que aquele retrato era de Junqueiro, o endemoninhado!»

*

* *

Sôbre Guerra Junqueiro como lavrador, e como conversador genial, informava assim outro ilustre escritor, o sr. Raul Brandão, num artigo publicado em *O Dia*, pelos fins do ano de 1902:

«A Barca d'Alva não é ainda uma Tebaida para o poeta. Os senhores vão agora conhecê-lo sob êste aspecto novo — agricultor. A Barca é-lhe mais que um refúgio; é (palavras que fazem bater o coração de todos os homens) o futuro dos seus filhos. E Junqueiro, como agricultor, tem ainda génio: em pouco tempo conheceu as questões agrícolas melhor que os lavradores da região, de quem êle diz: *Plantam vinhas como quem joga na batota — ao acaso.* Descobriu um novo processo para evitar que a enxertia — *essa operação cirúrgica,* como êle lhe chama — falhe; e, sob as suas ordens, trabalham quatrocentos cavadores. Não é raro vê-lo súbito — tempo húmido, perigo para

as vides — abalar para a quinta com sacos de sulfato. Adivinha, pressente melhor a natureza que os sábios — e cria. Tudo o que toca toma sob as suas mãos um aspecto grandioso, tão certo é que os homens de génio, como diz Carlyle, são sempre superiores. Procura a terra, ama a terra. E de que maneira paradoxal êle expõe as suas teorias! Nervoso, pequeno, calcando infatigável o lagedo da Praça, a mordiscar a ponta do charuto, ¡que giganteias formas de sonho não vão surgindo àquela mágica palavra! A sua fantasia é eminentemente decorativa. ¿ *Sabem?* — dizia o poeta uma noite — ¿ *Sabem que scismo na maneira de transformar tôda a agricultura? Acabaram-se os pobres, a fome, os anos tristes. Para o vinho, de aqui em diante, não bastarão tonéis como tôrres; para o pão, arcas como casas. Uma carrada de bois será apenas suficiente para carregar uma abóbora, e um simples cacho de uvas dará vinho para dúzias de borrachões.* ¿ *Como? Aplicando às árvores, às vides, às plantas, em-fim, o método de Brown-Séquard. O sábio dá a um organismo gasto uma vida assombrosa, injectando-lhe com a maior das simplicidades a vitalidade dos coelhos, por exemplo.* ¡ *Imaginem o resultado do sistema na agricultura! Um castanheiro dura séculos, tem uma vida estranha. É mais que uma árvore — é uma fôrça. Vive nos montes. As suas raizes alastram-se vorazes; os seus ramos tocam o céu. Calcule que injecto polen de castanheiro numa vide... Obtenho logo*

uvas como as da Terra da Promissão. De um pé de melancia tiro um fruto capaz de carregar um carro. Três maçãs metem no fundo uma nau... — E eis, por uma negra noite de invernia, a natureza transfigurada pelo poder da fantasia e do sonho. A sua conversa é assim... Junqueiro na intimidade, é prodigioso de génio, de imprevisto, de elevação. Vê os factos mais simples com um olhar que os engrandece. Assombra de pitoresco e de inédito. É pena que as suas conversas, os seus fragmentos, êsses pedaços de sonho e de vida, atirados com febre, perdidos pelos cantos e de-certo esquecidos, se não possam juntar; porque dariam um dos aspectos mais extraordinários do seu génio... Pois aí o teem de novo no Pôrto, de barba hirsuta, embrulhado num velho casaco coçado, com um ar iluminado de Santo. Direis que vai prègar às multidões. Demais, já há anos que êle escrevia: *Tolstoi, o meu sapateiro...* E um dia, ao saber Camilo scéptico, Camilo com noites de sombrio desespêro, palpando a coronha do revólver, ¿ não foi de propósito procurá-lo para lhe prègar Deus? Era numa dessas tardes de Seide, shakespeareanas, de que o grande escritor fala nos *Serões*. A natura chorava, revolvida, com vozes e infinitas tristezas. O romancista escutava o poeta, mergulhado na dolorosa tinta do crepúsculo, sem um gesto — quieto, absorto, calado. Junqueiro desenrolava teorias, argumentos, explicações. Atacava-o, persuadia-o. Por fim parara exausto; e, ao

vê-lo scismar, ósseo, mirrado pelo sofrimento, pensava-o decerto convencido — quando êle, inalterável e frio, lhe disse: *Pois, Junqueiro: você convencia-me, se eu não tivesse ainda no estômago três bolinhos de bacalhau, que me estão aqui como três Voltaires...*»

*

* *

O sr. Joaquim Leitão, num artigo datado de 1904 e publicado na página literária do *Século*, de Lisboa, depõe assim sôbre as barbas compridas e o pseudo-tolstoiismo de Junqueiro:

«Homens já de um ponderado carácter, que sabem, por si próprios, o que é a história progressiva de um espírito, sendo por isso mesmo de mais sereno julgar, declaravam francamente: *Não posso: não posso tomar a sério o Junqueiro, por ver que êle anda a caricaturar Tolstoi, até às barbas e à cabeleira.* Num país de aparências, êsse argumento tem o perigo de fazer carreira, se se não disser como foi natural essa transformação da carinha escanhoada, de banal secretário de Embaixada, como corre no grupo dos *Vencidos*, nesse actual medalhão das suas *Orações*... Os duros exílios da Barca d'Alva, com as suas insidiosas surpresas palustres sopitando por 'li, ao pé dos seus vinhedos,

desabituaram-no da navalha dos *Fígaros* portuenses. Donde o Poeta, por não andar sempre a mudar de cara, ora com rosto de galã, ora barbaceno como um tirano, dar liberdade à barba... As gerações que, começando a marchar com êle, ficaram dentro em pouco para o lado, esfalfadas, sem poderem acompanhar as caminhadas de almocreve que o espírito infatigável e sempre moço de Junqueiro levava, ao encontrarem-no, de longe em longe, numa das suas guinadas de águia pela terra baixa, atribuiam as suas prédicas de sábio quási santo a uma febre da sua ironia... E como o homem, em Portugal, geralmente, mesmo o homem de sciência, deixa de ler ao sair da escola: *Pode lá ser! um poeta arvorado em homem de sciência do pé para a mão!* Ora, em tôdas as suas obras há a marcha irisada dessa germinação de um espírito que se dirige à perfeição. E há até depoimentos auto-biográficos dessa evolução, bem antigos, por sinal. Mas as multidões não suspeitam sequer o que é êsse labor dum artista, derreado anos e anos sôbre a banca, a devorar bibliotecas inteiras... *Entre fazer arte e britar pedra* — dizia-me uma vez Guerra Junqueiro — *britar pedra é cortar manteiga*... — Continuam a ler-se artigos apoteóticos em que Junqueiro é aclamado como um «místico», um «santo»; e à tona dos elogios bóia a confusão do tolstoiismo em que à viva fôrça o querem alistar... Ora nada mais oposto do que os autores da *Oração à Luz* e da *Felicidade Coujugal*: um nasceu

nas retortas dos físio-biologistas; o outro é a geração espontânea do Evangelho. E há nove anos que, ao entusiasmo que o ardor infantil da minha estreia literária mostrava por Tolstoi, Junqueiro replicava:

«— ¡Tolstoi, sim, Tolstoi!... E' muito, mas ainda não é tudo. Tolstoi não me satisfaz: vê apenas o Homem no Universo...

«E o ano passado, num almôço de filosofia que me ofereceu em Vila do Conde, acrescentava:

«— Sim, isso para a Felicidade Humana. ¡Mas não basta que o Homem seja feliz! ¿E as feras? e as pedras? e os mares? e os peixes?... E, uma vez feliz a Terra, os outros planetas?... E os sóis?...»

*

* *

Sôbre a filosofia de Guerra Junqueiro dizia ainda o sr. Júlio Brandão, no já citado artigo dos *Serões:*

«A sua filosofia reduz tudo a fenómenos morais e religiosos. Uma *ética cósmica* — no seu próprio dizer. Os seus autores preferidos são naturalmente Empedocles, Plotino, Spinosa, Leibnitz, Schelling e Schopenhauer. S. Francisco de Assis e Beethoven são os homens que êle admira. Cristo e Buda são para êle os símbolos supremos dos super-homens. Em arte as suas

predilecções vão de Ésquilo até Dante, Shakespeare, Hugo, Goethe, Shelley, Camões, Antero, João de Deus, Michelet, Carlyle, Emerson, e tôda a poesia popular».

«...Nos objectos de arte plástica que hoje possui, como nos escritores, nos músicos que prefere, se sente esta sua maneira de ver a Arte: — *Ela vale mais ou menos, segundo a porção de amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza tôda: homens e monstros, águas e árvores, pedras e nuvens, sóis e nebulosas — com verbo infinito e perfeito, o único verbo criador, que é o verbo* AMAR. O universo atómico, partículas inúmeras e vagabundas, fraterniza em Deus, unificado numa só alma e num só corpo...»

*

* *

No dia 31 de Maio de 1919, tendo-me dado a honra de receber-me na sua casa da rua de S. Luis, em Lisboa, Guerra Junqueiro dignou-se conversar comigo durante cêrca de duas horas, falando-me demoradamente da sua filosofia.

O que vai ler-se, escrito sôbre apontamentos que tomei mal nos separamos, é a súmula, decerto imperfeita, do que a tal respeito ouvi do grande poeta.

Guerra Junqueiro considera a sua obra inteira como uma unidade perfeita, mas uma unidade que evoluiu e

progrediu. Dessa obra ignora porêm o público a parte principal, constituida pelas suas conclusões filosóficas, resultantes de meditações e estudos a que o poeta se entrega há mais de vinte anos e que estão ainda, a bem dizer, inéditos, não obstante encontrarem-se completos e perfeitos no seu espírito.

Guerra Junqueiro define assim o resultado dêsses trabalhos: um sistema completo de filosofia, como o de Comte; uma metafísica que partiu da física para chegar a uma biologia, a uma moral e a uma cosmogonia, tomando por base todo o progresso scientifico do último século.

—Com êsse progresso (diz o poeta) me familiarizei quanto pude, pela leitura assídua e longa de tratados modernos de tôdas as sciências e de muitas revistas especializadas, que me punham a par dos últimos descobrimentos e das mais recentes afirmações e pontos de vista. Durante êste estudo algumas soluções novas encontrei, e muito importantes, sobretudo no domínio da física e da biologia.

Quatro mil páginas almassas de apontamentos constituem o cabedal de trabalho escrito, resultante de estudos e meditações de tantos anos. Eu sabia já da existência dêsses preciosos manuscritos, cuja guarda Guerra Junqueiro confiara algum tempo a um banco suisso, quando saiu de Berna, onde residira como ministro da República, desde a implantação do actual regime até pouco antes da explosão da guerra europeia.

— São os *processos* do meu inquérito sôbre a vida e o mundo — diz-nos Guerra Junqueiro. Ou antes: são os *processos* das próprias soluções que eu procurava dar aos problemas filosóficos. Cada um dos grandes capítulos da minha metafisica está por mim desenvolvido nesses papéis, onde eu lançava as minhas opiniões, sujeitando-as em seguida a rigorosas contra-provas, fazendo-me, depois de meditado qualquer assunto, o cardial-diabo da minha própria maneira de ver, e reformando-a, substituindo-a, ou reforçando-a, segundo as conclusões da auto-discussão ou auto-crítica assim feita. Por isto lhes chamo «processos». Mas êsses papéis não serão publicados, ou não o serão, pelo menos, em minha vida. Tenciono legá-los ao Estado em testamento, e contentar-me hei de aplicar a existência que me resta na elaboração da síntese ou resumo da minha filosofia. Dentro de breves dias vou partir para a minha casa do Pôrto, onde começarei a escrever êsse livro, que terá apenas umas duzentas e cincoenta páginas e deve estar pronto dentro de um ano, ou ano e meio. Não posso fazer mais, e bem contente ficarei se fizer tanto; porque, do contrário, e apesar da obra poética que tenho publicada, se não conseguir levar a cabo êste trabalho, *morrerei desconhecido*...

Impressionou-me esta frase, como é natural; e logo preguntei ao poeta-filosófo se não seria mais sensato, mais prudente e mais justo rodear-se êle de um grupo de amigos consubstanciados com a sua maneira de enca-

rar ou explicar o mundo e a vida — uma espécie de restrita academia de especialistas, que se ocupasse a tratar os grandes problemas causais ou finais de cada sciência, de acôrdo com a visão junqueiriana do grande todo.

Respondeu-me que tinha algum tempo encarado e estudado essa solução; mas que, afinal, optara pela outra, que é a mesma no fundo, ou lhe equivale: publicado o esbôço, resumo ou esqueleto da sua filosofia, os especialistas das várias sciências da natureza e do homem, uma vez compenetrados dela, poderão vestir de especialização e desenvolvimentos os esquemas que lhes vai deixar, no seu livro em projecto adiantado.

O leitor que há muito se não cansa de admirar Junqueiro-poeta e agora está ansioso por travar conhecimento com Junqueiro-filósofo, tem, pois, de esperar alguns meses antes de poder satisfazer a sua justa curiosidade. Mas, se quiser ir adiantando serviço, recomendo-lhe que procure e leia, como indicativos do sentido em que se move a doutrina filosófica do Mestre, alguns dos seus escritos esparsos: o prefácio de *Os pobres* de Raul Brandão; a biografia «espiritual» de João de Deus, publicada no n.º 5 da *Atlântida;* o artigo sôbre Anthero de Quental inserto no respectivo *In Memoriam;* o opúsculo *O Monstro alemão*, inspirado na guerra última; o artigo sôbre *os grandes homens*, que vem no *Comércio do Porto Ilustrado*, Natal de 1913; e outro intitulado *Herculano*, na mesma publicação, Natal de 1918.

*

* *

A respeito da sua obra poética disse-me o snr. Guerra Junqueiro o seguinte, na mesma entrevista da rua de S. Luís, em Maio de 1919:

—«Versos, não mais os poderei fazer; e a principal razão é que a minha memória sofreu com a idade um enfraquecimento grande e hoje já não tenho presentes no cérebro, como tinha de antes, tôdas as rimas e tôdas as imagens.

«Os dois poemas que completam a minda obra poética existem em pequenos fragmentos apenas, e já os não poderei escrever inteiros. São o *Prometeu Libertado* e o *Caminho do Céu*. O mais que espero poder fazer, e tenciono fazer, é publicá-los quási todos em prosa — prosa expositiva do que seria cada uma das partes ou cantos de cada um dos poemas; e se durante êsse trabalho alguma dessas partes ou cantos, concebidos mas não realizados, «me sair» acaso já em verso, tanto melhor.

«O *Prometeu Libertado* é o complemento dos poemas *Velhice* e *Pátria*. O *Caminho do Céu* é o complemento dos *Simples*. A *Velhice* foi uma explosão de cristianismo exacerbado, ou exasperado. E' um livro de mocidade, escrito aos trinta ou aos vinte e tantos anos. Hoje não o faria assim. Depois de o escrever co-

nheci melhor S. Francisco de Assis e compenetrei-me de que a Igreja, que mereceu ter por si uma tal alma de super-homem, é alguma cousa de maior e melhor do que eu supunha então.

«A *Pátria* e os *Simples* são os meus melhores livros. No período em que os fiz a minha inspiração tinha tal facilidade, exuberância e profundeza, que eu poderia fazer quanto quisesse. Entre fazer a *Pátria* e escrever o *Prometeu Libertado* hesitei muito. Por fim decidi-me pela *Pátria*, que é a visão do momento histórico português *sub specie æternitatis*. Tôda a minha obra tem uma grande significação moral e aquele livro era o que eu devia, naquele momento, à minha pátria. Era necessário, era urgente, e por isso o fiz, adiando para mais tarde a elaboração do outro, mais humano, mais geral ou mais filosófico.

«Nos versos da *Pátria* pus em forma ideal o problema português: o acesso da nação à santidade, a afirmação de serem crimes, na nossa história, o que em geral se considera como glórias:

«Minhas glórias!... infâmias e vergonhas
De ladrão, de pirata e de assassino!»

Os *Simples*, concebidos e realizados em estilo popular, são uma obra de inspiração scientifica onde não há um vocábulo scientifico, e um livro de filosofia em que não aparece uma expressão de filósofo. Épico e

filosófico na *Pátria*, popular e bucólico nos *Simples*, manterei no *Prometeu Libertado* e no *Caminho do Céu* êste paralelismo das duas maneiras de realizar a mesma unidade de pensamento.

Pelo que respeita à técnica ou versificação, os dois poemas que não chegarei a realizar completos apresentariam grandes novidades. As descrições que já tenho versificadas são feitas em verso livre ou branco; só os passos que constituem acção ou drama seriam rimados. Mas aquele verso branco tem, pelo emprêgo de assoantes e aliterações, uma grande riqueza de expressão métrica, e é, por dizer assim, rimado sem o ser. Além disso a harmonia maior ou menor do verso acompanhará proporcionalmente a maior ou menor harmonia do próprio assunto.»

*

* *

Foram colhidas ainda na mesma inolvidável palestra as seguintes interessantíssimas observações a respeito de Eça de Queiroz:

«A sua melhor obra são as *Prosas Bárbaras*, por que é êste, de todos os seus livros, aquele em que há mais absoluto.»

«O Zolaismo torceu-lhe a vocação.»

«A *Cidade e as Serras* é uma reconsideração, mas

uma reconsideração filha da fadiga e da doença; um arrependimento de fraco e não uma redenção de homem forte, que arrepia caminho e empreende com ímpeto uma nova jornada.»

«*Retratista admirável*, eis o melhor qualificativo que se pode dar a Eça de Queiroz como artista.»

*

* *

Que nos conste, só uma vez foi Guerra Junqueiro acusado de plagiato; mas essa acusação era grave, porque partia de Camilo, que a estampou no seu *Cancioneiro Alegre*, onde pode ver-se a pág. 2 e seguintes da edição de 1879.

A justificação cabal do Poeta, feita por êle próprio, encontra-se nas seguintes linhas, que transcrevemos do já citado artigo *A execução de uma quadrilha:*

«No mesmo número, dirige-me o «Povo d'Aveiro» outra acusação, a única que de boa fé, por simples ignorância, me podiam levantar, visto que se baseia no testemunho do «Cancioneiro Alegre» de Camilo Castelo Branco. O grande escritor, numa hora de irritação, mas julgando no em-tanto que dizia a verdade, acusou-me do furto de dezasseis versos ao poeta Luís Carlos Simões Ferreira.

«Mas Camilo enganava-se. O roubado não fôra Luís

Carlos, tinha sido eu. Demonstrei-lho, pondo-lhe diante dos olhos as provas claras e indiscutíveis. Aí vai a história do caso:

«Em 1872, num almanaque de Saragoça, publicou Luís Carlos, com o seu nome, quatro quadras intituladas — *Na cruz alta do Bussaco* — e com a designação de improviso, que eu dera à luz já em 1867, nas *Vozes sem Echo*. Era a mesma poesia, sem uma única emenda ou alteração. Um roubo flagrante.

«Ora aconteceu que o autor do *Guia do Bussaco*, lendo os versos no almanaque espanhol, pediu licença ao Simões Ferreira para os transcrever. Êste balbucia, recusa. O outro insiste. Por fim Luís Carlos, não tendo pretexto algum para se furtar ao pedido, consente; mas com a condição de emendar os versos. Queria ver se de tal modo passava o caso despercebido. Para mim passou, porque não conhecia o *Guia do Bussaco*, nem ninguêm me falara em semelhante cousa.

«A história, é clara como água. Basta comparar as duas versões, a do almanaque e a do *Guia*. Mudou o título à poesia, eliminou a indicação de «improviso», modificou os versos, para pior, e pôs-lhes a data de 1860.

«Não tenho presente o almanaque de Saragoça de 1872, que se intitulava, creio eu, *Almanach Democratico*, porque o entreguei a Camilo e ficou com êle. O grande escritor reconheceu espontâneamente o injusto agravo que me fizera; e as nossas relações tornaram-se de novo, como de antes, cordealíssimas.»

II

O Poeta e a crítica

Num artigo publicado quási a seguir ao aparecimento da *Velhice do Padre Eterno* (*O Ocidente* de 21 de Agosto de 1885) acentuava o sr. Luís de Magalhães que o carácter literário dominante em Guerra Junqueiro é o sarcasmo:

Quando há onze anos um bacharel formado em direito, saíndo da Universidade com as suas cartas em ordem debaixo do braço, em vez de ir à Arcada pedir um emprêgo apareceu na imprensa a trovejar como um profeta, em versos incandescentes, contra as injustiças e as misérias sociais, contra a fome e contra a prostituição, contra o don-juanismo torpe e contra o tartufismo viscoso — correu pelo país inteiro um calafrio de terror...

«O seu livro efectivamente caía sôbre as nossas convenções sociais e literárias como a gargalhada estridente e cáustica de um demónio... Em-quanto os vates de reputação oficial còravam de vergonha perante o impudor dessa musa demolidora das convenções, a gente nova, num arrebatamento entusiástico, aplaudia,

vitoriava o moço poeta, radiante e glorioso no seu ímpeto sublime, como êsses jovens generais da república francesa. Tinha vinte e três anos, e era um mestre... A renovação poética suscitada pela *questão coimbrã* ia dando os seus frutos. E a obra que João de Deus fomentara, abrindo ao lirismo um novo horizonte livre, e que depois Antero de Quental e Teófilo Braga haviam completado, ampliando o campo da poesia e tornando-o suficientemente vasto para nêle se agitarem as inspirações do pensamento, continuava-se agora na *Morte de D. João* com carácter diferente, mas com o mesmo espírito de revolta e liberdade... Se Guerra Junqueiro é grande na poesia lírica—na sátira então é culminante, é genial. Se a crítica pode achar vestigios de uma escola na parte da sua obra em que domina a nota dramática ou a lírica — nos seus versos, onde a ironia impera e onde o sarcasmo casquina mordazmente, não é possível descobrir uma linha de filiação qualquer: aí a originalidade e a personalidade são absolutas».

*

* *

Do carácter literário de Guerra Junqueiro se ocuparam com maior desenvolvimento dois críticos portugueses eminentes: Moniz Barreto, na *Revista de Portugal*, e o sr. Fidelino de Figueiredo, na sua *História da Literatura Realista*.

O malogrado Guilherme de Moniz Barreto compara o poeta da *Morte de D. João* expressamente com Gomes Lial e implícitamente com Antero de Quental:

«A superioridade dessa alma (a de Antero) é não ser impressionada senão pelas grandes coisas e não se deixar mover senão pelos grandes interêsses. O Universo na sua totalidade e na direcção final do seu movimento, o Homem e o seu destino, a função espiritual dos pensadores e dos poetas contraposta à esterilidade rotineira do sacerdócio tradicional; a magna luta da igreja católica com o espírito moderno, o estertor de um passado que agoniza e o vagido vitorioso de um porvir que rompe da entranha fendida do século: eis as inspirações das *Odes Modernas*. E essas inspirações não são um pretexto para as tiradas convencionais de uma estreia ambiciosa... É que a sua imaginação é metafísica, anda nêle ligada a profundos instintos morais, isto é: à consideração preponderante do alcance dos actos e do valor da Vida. Estes dois traços combinados produzem a disposição religiosa, que resulta da introdução das preocupações práticas numa alma metafísica e que consiste na adaptação de uma teoria do Universo à explicação do destino humano. O sentimento religioso inspira de uma ponta a outra todos os seus escritos... Antero de Quental, por alguns lados do seu espírito, atinge a aptidão épica. Contudo não se ensaiou na epopeia, e por ventura fêz bem,

Êste género literário foi porêm tentado com êxito incompleto e talento manifesto por dois escritores que tiveram o seu momento de reputação ruidosa (Guerra Junqueiro e Gomes Lial). Quando se procura a fórmula do espírito de Guerra Junqueiro, acha-se que êle é muito mais orador do que poeta, e que tem muito mais eloqùência do que imaginação.»

«Que o leitor pegue no seu primeiro poema *(A Morte de D. João)* e, reagindo contra a fascinação da forma, que o subjugará à primeira leitura, se aplique à análise directa da obra na sua concepção fundamental, na composição das suas personagens, no processo das suas descrições, no mecanismo do seu estilo e na estrutura da sua métrica. Se levar a cabo êsse trabalho, verá que não encontra nela nem essas criações sintéticas e essas figuras cíclicas em que se se assinala a imaginação épica; nem êsses caracteres vivos e essa sciência do coração que resulta da imaginação psicológica; nem essa nitidez de contornos e êsse esplendôr de colorido que acompanha a imaginação física; nem essa torrente caudal de emoções profundas que deriva de um verdadeiro temperamento lírico. Mas, em compensação, terá de admirar os recursos de expressão, a sumptuosidade e o vigor da frase, a rica pompa e a correção magistral do verso, a sábia gradação dos efeitos e em-fim a arte consumada de formular, intimar, ornar e lançar à circulação um tema poético. Um vocabulário escolhido e nobre, uma adjectivação abundante e nova

uma trópica audaciosa e engenhosa, uma sintaxe regular e ampla, versos de bronze e rimas de cobre — eis o segrêdo do seu prestígio, mesmo sôbre aqueles que estão prevenidos por profissão e por hábito. Se se procura um veio de verdadeiro sentimento poético na *Morte de D. João*, encontra-se no lirismo amargo, sensual e mórbido do protogonista. Mas quem quiser ver a manifestação do dom fundamental do seu espírito, excluída a faculdade de expressão, terá de considerar as suas composições satíricas. Nelas se revela uma verdadeira aptidão de sarcasta, e a despeito do carácter artificioso de alguns expedientes na invenção e expressão da ironia, acha-se que esta é a sua verdadeira vocação.»

«E se na *Morte de D. João* Guerra Junqueiro manifestou mais reais dotes de poeta, na *Velhice do Padre Eterno* deixou um mais vivo documento de si mesmo. — A outra tentativa épica é a de Gomes Lial. Nenhuma das qualidades que fazem um poeta, e um grande poeta, faltam a êste artista superior e desigual. Livro extraordinário (o *Anti-Cristo*, de Gomes Lial) sulcado de relâmpagos de génio, superior e ilegível, cheio de concepções e quadros que fariam a glória de um grande poeta, mas tão mal feito, tão carregado de repetições e loucuras, tão inçado de faltas de gôsto, tão claudicante na gramática e na métrica, que a maioria dos leitores o abandona em meio... E se o crítico acha que a reputação poética de Guerra Junqueiro é superior aos seus méritos, como a de Gomes Lial é infe-

rior ao valôr próprio, é tambêm forçado a confessar que o primeiro só a deve a si, e o segundo não tem que se queixar senão de si mesmo».

*

* *

Entende o sr. Fidelino de Figueiredo que o carácter de *arte de combate* que tem a *Morte de D. João* e a *Velhice do Padre Eterno* deram à poesía de Junqueiro nestes dois livros «*uma côr partidária — ¿porque não intolerante e sectária? — que para logo a restringia a um público determinado e a um determinado momento histórico. Uma e outra obra sofreram, na sua beleza, na sua impassibilidade, e na sua verdade e perduração, com êsse ponto de vista.*»

Sôbre a estética da *Morte de D. João* diz o ilustre crítico:

«O sr. Guerra Junqueiro, fundindo o lirismo épico de Vítor Hugo e o satanismo de Baudelaire, pelo arrôjo das suas imagens, praticava esta novidade tão mal recebida de uma parte do público literário e tão entusiásticamente apoiada por outra, de meter a prosa na poesia. Cães vadios, a prostituição, a nudez gangrenosa, a vala comum, os hospitais, a valeta, tudo que até então, na poesia portuguesa, fôra sistemáticamente afastado do âmbito dos temas literários, era acolhido

no poema do sr. Guerra Junqueiro, que nos seus alexandrinos vibrantes extraía a essas podridões belezas inconcebíveis. Não havia só satanismo, nessa irreverência e nessa concepção de uma sociedade composta de lupanares e quartéis; havia também muita influência e exagêro do Realismo, que na sua reacção contra a escolha apurada que o Romantismo fazia dos seus motivos, se comprazia em descer ao campo oposto.»

Um processo muito de Junqueiro é, segundo o sr. F. de Figueiredo:

«... exprimir sentimentos e ideias muito complexas numa grosseira imagem, tirada do que há de (mais) comum, mais rasteiramente cotidiano:

O Sol aplica à terra
Um cáustico de brasas.

«A reforma religiosa em Inglaterra, separando a igreja inglêsa da tutela romana, é assim figurada:

E John Bull, por exemplo, um pouco mais modesto
Manda ao diabo a botica e faz a droga em casa.

«Êste processo é conseqüência de duas principais causas: influências literárias do satanismo sarcástico; constituição mental do sr. Guerra Junqueiro, um satí-

rico e um espírito que se compraz no encadeamento de imagens visuais, muito concretas, muito representativas.»

Falando do *Finis Patriae*, considera o sr. Fidelino de Figueiredo o poemeto *A' Inglaterra* como «*uma maldição de uma veemência inexcedível, pela brutal energia das imagens, pelo ímpeto do ódio destruìdor que a anima, únicos na literatura portuguesa.*»

«Como obra doutrinária a *Pátria* (diz o mesmo crítico) é de um valor muito secundário, e valor secundário que hão-de forçosamente ter tôdas as generalizações improvisadas da história de um país, a qual está ainda de todo por fazer; valor secundário agravado pelo melindre de tratar um assunto, cuja verdadeira história é ainda ignorada. Porêm, para compensar essa fraqueza do poema, o seu lado artístico destaca-se e impõe-se. Só um poeta de génio, num momento de grande exaltação de sentimento e de imaginação criadora, conseguiria fazer obra de arte, e obra de tanta arte, sôbre um acontecimento contemporâneo, que a imaginações vulgares só poderia sugerir artigos de jornal, discursos e panfletos... A sátira mordente, o cinismo torpe, o mais chão egoismo, o mais alado lirismo, tódas as notas fortes da alma humana vibram nesse poema, todo bafejado de um hálito trágico. Só nos tercetos do Condestável, quando o poeta faz a apologia da virtude ingénua e casta, e implicitamente

levanta um hino à intervenção dos heróis — no que segue ainda Oliveira Martins — a sua inspiração é menos fluente, a forma menos clara e menos poéticamente incisiva.»

A respeito de *Os Simples*, diz:

«São uma obra de calma emoção, o reverso das cóleras e carcasmos da *Pátria*. Do poema diz o autor, concluindo uma nota final: *tentei uma obra de arte que fôsse ao mesmo tempo absolutamente individual, ingénitamente portuguesa, e vasta e fundamentalmente humana*. E realizou integralmente o seu fito. É uma obra individual, porque nasceu de um estado de espírito absolutamente subjectivo, do autor, em que dominava determinada aspiração que anima todo o poema, que é mesmo o seu sentimento dominante, e como que a sua justificação; é uma obra nacional, porque os quadros rústicos são recortes coloridos e idealizados da província portuguesa, da sua paisagem, dos seus costumes, da sua psicologia, do seu viver; é, finalmente, uma obra humana, porque traduz um estado de alma, que todos os que pelo pensamento vivem e dêle sofrem, que todos que atravessam com dor um mundo de maldade e de ilusão, teem alguma vez experimentado: — a ansiedade da vida simples, sem cuidados, nem dúvidas.»

Sôbre as *Orações:*

«... Inauguravam uma nova estética, inteiramente nova na poesia portuguesa, uma espécie de misticismo

panteísta, mas interpretado de um modo muito pessoal... ¿Que propõe o Poeta? Que a poesia transponha os seus limites humanos, e na vida universal, explicada pela sciência, e vagamente idealizada pela religiosa admiração do homem, busque novos motivos. Êsses motivos hão-de forçosamente ser poucos, e, sobretudo, pobres de emotividade, visto que o homem em tôda a parte procura a representação da sua vida, com os seus eternos dramas entre o bem e o mal. O que de belo existe nessas orações é o que lhes comunica o estro do sr. Guerra Junqueiro, como também o naturalismo de Zola, estéticamente um êrro, deveu ao próprio temperamento de Zola a sua beleza. Só o sr. Guerra Junqueiro podia representar poéticamente a síntese do oxigénio e hidrogénio pela faísca eléctrica:

Almas das águas, quando se casaram,
Foi com beijos de luz que se beijaram.»

*

* *

Iniciou a sr.ª D. Luísa Ey, que por longo tempo residiu em Portugal e hoje é professora *(Lektor)* de língua e etnologia portuguesa na universidade de Hamburgo, a publicação de uma colectânea intitulada *Modernos autores portugueses*, editada pela casa de Julius

Groos (Heidelberga), e cujo programa é o seguinte: tornar conhecidas do leitor alemão as modernas literaturas, tanto portuguesa como brasileira, alternando-se em trechos característicos um romancista com um poeta lírico ou épico, um dramaturgo com um historiador ou crítico de arte, e devendo ser também considerada a literatura «folklorista».

Saiu já nesta colecção, cuja iniciadora é digna do nosso reconhecimento nacional, por tornar assim conhecida lá fora a boa literatura portuguesa, um volume consagrado a *Trindade Coelho;* e acaba neste momento de publicar-se outro com largas transcrições de *Guerra Junqueiro,* precedidas de assaz desenvolvido preâmbulo crítico, de onde traduzimos, com a devida vénia, os seguintes períodos:

«Foi Guerra Junqueiro considerado como a encarnação *da alma portuguesa*, o que me não parece absolutamente certeiro. Tal denominação caberia sem dúvida melhor a Bernardim Ribeiro, Cristovam Falcão, Almeida Garrett ou João de Deus, e, acrescentemos, a António Nobre, em quem se revela a alma portuguesa tal qual hoje é: sonhadora, passiva e como adormecida numa meia inconsciência da realidade, que a arrasta para a crença fatalística no *tinha de ser*, para a esperança num *amanhã* que nunca chega, ou se transforma, quando alvorece, num *hoje* como os outros — para a expectativa do *Desejado*...»

Depois de citar, como influenciados por Guerra Junqueiro, os poetas Queiroz Ribeiro, Cândido Guerreiro e Corrêa de Oliveira, e de pôr em relêvo, pela rápida análise de obras sucessivas e tão diferentes como a *Velhice* e os *Simples*, a complexidade do estro junqueiriano, diz a sr.ª D. Luísa Ey:

«...A *Morte de D. João* trata um problema que mal devia ter merecido a honra de ser contado .. Na *Velhice*, como em *D. João* e na *Pátria*, a par de muitas cousas repulsivas *(viel Abstossendem)* que folgaríamos de lá não ver — tão absolutamente supérfluas e infundadas nos parecem por vezes — topamos com quadros de tão singular novidade, com versos de tão maravilhosa beleza, que não sabemos se por amor dêstes nos cumpre perdoar ao Poeta as fealdades que temos de aceitar de contrapêso, ou se, pelo contrário, lhe deveremos querer dobrado mal, por não ter ajudado a sua musa, de asas indisciplinadas *(leicht beschwingten, ketzerischen)* a evitar aberrações.»

«Mas não ficaria completo o retrato do Poeta — como aliás o de Heine, com quem êle apresenta vários traços de semelhança — se nos limitássemos a considerar o que na sua obra nos quadra, evitando o que causa estranheza e chega a ferir-nos. Guerra Junqueiro escreve para homens já feitos e com ideias próprias. E nós temos de apreciá-lo no seu terno, religioso amor das crianças; na sua cólera severa contra as escolas,

tais como são ou foram; no seu implacável antagonismo com tôda a espécie de devoção puramente exterior; nas suas sátiras burlescas a um clero sensualão; no seu combate a todo o dogmatismo; na sua aversão à prepotência dos fortes contra os fracos; no seu respeito da natureza; no seu misticismo, sempre voltado para a Eternidade.»

«...Apesar do seu tom irrevente contra o Salvador do Mundo, ao modo de Voltaire, Junqueiro é um sincero indagador de Deus *(ein ernster Gottsucher)*.»

*

* *

O sr. Coelho de Carvalho, num artigo datado de 11 de Novembro de 1902, e publicado no periódico *O Dia*, de Lisboa, põe em relêvo a unidade de pensamento, mantida através de tôda a evolução literária de Junqueiro:

«De nenhum outro escritor sei que tenha sido em todo o decurso da sua obra literária mais igual a si mesmo, do que Junqueiro. Passando pelos diferentes períodos de diferenciação da sua intelectualidade, até chegar à completa integração em que na *Oração ao Pão* se apresenta agora, em tôdas as suas manifestações se encontra o fio contínuo da vida de uma alma, isto é: de um ser uno como Deus, se bem que

* * * *

(também como Deus) diverso na sua própria unidade. O mistério da *divina trindade*, que a Igreja impõe como dogma — não porque não seja explicável, mas porque nem todos podem compreender a explicação — é realmente a prova mais completa da existência de Deus; diferenciando-se por si mesmo, o *Pai* no *Filho* e no *Espírito Santo*, por si mesmo se integra no princípio diferenciado, que é Deus. E' por isso que tôdas as religiões superiores teem a sua trindade. ¿E as almas? Se são raras aquelas a que é concedida a faculdade superior de compreender o universo e a vida, e comunicar com as outras, dando-se-lhes a conhecer por meio da obra literária em uma ou noutra fase da sua própria diferenciação, raríssimas serão as que logrem manifestar-se em tôdas as fases, e completarem na curta vida de um homem a sua integração. Em tôda a literatura portuguesa só conheço uma alma de integral perfeição — é Guerra Junqueiro. E' curioso estudar o fenómeno assombroso, e constatá-lo. Em geral julga-se o Poeta dos *Simples* e da *Oração ao Pão* em contradição completa e absoluta com o autor da *Morte de D. João* e da *Velhice do Padre Eterno;* e não é assim. E, senão, vamos buscar a primeira obra de Junqueiro, obra de muito poucos conhecida, e em que êle nunca fala, por ser artísticamente cousa inferior, mas que é a ingénua manifestação infantil da mesma alma de poeta. Intitula-se *Mysticae Nuptiae*, versos feitos aos catorze

anos, e nêles achamos já, em embrião, o mesmo sentimento da divína unidade do universo, inspirando-lhe inconscientemente a compreensão da vida.»

«E depois, através dos livros que se vão seguindo, de mais em mais perfeitos como arte de escrever, o espírito do poeta vem desdobrando-se em diferenciações sucessivas, embora rápidamente: de ironia e de sarcasmo, como na *Morte de D. João* e na *Velhice do Padre Eterno;* de doce bondade, como na *Tragédia Infantil*; de cólera e indignação pelo amor da justiça, como na *Pátria*, poema em que o verso português atingiu a mais alta eloqùência, a que nenhum outro poeta chegara; e, finalmente, de fé absoluta e de divina piedade universal, como nos *Simples* e na *Oração ao Pão.* E em todos êsses livros encontramos aquele mesmo primitivo sentimento, já tão consciente no poeta que chega a ser ideia, clara e nítida; a ponto que a alguns, que desconhecem os antecedentes, ou que o lêem de leve, parece que os últimos poemas foram, por destridade de processo literário, calcados sôbre moldes estranjeiros, e pensados sómente, que não sentidos. E' um êrro supor tal. Todos os livros de Junqueiro, do primeiro ao último, são a exteriorização espontânea, natural e inevitável, da sua alma poderosíssima.»

III

Acção social

Na sua publicação já anteriormente mencionada cita a sr.a D. Luísa Ey três poetas portugueses que considera influenciados por Guerra Junqueiro : o sr. Queiroz Ribeiro, no seu *Caminho do Céu;* o sr. Cândido Guerreiro, nos *Sonetos*; e o sr. António Corrêa de Oliveira, nas suas composições «místicas».

Foi vasta e foi longa, como não podia deixar de ser, a influência artística dêste grande poeta e grande metrificador, que, por mais de uma vez na sua vida, fêz e desfez entre nós a moda literária. A sr.ª D. Luísa Ey podia ter ampliado muito a sua lista, se o seu intuito não fôsse apenas exemplificar.

Mas, além de influência literária grande, exerceu o sr. Guerra Junqueiro entre nós verdadeira e forte acção social. Cada um dos seus livros, com excepção apenas dos *Simples* e das *Orações*, actuou como uma revolução política, destruindo tradições, minando instituições e dinastias, acendendo iras colectivas demolidoras, inspirando crimes e martírios em prol da Ideia ou da Grei.

Fácil, eloqùente, vibrante, comunicativo, exagerado e apaixonado, como todos os demagogos, o autor da *Velhice* e da *Pátria* teve sempre o público numeroso que procurava — e que não escolhia. Não escreveu nunca *para os raros apenas*, como os preciosos e requintados artistas do Simbolismo, senão sempre *para quantos mais, melhor*, como bom panfletário e bom revolucionário militante. Por isso a literatura nacional tem de agradecer-lhe ou felicitar-se com êle, porque êle se conservou artista, ainda quando não era o sentimento artístico, mas o sentimento político, que principalmente o inspirava.

¿ Terá também a história nacional de agradecer-lhe um dia os resultados ou efeitos últimos da sua forte acção moral, social e política? Esperemos que sim, para proveito da Pátria e maior glória do Poeta. O que por agora sabemos a tal respeito é pouco ou nada, porque estamos ainda muito dentro dos factos, ou os factos estão ainda muito em cima de nós, para os vermos com perspectiva ou os pesarmos com serenidade.

*

* *

Na *Província* de 5 de Setembro de 1885, publicou o sr. Jaime de Magalhães Lima um folhetim intitulado *A Morte de D. João e a Velhice do Padre Eterno*, e no

qual, sob forma de carta ao sr. Luis de Magalhães, se estudavam os motivos da *popularidade de Guerra Junqueiro.* São dêsse folhetim os seguintes períodos:

«...As obras de Junqueiro teem um número extraornário de leitores, recrutados em grande parte entre os mais avessos à leitura de tôda a espécie. Não as lê só a aristocracia capaz de lhes perceber todo o alcance; não é ainda a plebe literária, que da sua poesia só vê a superfície, quem constitúi o melhor (?) das inúmeras fileiras de espectadores apaixonados; é o *profanum vulgus:* burgueses, operários, amanuenses e — ¿ quem o diria? — padres até, dom juans e devassos, só cuidadosos da qualidade do vinho e do preço e da frescura da mulher. Teem não sei quê de diabólico, estes livros do Junqueiro, na facilidade com que trepam acima da mesa de trabalho do homem honesto, sequioso de amor e justiça, para logo saltarem à banca empoeirada do amanuense, e de aí, com uma agilidade prodigiosa, se insinuarem pelas alcovas das amantes e pela fresta da residência do prior.»

Depois de preguntar que qualidade terão as obras de Junqueiro *para aparecerem assim em tôda a parte com uma viveza demoníaca,* e de negar que tal êxito fôsse devido ao pensamento moral dado por Junqueiro à poesia, ou à sua feição satírica, ou até à *fama de escândalo* que acompanhou a publicação da *Velhice,* conclui o sr. Jaime de Magalhães Lima·

«Sem negar o pêso da agudeza do sarcasmo e da atracção do escândalo, parece-me que a fama dos seus livros provêm em grande parte dos quadros sensuais do *D. João*, das scenas de irreprimida animalidade da *Sesta do Senhor Abade*... E' isto o que o vulgo vê; é isto o que o vulgo compreende, é isto o que aplaude; porque evoca no seu espírito mesquinho e depravado as scenas que lhe são mais familiares e as imagens voluptuosas que lhe são mais queridas. As belezas estéticas do *D. João* e da *Velhice do Padre Eterno*, e esta elevação moral que tanto nos conforta a alma, ficarão para êle sempre no escuro. *Chacun ne comprend que ce qu'il retrouve en soi*... ¿E precisarei de lembrar que a origem e natureza dos aplausos em nada pode prejudicar o merecimento real da obra?...»

Não pode. Mas contraria muita vez o próprio *pensamento moral* que inspirou essa obra. Assim o entendeu a Inquisição, incluindo no Catálogo de livros proibidos, de 1581, a *Rhopica Pneuma*, de João de Barros, «não «por conter condenada doutrina (diz SEVERIM DE FARIA «na *Vida* dêste escritor) mas por que não tomassem «dêle alguns ocasião para usarem em seus ofícios das in«venções viciosas que tinha achado o «Tempo» (1); *por-*

(1) O «Tempo» é uma personagem alegórica do citado livro de Barros.

«que está tão enfêrma nos costumes a natureza humana,
«que as mais das vezes convertem os homens em peçonha
«os mesmos meios que lhes dão para seu remédio...»

*

* *

Guerra Junqueiro é considerado, e com tôda a razão, como um dos fundadores da República Portuguesa. Pode porêm dizer-se que, encaradas como obras políticas ou sociais, as suas lamentações e as suas sátiras são menos republicanas, do que socialistas ou anarquistas. Muitas páginas dos seus livros de combate, e no número dêstes incluímos a *Musa em Férias* (Veja-se o *Crime*, etc), encerram doutrina tão subversiva hoje, sob a presidência do sr. A. J. d'Almeida, como o era no reinado do sr. D. Luis I; e adiante encontrará até o Leitor, no corpo desta selecta, trechos da *Pátria*, por exemplo, que vestem melhor em factos e costumes de hoje, do que acertaram nos costumes e factos contra que foram escritos.

O Poeta estava na lógica do seu temperamento, e portanto no seu direito, fulminando e demolindo; e não é culpa sua que não tivesse ainda aparecido alguêm a construir sôbre as ruínas que êle espalhou.

*

* *

Referindo-se ao célebre Grupo dos Cinco (Eça, Martins, Ramalho, Quental e Junqueiro) e adicionando-lhe Camilo e Teófilo Braga, o lucidíssimo crítico sr. JAIME DE MAGALHÃES LIMA (1) chama-lhes *Os demolidores do Liberalismo* e considera-os como os elementos primaciais do tribunal que entre nós julgou e dissolveu o liberalismo burguês, formado nas revoluções que iniciámos no princípio do segundo quartel do século XIX :

«Foram êles que minaram os alicerces daquela obra, na realidade gigantesca — faça-se-lhe essa justiça — de pouca dura relativamente à magnitude do esfôrço que custou, mas incontestávelmente épica. Foram êles que, ora rindo, ora batendo, ora simplesmente analisando e comentando, reduziram a pó a ostentação daquela arquitectura de compromissos, transigências, meios princípios, intenções excelentes, pouca coragem e escassa lógica.»

Depois de ter definido a parte de Guerra Junqueiro na tarefa de demolição, nota o sr. Magalhães Lima que todos aqueles demolidores se arrependeram, ou começaram a sonhar reconstruções e reabilitações . . . :

---

(1) Atlântida, vol. III, pag. 1091 e ss.

«E o sr. Guerra Junqueiro, já recolhendo da acidentada peleja de imprecações e sarcasmos em que prostrara um *D. João* agonizando na miséria e o *Padre Eterno* degenerado em hipocrisias senis, convertia-se da maldição à admiração, e corria a beber o rejuvenescimento, a alegria e a candura entre *Os Simples*. Apontava ao nosso culto e carinho a ingenuidade, o trabalho e a humildade dos ignorados e rudes... Era aquele «o seu melhor livro», dizia o sr. Guerra Junqueiro na dedicatória de *Os Simples*. Era êle mesmo que estabelecia preferências relativamente aos seus livros anteriores; dêsse modo os corrigia, emendava e acrescentava em uma confissão de todo o ponto significativa... Chamava-nos agora a reavermos uma alma de grandeza verdadeira e de pureza, entre os pastores e os cavadores, entre os servos e entre os pobres, pelas ermidas, pelas levadas, pelas choupanas e pelos eirados, onde o suor que cria o pão se confunde com a natureza que ignora a mentira...»

«Assim fizeram acto de contricção e cumpriram sua penitência todos os demolidores do liberalismo... Não viveram quanto sonharam, que a realidade sempre sabe esquivar-se a obedecer completamente às nossas esperanças e esforços. Mas sería cegueira e desvairada injustiça esquecer que o que êles juntaram e nos legaram é por agora a melhor riqueza espiritual da nação.»

*

* *

A êste mesmo assunto — influência do chamado *Grupo dos Cinco* na mentalidade das últimas gerações portuguesas — consagrou o crítico e poeta sr. ALBERTO D'OLIVEIRA um capítulo do seu recente estudo sôbre *Eça de Queiroz*.

Parecendo-nos útil à formação do espírito e do carácter da mocidade portuguesa o conhecimento das ideias afirmativas e sãs contidas nêsse capítulo, para aqui transcrevemos quási tôda a sua confortadora doutrina :

«Apesar do atraso de que chorosamente nos lamentávamos, por comparação com a culta Europa, duvido que alguma nação do formato da nossa pudesse gabar-se, nos derradeiros anos do século próximo findo, de possuir uma geração literária tão numerosa, e tão autênticamente de primeira plana, como essa em que fulgurou o génio de Eça de Queiroz. Desde então não é fácil dizer-se quem tem governado intelectualmente em Portugal. Suponho até que o último govêrno que tivemos dessa espécie foi aquele grupo dos Cinco, fotografado na Granja, que tantas vezes contemplo com saudade sôbre a minha mesa de trabalho. ¿ Quem o não conhece ? No meio, a face pura e ascética de Antero de Quental ; à sua direita Oliveira Martins, de

semblante melancólico, e Eça de Queiroz, discreto e elegante; e à esquerda Ramalho Ortigão, resplandecente de aprumo, e Guerra Junqueiro, penetrando-nos com os seus olhos sarcásticos.

«Êsses cinco homens revolucionaram e em seguida dirigiram com a autoridade e a fôrça de um ministério, a Inteligência portuguesa. Uns reformaram a História, outros o Romance, outros a Crítica e a Poesia. Portugal saiu das suas mãos exprimindo, numa língua nova, pensamentos e sentimentos novos. Jámais antes dêles houvera em cabeças portuguesas um tão concorrido e vibrante encontro e tumulto de ideias...

«O rumo que a geração tão brilhante de Eça de Queiroz indicou às suas sucessoras não foi sempre o mais conveniente à saude moral de uma nação que merecia receitas de vida, e não antecipados necrológios.

«A regra artificial do Naturalismo não era digna de tornar-se um evangelho, sobretudo se por amor dela se deixavam estancar as fontes muito mais ricas, se bem que mal captadas, da nossa tradição histórica e artística. O pessimismo, excelente como tónico, quando administrado em doses prudentes, foi para as nossas imaginações moças uma *fumerie d'opium*, que nos desviou da realidade militante para o devaneio inerte, cruzando braços que deviam semear e colher. A ironia operou como um vitríolo, sôbre as feições frágeis de uma nação pequena e pobre, cujos habitantes não

eram dotados, nem de sólida fé em si próprios, nem de suficiente conhecimento da história comparada, para reconhecerem que muitos dos defeitos de que s vexavam não eram nacionais, mas universais; e que aos outros o tempo, a educação e o trabalho dariam seguramente remédio.

«Menos até por culpa (e, sem dúvida alguma, contra a intenção) dêsses grandes espíritos nossos mestres, do que pelas levianas generalizações da nossa ignorância, dispusemo-nos a crer que Portugal era uma nação morta ao pêso do seu passado, gloriosa por um minuto e agonizante durante séculos, — teoria esta que, aplicada a qualquer povo existente, lhe tiraria o ânimo para tôda a reacção e o levaria a mandar chamar com urgência, não o cirurgião, mas o coveiro. A *auto-sugestão da nossa decadência*, segundo a definição perfeita de um critico francês de iguais desatinos, ia fazendo de nós uma nação atacada de mortal neurastenia colectiva, que já nem tinha olhos para ver como outros povos mais desprovidos de recursos, de cultura e tradição inferiores, lutando contra obstáculos políticos e económicos que desconhecíamos, se preparavam virilmente para progredir e viver.

«Um Carlyle pode impunemente proceder a severas operações de alta justiça sôbre o corpo de uma Inglaterra opulenta, poderosa, vasta, a quem a fartura agravou a surdez para os conselhos amargos. Mas os Carlyles das nações pequenas e fracas, se quiserem curar,

e não matar, teem de medicá-las com outra caridade, contemplação e paciência. Hoje, lendo de novo em nós próprios, depois de termos lido demais em livros alheios, reconhecemos que a ignorância e a pobreza são os nossos únicos males reais, males de que se pode escapar e que só não cura quem não quer. Os novos arautos que com alegria vejo surgir de cada lado, dispostos a pôr ordem no nosso caos mental, pregam a boa doutrina e começam a praticá-la com brilho. Receitam-nos o optimismo, que é fôrça e saúde; o culto inteligente da tradição e da raça; a revisão da nossa história, tantas vezes escrita com rancor e interpretada sem atenção à relatividade dos tempos e circunstâncias; o patriotismo ardente e que antes seja místico (*le seul mysticisme nécessaire*, lhe chamava o insuspeito Gambetta) do que scético e irónico; o nacionalismo e até o regionalismo na arte, na política, na economia, na vida juridica, religiosa e social; e em-fim o estudo técnico, concreto, cara a cara com a realidade, dos nossos problemas chamados vitais e que, sempre pendentes e nunca solvidos, passaram ao estado singular de urgência crónica. Só assim curaremos a impressionável alma portuguesa da abstracção delirante em que tem vivido, e a que só não tem sucumbido por fôrça e virtude da sua espantosa resistência hereditária. Só assim acreditaremos que não é sobrenatural, nem portanto insolúvel, a nossa crise; e que os seus remédios, de aplica-

ção afinal simples e eficácia largamente experimentad. e pronta, estão ao alcance da nossa inteligência, d: nossa vontade e da nossa bôlsa.

«A defesa contra a intoxicação nacional tem d(buscar-se na boa e prática escolha dos exemplo alheios que nos sejam acessíveis; na descentralizaçã(política, administrativa e económica; numa limitaçã(sensata e numa graduação metódica dos nossos ideai e aspirações; no combate incessante à nossa ende mia doutrinária e teórica pelo quinino tónico da cifras, dos actos e dos factos. Não é possível con tinuarmos a deixar ensinar aos cérebros tenros da moci dade, como se fêz aos nossos, que a energia portu guesa foi aniquilada há quatro séculos, pela Inquisiçã(e os Jesuitas, e a economia portuguesa duzento anos depois, pelo tratado de Methwen; como se en tão longo período não se tivessem, em todo o mundo feito, desfeito e refeito nações; como se a pros peridade actual da Europa não fôsse um facto ben moderno; como se houvesse um pecado origina irremissível na vida dos povos; como se os perigo com que se tentou assombrar a nossa infantilidade nã(fôssem hoje ridículos fantasmas; como se, numa pala vra, a nossa própria existência e independência nã(constituíssem a mais cabal resposta a tão loucas aber rações. Não podemos manter na leitura da nossa Histó ria o ritmo angustiado dos trenos de Jeremias, só por que não nos nasceu um Camões em cada século, un

D. João Segundo em cada reinado, um Nun'Álvares em cada guerra, um Infante D. Henrique e um Gama em cada navegação, um Albuquerque e um Almeida em cada conquista, um Castelo-Melhor e um Pombal em cada govêrno. Não temos que erguer punhos de maldição aos Reis medíocres que por vezes ocuparam o trono de Portugal, esquecendo-nos de averiguar se a mediocridade é a excepção ou a regra humana, e se em algum trono terrestre se revezaram, sem solução de continuidade, os *Príncipes Perfeitos*. E, muito ao contrário, temos de assegurar aos nossos filhos que nenhum outro pequeno povo da Idade Moderna nos fará concorrência, na assembleia final do dia de Juizo, com mais numerosa e brilhante multidão de grandes reis e estadistas, de heróis e de génios.»

* * * * *

ção afinal simples e eficácia largamente experimentada e pronta, estão ao alcance da nossa inteligência, da nossa vontade e da nossa bôlsa.

«A defesa contra a intoxicação nacional tem de buscar-se na boa e prática escolha dos exemplos alheios que nos sejam acessíveis; na descentralização política, administrativa e económica; numa limitação sensata e numa graduação metódica dos nossos ideais e aspirações; no combate incessante à nossa endemia doutrinária e teórica pelo quinino tónico das cifras, dos actos e dos factos. Não é possível continuarmos a deixar ensinar aos cérebros tenros da mocidade, como se fêz aos nossos, que a energia portuguesa foi aniquilada há quatro séculos, pela Inquisição e os Jesuitas, e a economia portuguesa duzentos anos depois, pelo tratado de Methwen; como se em tão longo período não se tivessem, em todo o mundo, feito, desfeito e refeito nações; como se a prosperidade actual da Europa não fôsse um facto bem moderno; como se houvesse um pecado original irremissível na vida dos povos; como se os perigos com que se tentou assombrar a nossa infantilidade não fôssem hoje ridículos fantasmas; como se, numa palavra, a nossa própria existência e independência não constituíssem a mais cabal resposta a tão loucas aberrações. Não podemos manter na leitura da nossa História o ritmo angustiado dos trenos de Jeremias, só porque não nos nasceu um Camões em cada século, um

D. João Segundo em cada reinado, um Nun'Álvares em cada guerra, um Infante D. Henrique e um Gama em cada navegação, um Albuquerque e um Almeida em cada conquista, um Castelo-Melhor e um Pombal em cada govêrno. Não temos que erguer punhos de maldição aos Reis medíocres que por vezes ocuparam o trono de Portugal, esquecendo-nos de averiguar se a mediocridade é a excepção ou a regra humana, e se em algum trono terrestre se revezaram, sem solução de continuidade, os *Príncipes Perfeitos*. E, muito ao contrário, temos de assegurar aos nossos filhos que nenhum outro pequeno povo da Idade Moderna nos fará concorrência, na assembleia final do dia de Juizo, com mais numerosa e brilhante multidão de grandes reis e estadistas, de heróis e de génios.»

* * * * *

IV

Bibliografia

Duas páginas dos catorze anos 1864
Mysticae Nuptiae 1866
Vozes sem eco 1867
Baptismo de amor 1868
A Vitória da França 1870
A Espanha livre 1873
A Morte de D. João 1874
O Crime 1875
Tragédia infantil 1877
Contos para a Infância 1877
Aos Veteranos da Liberdade 1878
O melro 1879
A Musa em férias 1880
A Velhice do Padre Eterno 1885
Finis Patriæ 1890
Canção do Ódio 1890
Os Simples 1892
Pátria 1896
Oração ao Pão 1902
Oração à Luz 1903

Artigo em francês sôbre «O rádio e a radiação universal», publicado em *La Revue* 1904
Théorie de certaines actions radio-biologiques 1910
A execução de uma quadrilha, longo artigo de defesa pessoal e política publicado no jornal portuense *A Pátria*, de 23 de abril de .. 1910
«Poesias dispersas» 1920

*

* *

Não conhecemos nenhuma tradução integral em língua estranha de qualquer livro de Guerra Junqueiro; foram porêm vertidas muitas poesias suas, em espanhol por Curros Henriques e Leopoldo Dias; em inglês por Edgardo Prestage; em italiano por Tomás Cannizaro; em alemão por D. Luísa Ey; em francês por Máximo Fromont.

V

Guerra Junqueiro entre os Clássicos

Temos aqui à mão meia dúzia de definições de *autor clássico*, que são as seguintes:

A de Bluteau: «*Autor clássico vale o mesmo que autor de bom nome, de boa nota*».

A de Morais e Silva: «Clássico é o *autor abalisado pelo bem que trata o assunto e pela excelência do estilo*».

A de José Feliciano de Castilho: «Para nós são clássicos *os mestres práticos da língua: aqueles que, embora nem sempre apresentem inteira correcção ou absoluta perfeição da frase; embora por vezes afraquem em estilo e linguagem, tal garbo e louçania, tal vigor e audácia semeiam por todo o seu dizer, que o cobrem de um resplendente verniz, desafiando a imitação*».

Já antes de José de Castilho tinha dito o excelente António das Neves Pereira:

«Os que temos por autores clássicos são só aqueles que *com o seu talento contribuìram mais para o progresso da língua, e sua maior perfeição, ampliando os limites da analogia*; e a melhoraram, *emendando alguma coisa da sua antiga rudeza e irregularidade. Cujo benefício resulta de que qualquer escritor insigne, além do carácter predominante do idioma em que escreve as suas obras, exprime o seu carácter próprio, que fica sendo subalterno ao da língua, e nela se mistura como uma espécie de tintura;* de maneira que os termos e frases da língua, debaixo da pena do autor, tomam tanto de significações novas e várias, quanto o seu espírito é menos vulgar e mais original».

José Veríssimo, o famoso crítico brasileiro, escreveu algures: «Em que pese ao bom Morais, clássico é, para nós, *o escritor vernáculo dos séculos* XVI *e* XVII. Qualifica-os antes a época em que escreveram. *Os que escreveram posteriormente, apenas por extensão e favor são alguma vez considerados clássicos, quando anacrónica e desarrazoadamente lhes reproduzem o feitio*».

Outro crítico brasileiro, o sr. Ernesto Carneiro Ribeiro, dá uma definição mais longa e mais complicada:

«Entre outros deve o autor clássico reùnir os se-

guintes caracteres: ter conhecimento perfeito da língua em que escreve, conhecer-lhe bem a índole, a fisionomia particular, todos os seus modismos e nativos ademanes, todos os seus segredos, os recônditos tesouros das suas minas preciosas;—falá-la e escrevê-la com pureza e exacção, evitando adorná-la e adulterá-la com construções que tendam a desvirtuá-la e abastardá-la;—ser claro, fugindo a êsses torneios viciosos e obscuros que tornam o discurso difuso, frouxo, arrevesado e embaraçoso;—ser elegante, pintando e representando as ideias e os pensamentos com beleza, distinção e certo sainete de graça, que tanto aviva, anima e robustece a elocução;—adaptar e apropriar sempre as palavras e o estilo à natureza das ideias e dos pensamentos enunciados;—de modo que todos os sentimentos nobres ou vulgares, tôdas as paixões violentas, tôdas as grandes comoções, todos os conceitos elevados ou obscuros, tenham na língua, que os traduz e fotografa, sua adequada e verdadeira expressão.»

*

* *

Salvo a definição restritiva de José Veríssimo, em tôdas as outras cabe indubitávelmente uma personalidade literária como a de Guerra Junqueiro. E

não é preciso passarem duzentos anos sôbre as suas obras, para se ver que há nelas muitas e muitas páginas em que o autor se elevou à categoria de clássico.

Não há dúvida que êle ampliou, com o arrôjo por vezes genial das suas imagens, *os limites da analogia;* não há dúvida que contribuiu para *o progresso da língua,* tornando-a, por exemplo, capaz de exprimir a *imprecação* e o *sarcasmo* com uma eficácia, uma energia, e portanto uma beleza, nunca atingidas antes.

Guerra Junqueiro está perfeitamente dentro da definição de Neves Pereira, a nosso ver a melhor de tôdas, com aquela sua tão fina observação de que o carácter do estilo dos escrítores insignes, isto é, dos escritores que teem carácter, se sobrepõe ou mistura ao da língua, como uma espécie de verniz.

Chamou José Veríssimo à língua portuguesa *admirável instrumento de poesia, pelo muito que foi trabalhada por poetas do mais rico estro.* Não é só por isto que a língua portuguesa é um admirável instrumento de poesia, senão também, em primeiro lugar, porque é a língua de um povo dos mais sensíveis à poesia; e em segundo lugar, porque é das línguas cultas de mais variada sonoridade.

Dadas estas duas condições, foi-lhe fácil tornar-se, a partir do século XVI, com Camões e os outros grandes poetas que se lhe seguiram, um admirável instru-

mento de poesia épica e de poesia lírica, tão admirável, que na epopeia nenhuma das suas irmãs a igualou, e que nenhuma a excedeu no lirismo.

Enriquecer uma língua destas com novos acentos, novas possibilidades, novas energias poéticas — ¿que maior glória literária poderá imaginar-se e desejar-se?

Eu não sei de outra, e creio que esta é a grande glória de Junqueiro, não só como poeta, mas também como metrificador.

*

* *

Não o entendem porêm outros assim, e entre estes estão os que lhe chamam *o poeta da Raça*, de-certo na ideia de lhe chamarem coisa muito grande, sem se importarem que a grande coisa seja apenas um balão de vento.

Note-se, antes de mais nada, que a palavra *Raça* é empregada assim no sentido de *Nação*, e que *poeta da Raça* é sinónimo, sómente mais enfunado ou mais berrante, de *poeta nacional*.

Chamar a Guerra Junqueiro *o poeta nacional*, não sei o que significa, e receio que não signifique absolutamente nada. Se com êsse título se quisesse dizer que êle é *o maior* ou *o único* poeta português de todos os tempos, não se diria bem, porque seria preciso, para isso, esquecer pelo menos Camões, Gil Vicente,

Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Bocage, João de Deus, Antero de Quental. Se se pretendesse classificá-lo assim como *o mais português* dos poetas portugueses, também não se diria bem; porque, estando provado em cinco ou seis séculos de vida da nossa língua e de existência da nossa literatura, que o carácter predominante da poesia nacional é o lirismo amoroso — tôda a produção poética de Junqueiro está aí para demonstrar matemáticamente — matemática elementar de contagem pelos dedos — que as páginas de lirismo amoroso constituem, em tantos milhares de versos seus, uma insignificante minoria. Se porêm se entende, com esta fórmula de *o poeta da Raça*, intitular o autor dos *Simples* como o maior dos nossos poetas hoje vivos, então êsse título sonoro não passa de um pobre pleonasmo, pois nunca se poderia dizer menos do único sobrevivente actual da pléiade de gigantes, que encheram de glória as letras portuguesas no último quartel do século XIX.

*

* *

Guerra Junqueiro escreveu, na dedicatória dos *Simples*:

— *E êste, por em-quanto, o meu melhor livro.*

Mas, como tantas vezes acontece aos autores que

se lembram de criticar a sua própria obra, Guerra Junqueiro enganou-se.

Os *Simples* documentam admirávelmente a admirável maleabilidade dêste poeta, que, ao primeiro contacto com as produções do Simbolismo francês, imediatamente compreendeu ou sentiu o que havia de sólido e razoável na nova evolução literária: estreitamento do campo da poesia ao que é realmente poético, e, no tocante à forma, enriquecimento da metrificação com novos ritmos e novas combinações musicais.

Fundindo estas novas tendências literárias exteriores com as novas condições íntimas do seu próprio espírito, o poeta do *Finis Patriae* e da *Velhice*, que até aí vivera quási sempre em permanente simpatia com o ambiente político e desde muito mantivera o seu espírito na fermentação de sistemas religiosos e sociais, deu-nos com os *Simples* um hinário panteísta, onde o lutador cansado de lutar e de esperar as soluções desejadas (o advento da Rèpública demorou-se ainda dezoito anos e parecia em 1892 mais afastado que nunca) punha de parte a sua lira panfletária, revolucionária, oratória e política, para cantar com novas formas estróficas e novos compassos métricos os temas eternamente humanos, e portanto eternamente poéticos, da inutilidade do esfôrço, da simplicidade campestre e da serena mansidão da natureza.

Era naturalíssimo que o génio literário de Junqueiro, abundante em riquezas de inspiração e de

técnica, produzisse com os *Simples* uma obra encantadora e comunicativa. Mas não é menos certo e menos evidente que o Poeta desatou da sua lira, para realizar êsse poema de mudança de ares e de cura de repouso, as três cordas que nela soaram sempre mais afinadas e mais fortes : a do sarcasmo, a da reforma religiosa e a do combate político.

Em conversa comigo repetia Junqueiro há tempos que os seus melhores livros eram a *Pátria* e *Os Simples;* e que a *Velhice do Padre Eterno,* livro de mocidade, constituia um acto de *cristianismo exacerbado.*

A *Velhice do Padre Eterno* é um panfleto contra a Igreja, excessivo e injusto como todos os panfletos.

— Se a escrevesse hoje, disse-me então Guerra Junqueiro, ter-lhe-ia dado outro carácter. Hoje sei mais, e bastou-me, por exemplo, conhecer melhor a vida de S. Francisco de Assis, super-homem admirável, para ver e sentir o valor de uma instituição capaz de possuir e merecer uma tão extraordinária figura.

Seja como fôr, o certo é que na *Velhice do Padre Eterno* fêz o Poeta vibrar mais sistemáticamente que em nenhum outro livro seu a corda do sarcasmo, dominante na sua lira, pondo-a ao serviço da preocupação religiosa, dominante no seu sentimento ou no seu cérebro. E esta convergência da sua maior aptidão com a sua mais funda e mais permanente preocupação, é que a nosso ver fêz da *Velhice,* por em-quanto, o seu melhor livro.

Para nosso gôsto, é na *Velhice*, assim como também na *Pátria*, que se encontram as páginas mais inspiradas de lirismo panteista e humanitário que Junqueiro escreveu (Veja-se *Aos Simples*, *O doido*, etc.); e é talvez para formar o salto do mais felino sarcasmo que êle atinge essas altas cumiadas de inspiração lírica.

Junqueiro não ficará na literatura portuguesa como o maior lírico ou o maior épico, pois não devemos por em-quanto desalojar Camões dos dois lugares que ocupa. Mas ficará certamente na literatura universal como um dos maiores poetas sarcásticos que o mundo tem visto, pois não creio que possa haver em qualquer outra língua sátiras e imprecações de tão formidável energia como *Á Inglaterra*, *A Vala Comum*, *Como se faz um monstro*, etc.

*

* *

Na sua definição de *clássico* disse José Feliciano, como vimos, que se devem considerar *mestres práticos da língua* aqueles escritores que semeiam garbo e louçania, vigor e audácia por todo o seu dizer, *embora nem sempre apresentem inteira correcção ou absoluta perfeição da frase; embora por vezes afraquem em estilo e linguagem.*

A êste respeito observaremos, em primeiro lugar, que o estilo e a linguagem de Junqueiro são de grande simplicidade e de clareza cristalina, duas virtudes que costumamos considerar inseparáveis da beleza clássica.

Quanto à correcção da frase, não há que perdoar a êste poeta, cuja eloqùência fácil, impetuosa e vibrante, nem por isso faz tropeçar o seu estilo correctíssimo.

Guerra Junqueiro não é um artista cinzelador; muito pelo contrário, em todos os seus livros se sente que a execução se seguiu imediatamente à concepção e que a corrente da inspiração caudalosa não foi retrospectivamente da foz á fonte, para voltar polida e encanada entre os cais da Rétórica, da Gramática, ou do Parnasianismo repintado. Espontânea, torrencial, improvisada, a sua frase é correcta de nascença, como é simples e clara de nascença.

Por último, devemos também notar que os versos de Junqueiro denunciam a cada passo uma boa educação portuguesa clássica, e que não se enxerga nêles, tanto pela sintaxe como pelo vocabulário, reflexo indiscreto e irritante da muita leitura francesa. Ao envés disto, pode dizer-se que dos grandes escritores do *Grupo dos Cinco* foi Guerra Junqueiro um dos menos atreitos à francesia.

Nevogilde (Porto), Outubro de 1920.

A. de C.

GUERRA JUNQUEIRO

(VERSO E PROSA)

I

A MORTE DE D. JOÃO

1874

O PENSAMENTO E O MAR

Eu era mudo e só na rocha de granito.

Por sôbre a minha fronte, a sombra do infinito,
Em volta a solidão, e o mar junto a meus pés,
Cantando um hino igual aos hinos de Moisés.
Vinha tombando a noite. Escuridão sem fim,
Negra como o terror, triste como Caim.
A abóbada celeste, ameaçadora e bruta,
Tinha o ar concentrado, o ar de quem escuta.
A treva, espião de Deus, imensa, indefinida,
Vinha apagar a luz para espreitar a vida.
Sentia-se um olhar naquelas sombras mudas:
O olhar da consciência interrogando Judas.
¡Silêncio sepulcral! mudez profunda e calma!...

Fechavam-se, tremendo, as pétalas da alma.

Corria pelo espaço um negro magnetismo
E os vagalhões do mar, no monstruoso abismo,
Contavam entre si, frementes, soluçantes,
As mortes dos heróis e as lutas dos gigantes.
E eu, triste, contemplava os pélagos medonhos,
O surdo revolver dos monstros e dos sonhos.

Ó murmuroso Oceano, ó vivo cemitério,
És a noite do assombro, a noite do mistério.
Ao crebro (1) latejar das tuas pulsações
Abrasam-se de fogo as bôcas dos vulcões.
A vaga redemoinha, e surge um continente
Quando arrancas do peito algum soluço ingente.
¡Que fôrças colossais, magnéticas, estranhas!
¿Quem gera dentro em ti as ilhas e as montanhas?
Teu ventre maternal a trasbordar d'amor
¿Quem é que o fecundou, teu ventre abrasador?
¿Que povo misterioso, indómito, infinito,
Transforma a tua água em rochas de granito?
¿Onde reside, ó mar, teu vasto coração?
¿Quais são as tuas leis? ¿quem deu a inspiração
Às correntes febris, ao turbilhão profundo
Que vai de polo a polo e vai de mundo a mundo?
¡Tens uma alma, tens, negro leão convulso!
Que eu bem sinto bater o sangue do teu pulso,
Bem sinto murmurar no abismo subterrâneo
As vozes do teu peito e as lutas do teu crânio...

Scismava eu assim. Meus doidos pensamentos,
Mais negros do que o mar, mais livres do que os ventos,
Lançavam-se febris, como animais selvagens,
Nos sonhos, no terror, nas pálidas voragens
Do círculo fatal chamado a morte e a vida —
Floresta sem entrada e mundo sem saída.

.....

---

(1) — repetido, freqüente.

E nisto o céu tornou-se aberto e tránsparente,
E a lua, a lua triste, envolta num sudário,
Aparece a tremer silenciosamente,
Branca como Jesus na noite do Calvário.

E o mar, o vasto mar, profundo e soluçante,
Vendo fulgir da lua o pálido fulgor,
Arqueia enormemente o dorso triunfante,
Como um leão raivoso em convulsões d'amor.

Arqueia o dorso enorme, eleva-se às montanhas,
Tomba sôbre si mesmo em rude cataclismo,
Arranca mil trovões das rábidas entranhas,
Levanta-se outra vez, cai outra vez no abismo.

E eu disse dentro em mim: — ¿Que portentosas mágoas
Te fazem levantar a túnica das águas,
Ciclópico gigante? A branca luz do luar
¿Que influência terá sôbre o teu peito, ó mar,
Que andas como o rei Lear (1), pálido, desgrenhado,
Nas tristes solidões do abismo ilimitado,
Rugindo, soluçando um chôro doido, enorme,
Em-quanto o teu amor silencioso dorme
No firmamento azul! ¿Que atlética paixão
Te arde no crânio? diz. Teu rude coração
¿Porque brame d'amor, se despedaça, estoira,
Quando um raio de luz acaricia e doira

---

(1) Personagem principal da tragédia de Shakespeare *King Lear*. É um velho rei que enlouquece de indignação e dor, quando expulso do próprio palácio pelas filhas a quem doara quanto tinha.

A tua juba, ó monstro?...
Ah! Ideal, Ideal!
És a concentração da fôrça universal
Irradiando o trabalho, a vida, o movimento.
Ó abismo do mar: o mar do pensamento
Também tem como tu a mesma tempestade:
As três luas do Bem, do Belo e da Verdade
Também fazem rugir seus vagalhões profundos,
Levantam-nos ao céu, êsses três grandes mundos,
Para os deixar cair como tu cais, oceano!
E, apesar disso tudo, o pensamento humano
Nem nunca descansou, nem há-de descansar;
Há uma voz que lhe diz: — Lutar! lutar! lutar!
Por mais que alguêm te brade:
— «Aquático gigante,
Tu não podes beijar a face à tua amante;
Não revolvas no leito os teus heroicos flancos,
Não estoires na praia os teus soluços brancos,
Não queiras atingir a luminosa flor;
Dorme!...»

— Não dormirás, ó velho lutador.

INFERNO SOCIAL

. . . No em-tanto ainda existe o inferno social.

Há debaixo de nós um mundo original,
Assombroso país de negros labirintos:
E' a fermentação de todos os instintos,
Dos ódios, das paixões, das lepras, da vingança.
Ali começa a morte e ali termina a esp'rança.
Sentem-se germinar nas trevas os pecados.
As almas são covis de monstros ignorados,
Que rugem no silêncio... Os crimes tentadores
Rompem da escuridão como sinistras flores.

. . . . . .

Os crânios não têm luz e os ventres não têm pão,
Forçados, histriões, vadios, concubinas,
É a gente infeliz que habita essas latrinas
Onde a fome produz mil coisas assombrosas,
Chagas fenomenais, sangrentas como as rosas,
Abortos, aleijões, vermes, hipocondrias...
E tudo isto germina em espirais sombrias,
Numa aglomeração horrível, bestial.
De quando em quando, treme a sociedade. O Mal

Ruge como um leão nas tenebrosas furnas;
E trinta gerações de mágoas taciturnas,
De mágoas colossais, grandes como montanhas,
Retorcem-se na treva e lançam das entranhas
Um soluço que faz desabrochar crateras!

Cai então sôbre o mundo uma explosão de feras.

São tigres e leões, abutres e chacais.
Aparecem à luz ângulos faciais,
Duma bestialidade espessa que horroriza.
A canalha arregaça as mangas da camisa,
Empunha o bacamarte, e quebram-se as algemas.
Fazem detonação as cóleras supremas.
Tremem da sociedade os velhos fundamentos.
Cadeias, arsenais, palácios, monumentos,
Tudo se desmorona. Andam as colarejas
Famintas a roubar. Saqueiam-se as igrejas,
Arma-se a guilhotina em cima dos altares,
Riem na escuridão monstros patibulares,
E o ódio, o incêndio, a peste, a fome, os extermínios,
Implacáveis, brutais, coléricos, sangùíneos,
Em negro turbilhão rompem dos seus covis.

«Foi assim que a miséria incendiou Paris.

D. JOÃO

O infame D. João é o torpe aventureiro
Que dirige do amor as sórdidas roletas,
Fazendo tilintar a bôlsa do dinheiro
Quando passam na rua, à noite, as Julietas.

E' o rico burguês pançudo, escalavrado,
E que, apesar de ter os dentes já corrutos,
Sibarita cruel, fareja no mercado
Da branca virgindade os mais soberbos frutos.

E' o bardo scismador, linfático, plangente,
Doce como o luar, negro como um abismo,
O poeta que traz no coração doente
A velha flor azul do sentimentalismo.

São os grandes *leões* (1) devassos, petulantes,
Manfredos (2) imbecis, eróticos Mussets (3),
Que expõem de madrugada as cartas das amantes
Aos risos triviais nas mesas dos cafés.

---

(1) *leões* = homens que dão nas vistas pela elegância excessiva e luxo pretensioso. Com êste sentido andou a palavra *leão* na voga

E' o sátiro Tartufo (4), o D. João viscoso
O lôbo sensual que habita a sacristia,
E cujo olhar faminto e cujo olhar guloso
E' feito de luxúria, e treva, e covardia.

Tem tôdas as feições, ainda as mais vulgares;
Usa indistintamente os fraques e as batinas;
Anda por todo o mundo, em todos os lugares,
Desde o melhor palácio às ultimas sentinas.

Penetra brandamente as vossas consciências,
Aguilhoa, domina os vossos corações!
E' o verme do amor, subtil como as essências
E forte como a garra adunca dos leões.

---

em Portugal pelo tempo da mocidade do Poeta. Foi importada de França, onde se chamava *leões* aos mancebos ricos e exageradamente bem-trajados. *(les lions de la mode)*. Por sua vez a tinham os Franceses imitado da linguagem familiar de Inglaterra, a qual designava do mesmo modo *(lions)* as pessoas que atraíam o espanto ou curiosidade alheia, à semelhança dos leões de carne e osso guardados na Tôrre de Londres, e que todos os provincianos iam ver e admirar.

(2) *Manfredo* é o herói de um poema de Lord Byron: um homem que malbarata a mocidade em criminosa devassidão e morre sem querer penitenciar-se religiosamente, alegando ter expiado bastante os seus crimes com as torturas morais que sofreu em conseqüência dêles.

(3) Alfredo de Musset, célebre poeta romântico francês (1810-1857). Com a designação de *eróticos Mussets* fulmina o Poeta os ultra-românticos e o seu lirismo sensual, por êle considerado como causa importante de desmoralização.

(4) *Tartufo*, personagem central da comédia de Molière que tem o mesmo nome, é o prototipo da hipocrisia, aqui evocado para designar o sacerdote que peca contra a castidade.

E' o monstro que faz perder a côr às rosas
Que sonham ao luar nevrálgicos amores;
E é êle que produz chagas escrofulosas
No mimoso setim das delicadas flores.

Como a ferrugem morde as espelhadas lanças,
Assim êle conspurca os nobres caracteres;
E à tarde, ao pôr do sol, muitíssimas crianças
Desfolham só por êle os brancos malmequeres...

E o destino cruel dessas visões inermes
Resume-se afinal, pobres visões celestes!
Em irem engordar os libertinos vermes,
E fazerem crescer a rama dos ciprestes.

O VELHO JEOVÁ

O outro é o Jeová das Santas Escrituras,
O déspota sagrado,
O Júpiter cruel, o César das alturas,
O dogma feito carne e o Deus feito soldado.

Foi um Deus sempre velho, um Deus sem mocidade;
Surgiu da natureza armado para a luta.
Quando nasceu já tinha aquela mesma idade
E o mesmo olhar feroz, e a mesma barba hirsuta.

Odeia a liberdade e odeia os raciocínios,
E, para convencer as ímpias multidões,
Tem o incêndio, a peste, a fome, os extermínios,
Os ímpetos do mar e os roncos dos trovões.

Inda hoje fabrica os códigos das leis
E sustenta do escravo as duras gargalheiras,
Oferecendo as nações para banquete aos reis,
Como um corpo sem vida às águias carniceiras.

. . . . . .

E' preciso lançar por terra êsse espantalho
Que há seis mil anos quási assombra a humanidade,
E não deixa comer os frutos do trabalho,
Os frutos do direito e os frutos da verdade.

Sublevai, revoltai as almas indignadas,
E atirai contra êle as rubras ironias,
Depois de as aquecer como um montão de espadas
No braseiro fatal das cóleras sombrias.

Proclamai a Justiça, eliminai o inferno.
Escusais de têr mêdo ao velho Mastaí (1).
Ide ao azul, ao céu; matai o Padre Eterno:
Basta levar convosco um simples bisturi.

Depois, ide dizer ao pálido Jesus
Que não vos basta a fé católica-romana
E que o mundo precisa um vendaval de luz
E que precisa um Deus a consciência humana;

Que venha fulminar o abutre Tirania,
O abutre colossal, feroz, ensagùentado,
Que há seis mil anos já, devora noite e dia
O Prometeu antigo, o heróico sublevado.

---

(1) O Papa Pio IX, que regia a Igreja ao tempo em que foram escritos estes versos, chamava-se João Maria *Mastai*-Ferretti. Para obedecer à exigência da rima e da medida, a palavra *Mastai* deve ser lida à francesa, como vai acentuada no texto e como o Poeta a emprgoue.

Prometeu e Jesus, a liberdade e a crença,
Unidos num abraço estreito e fraternal.
Farão da natureza uma harmonia imensa,
Farão do velho Deus um Deus universal.

A HISTÓRIA

¿Sabes o que é a Historia? uma mulher sombria,
Gigante, colossal, que anda de noite e dia
A cavar sôbre o chão dos vastos cemitérios,
Tirando do sepulcro a ossada dos impérios,
Erguendo panteons e derrocando altares.
Rasgam-se terra e céu, abrem-se os grande mares,
E então não há fugir. A Historia vai achar
A alma do infame ao céu, à terra, ao mar,
Onde quer que ela durma, onde quer que ela esteja;
Não reconhece reis, nem reconhece igreja:
Reconhece a justiça, o grande dogma austero,
Glorifica Jesus e cospe sôbre Nero.
Ela desce a espiral do turbilhão maldito,
Vai buscar os Cains às tôrres de granito,
Aos antros infernais, cheios de pesadelos;
Arrasta-os para a luz, prende-os pelos cabelos,
E espalma-lhes no rosto a grande mão pesada,
Para ver se ainda chega a côr da madrugada
Àquelas faces vis. Implacável, fatal,
Conhece todo o bem e sabe todo o mal;
Atira com a luz às solidões escuras,
Abre o crânio aos heróis e o ventre às sepulturas.

E' justiça final, justiça rectilínea:
Ou enche de alvorada, ou cobre de ignomínia.
No sítio dum trofeu põe ela uma sentina,
E onde um braço tirano, um braço-guilhotina,
Tinha erguido uma cruz como castigo e exemplo,
Ela, tirando a cruz, põe-lhe por cima um templo.
Despedaça os grilhões e despedaça os jugos,
Atira para a forca o colo dos verdugos.
A vítima é juiz; pena de talião:
O negro inquisidor, mete-o na inquisição.
Faz falar do sepulcro as grandes bôcas mudas.
Na Cruz de Jesus Cristo está pregado Judas.
O carcereiro infame, o hipócrita Luís onze
Ruge como um chacal numa prisão de bronze.
Quem venceu é vencido, e quem matou é morto.
O Bórgìa, o assassino, o monstruoso abôrto,
Surge da sua tumba, imperial, augusta,
E deita-se outra vez na tumba de Locusta.
César levanta a fronte em meio do senado
E arrancando os punhais do flanco ensangùentado,
Atira para longe a arma parricida;
Mas quando de repente ia voltar à vida
A História levantou-se e disse à Expiação:
—Vai matá-lo—E entregou-lhe a espada de Catão.

CONSCIÊNCIA E REMORSO

A noite do remorso andá espreitando a vida
Pela porta da alma ; e a alma espavorida
Vacila, quer fugir, tem mêdo, está confusa.
O infinito esmaga, a solidão acusa...
Dormir, não pode ser; a alma nesse instante,
E' como um ôlho aberto, immóvel, flamejante,
A quem alguêm cortasse a pálpebra sombria.
Escuta pelo ar uma risada fria...
Vê génios infernais, ocultos no arvoredo,
Que estão falando dela e rindo-se em segrêdo...
Vê olhos a fitá-la, ardentes como brasas,
E monstros que ao passar vão sacudindo as asas...
Fica febricitante, alucinada, exangue,
Vai a beber na fonte, ei-la mudada em sangue.
Passa por um vergel; exausta de canseira,
Foi a colhêr um fruto e sai-lhe uma caveira!
Transida de terror, foge pelas montanhas,
E põe-se a cantar alto umas canções estranhas,
Grotescas, joviais, doidas, alucinadas,
Como alguêm que tem mêdo ao ir pelas estradas...

¡Mas tudo, tudo em vão! Não pára, não descansa!
E' pantera que leva o ferro duma lança
Encravado no peito: estorce-se, procura
Uu refúgio, um atalho, uma caverna escura,
Mas sempre adiante dela o caçador feroz,
O espia que Deus traz em cada um de nós,
¡A consciência!... Cai; fica a tremer de susto;
O canto duma ave, a sombra dum arbusto,
O murmúrio do mar, o soluçar do vento,
Um eco, um som, a noite, a luz, o pensamento,
¡Tudo lhe causa mêdo! E' como a criancinha
Que despertou na treva e que se viu sózinha.
Mergulham no infinito as espirais dos sonhos!
Passam-lhe pelo corpo uns frémitos medonhos...
¡Quer dormir, quer morrer! Atira-se aos abismos:
Tomba, revoluteiá em doidos paroxismos,
Vai descendo, descendo... O imenso não tem fundo...
De quando em quando encontra um grão d'areia — um mun
E quanto mais mergulha, e se despenha, e desce,
Mais aumenta o pavor, mais a distância cresce!
O nada não existe! Horror, horror sublime!
"¡Não poder descansar o coração do crime!"
Diz ela; "não poder em tôda a eternidade
Aniquilar-me um dia! O espírito, a vontade,
Nunca poder dormir... Sempre a memória àlerta!
A memória, a memória, ¡essa janela aberta,
Por onde a alma vê todo o passado escuro!
Fugir? mas para onde? a sombra do futuro
E' mar que não tem praia, é noite sem guarida!...
Morrer! que serve? a morte é o prólogo da vida!"

E a lívida immortal, a eterna condenada,
Doida, vesga, feroz, convulsa, alucinada,
Debate-se febril nos turbilhões da insónia!

CRIANÇA EXPOSTA

A noite do remorso é um tenebroso prisma.

Encontram-se a dormir junto aos umbrais das portas,
Mendigos quasi nus, crianças quási mortas.
O pai ensina ao filho, antes de êle ir à escola,
Como é que se abre a mão para pedir esmola.
Rastejam pela treva os vícios mais secretos.
Dormem os hospitais como dragões repletos.
. . . . . .
A sentinela passa. A névoa é condensada.
Um galo que acordou soluça uma risada.
Um ébrio que caíu ao pé da catedral
Dorme pesadamente um sono bestial:
Ressona ali no chão, podre como um farrapo,
O homem feito ventre, a alma feita sapo . . .
Duma viela escura
Sai um gemido, um grito, uma palavra impura,
Um chôro de criança, um rouquejar profundo
De tosse aguardentada . . .
E a imperatriz do mundo
A Lei, a sentinela, anda como um Cerbero,

Lançando o olhar feroz, minucioso, austero,
Para que a podridão universal fermente
Sem perturbar a paz: silenciosamente.

No em-tanto uma mulher, no sítio mais escuro,
Como um negro reptil, desconfiada, incerta,
Corre, desliza, vai, sempre encostada ao muro,
Lançando o olhar oblíquo... A rua está deserta.
Pára, examina, escuta: as solidões são calmas;
Sente apenas bater o coração medroso...
O mais, silêncio... À roda, um cemitério de almas.
Com gesto convulsivo, um gesto criminoso,
D'entre as dobras do manto arranca uma criança;
Põe-lhe ao seio uma cruz, qual lacrimosa amante
Que of'rece ao namorado a última lembrança,
Vendo-o partir talvez para um país distante;
E o doce pequenino, o lírio da orfandade,
Sorriu fitando a mãe... E a mãe ficou scismando
Como quem vê, Senhor, em luminoso bando
Os rouxinóis do outono, as aves da saùdade
Irem alêm cantando,
¡A fugir, a fugir, no azul da imensidade!
Lembrou-se dos irmãos, dos loiros irmãozinhos,
Junto dos quais no berço ela escutava outr'ora
As límpidas canções que só as mães e a aurora
Sabem cantar aos ninhos.
Lembrou-se de seu pai, aquela fronte austera,
O bom trabalhador,
O forte coração para quem ela era
Contínua primavera,
Roseira sempre em flor.

¡ E o leito verginal, cheio de pura essência,
Cheio de tanta luz, como um festivo altar!
O leito sôbre o qual o arcanjo da inocência
Á noite desdobrava as asas de luar!
E os contos de criança, os contos perfumados,
Ouvidos em silêncio à volta dos eirados,
Naquelas noites claras
Em que andam pelo ar suspiros e cantigas,
E em-quanto o lavrador descansa das fadigas
A lua vai sorrindo às trémulas searas!
Angustiada, aflita,
Como para fugir aos sonhos tenebrosos,
Ergueu o seu olhar à abóbada infinita,
Êsse refúgio azul dos corações piedosos.
Da lúgubre amplidão no imenso descampado
Brilhava um astro só, qual loira criancinha
Que um peito sem amor houvesse abandonado.
Quem sabe se tal luz não era porventura
A alma de sua mãe, da trémula velhinha,
Que ao ver lá dos espaços
No abismo a resvalar aquela filha impura,
Abandonava o céu para entender-lhe os braços!...
Ficou scismando absorta em vago, etéreo encanto...
E ao ver a doce luz do trémulo planeta,
Seus olhos ideais encheram-se de pranto,
Como se enchem de orvalho as fôlhas da violeta.

. . . . . .

Nem um rumor sequer pela amplidão tranqüila
O espírito da mãe naquele agudo instante
Hesitava, a tremer, qual pêndula que oscila
Na aresta dum diamante.

Nisto perpassa um vulto... Ela ficou tremente...
Roçara-lhe do crime a tentadora asa:
Põe no chão a criança e foge doidamente,
Como quem vai pisando uma fornalha em brasa

O ÓRFÃO

¡Não ter mãe, nem ter amada!
Ai, que tristeza tamanha,
¡Que dura sorte funesta!
¡Nem a urze da montanha,
E é cousa bem desgraçada,
Teve sorte igual a esta!

¡Vir ao mundo e não ter mãe!
Percorrer o mundo inteiro
Sem um lábio maternal
Que nos diga — filho, vem! . . .
É como ser forasteiro
Na própria terra natal.

¡E dizer que, havendo Deus,
Fonte de imensa piedade,
Há criancinhas sem berço
E almas sem caridade!

Ver os lírios das campinas
Todos cheios de alegria,

E tantas mãos pequeninas
Sem o pão de cada dia!

Senhor, Senhor! quando scismo
Que há muitas almas que nascem
Sôbre o cairel de um abismo,
E que basta um sôpro apenas
Das tempestades do mundo
Para as lançar lá no fundo,
Se têm fundo essas geenas... (1)
Ah! Perdoa-me, Senhor!
Mas por dentro do meu crânio
Passa a dúvida sombria,
Como larva imunda e fria
Nas trevas de um subterrâneo.

Teu filho, o próprio Jesus,
Emblema do sofrimento,
Que morreu pregado à cruz
Sem um único lamento,
Sem um grito, sem um ai,
¡Teu próprio filho, Senhor,
Teve mãe e teve pai!

---

(1) Sinónimo de *infernos*. *Gehenna* é a transcrição grega de três palavras hebraicas, que significavam o *Vale do Filho de Hennom*. Era nêsse vale que os Cananeus, e mais tarde os Israelitas idólatras sacrificavam crianças ao deus *Moloch*. Daí o designar-se o inferno, na linguagem bíblica, pelo nome dêsse lugar, situado a SW. de Jerusalêm.

Ser órfão! não ter na vida
Aquilo que todos têm!
É como a ave sem ninho...
É qual semente perdida
Que ao voltar do seu eirado
O lavrador descuidado
Deixou tombar no caminho.

¡E quando vem a tormenta
Arrancá-la sem piedade,
A triste não se lamenta
Da sua triste desgraça!
Erva da rua... quem passa
Pode esmagá-la à vontade.

Assim vivera também
A criança desditosa
Que em noite má, tenebrosa,
Ficara sem pai nem mãe.

Filho da treva e do vício,
Despontara à luz da vida
Como pomba dolorida
Já votada ao sacrifício.

Não lhe bastava o desgôsto
Do seu martírio profundo,
Do seu tristíssimo fado:
O mundo voltou-lhe o rosto
Porque entre as festas do mundo
É crime o ser desgraçado.

VITA NUOVA

(Poema do amor)

O amor é escada sublime
Vasta, imensa, luminosa,
Que prende o filho do crime
Ao doce olhar de Jesus;
É língua de fogo eterno
Que ascende vertiginosa
Dos sorvedoiros do inferno
Aos sorvedoiros da luz.

Se o fogo de mil crateras
Tombasse sôbre o universo
E mar e homens e feras
Ficasse tudo submerso,
Embora! Passado um dia,
Nalgum ângulo de rocha,
Onde a urze desabrocha,
O amor desabrocharia.

(Dum poeta desconhecido).

I

Ao ver-te o lânguido rosto,
O olhar suavíssimo e brando,
Como quem anda scismando
Nalgum íntimo desgôsto;

Ao ver-te aquela expressão
Dos olhos negros, profundos,
Que a gente pensa que estão
Pregados lá noutros mundos,

Como o olhar dum querubim
Se enlaça no olhar de mãe:
Ao ver-te scismar assim,
Fiquei scismando também.

. . . . . .

Eu era a flor que nasceu
Escondida entre os abrolhos:
Chegou-me a luz dos teus olhos
E vi logo a luz do céu.

Como a andorinha ligeira
Leva no bico uma flor,
Levaste-me a vida inteira
Na asa do teu amor.

Quem tivera mil amores
Para todos tos mandar,
Como um punhado de flores
Que andam dispersas no ar...

Que martírio inda não visto,
Ai! que martírio sem fim!...
¡Se eu pudera ser o Cristo
E tua a cruz de marfim!

Passei-te rente ao mirante,
E dei de cara contigo,
E tu lançaste ao mendigo
O teu olhar – um diamante.

E eu, levantando do chão
A esmola, o cândido aljofre,
Meti-o dentro dum cofre,
Meti-o no coração.

Meu coração é quadrante,
Quadrante do meu desejo:
Nas horas em que te vejo
Não marca mais que um instante.

Como alâmpada sombria
Balouçando a frouxa luz
Por defronte duma cruz
Tôda a noite e todo o dia:

Assim paira esta minha alma
Diante da alma tua...
Como paira incerta e calma
Pelos céus a luz da lua...

. . . . . .

Quando a lua se alevanta
Cheia de pálida luz,
Como o rosto duma santa,
Como a face de Jesus;

Também eu, num vôo imenso,
Remonto ao céu dos amores,
Como o perfume das flores,
Ou como nuvem de incenso.

Quando dorme a branca lua
Num clarão incerto e vago,
Como um cisne que flutua
Nas águas mansas dum lago,

Também est'alma languesce
Ao ver-te, rosa de luz,
Como virgem que adormece
No supedâneo da cruz...

Quando a lua vai medindo
No céu a curva do amor,
Como lágrima caindo
Pela face do Senhor,

Também minh'alma dolente
Busca teu seio de arminho,
Como a ave busca o ninho,
Como Ofélia na corrente.

DEFINIÇÃO

Abóbada infinita,
Não és senão a tampa
Desta sombria campa
Que a humanidade habita.

O CÔRO DAS VÍTIMAS

Nós somos, D. João, as pálidas amantes
Que tu assassinaste a rir e a cantar.
Não temos sepultura, andamos suplicantes,
Expondo pela noite aos ventos soluçantes
Os nossos corações mais frios do que o mar.
Nas campas virginais, batidas do luar
Não deixa Deus dormir as pálidas amantes . . .

A terra, a boa mãe que produziu as flores
E que escondeu a luz na rocha dura e fria,
Ela, que abre igualmente os peitos criadores
Aos homens e aos leões, aos tigres e aos condores,
Ao lírio assetinado e à imunda larva escura,
Ai de ti, D. João! nega-nos sepultura
A terra, a boa mãe que produziu as flores.

Desde que à noite canta a voz do rouxinol,
Manda-nos Deus lavar com nosso pranto ardente
Os beijos que nos deste, os beijos côr de sol . . .
Quando vem despontando o fúlgido arrebol,
Tornamo-nos então em névoa transparente.
Ai! que melancolia o coração não sente,
Quando ouvimos cantar à noite o rouxinol!

Não iremos dormir ao pé das Beatrizes,
Sem primeiro curar com nossas mãos piedosas
Do teu perverso amor as fundas cicatrizes;
E ao depois sôbre nós hão-de criar raízes
Os belos vegetais de fôlhas lagrimosas,
Por debaixo do azul das noites silenciosas,
Quando formos dormir ao pé das Beatrizes.

¡E por ti, D. João, abandonámos tudo!
A flor da primavera, as graças matinais,
Alegrias do amor, doces como o veludo . . .
Partiu-se-nos da fé o cristalino escudo;
Deixámos para sempre os leitos virginais,
Deixámos nossas mães, deixámos nossos pais,
¡Por ti, ó D. João, abandonámos tudo!

Dos teus olhos febris as doces punhaladas
Mataram-nos da alma os sonhos cristalinos;
Andámos pelo mundo exaustas, desgrenhadas,
Lançando no abandôno, à margem das estradas
Do teu lúbrico amor os frutos pequeninos.
Inda aqui podes ver nos seios diamantinos
Dos teus olhos febris as doces punhaladas.

¡Maldito sejas tu por tôda a eternidade!
¡E não possa jamais na tua consciência
Entrar um raio só de graça e claridade!
Em nome da justiça, em nome da orfandade,
Em nome da miséria, em nome da inocência,
Em nome de Jesus, do Céu, da Providência,
¡Maldito sejas tu por tôda a eternidade!

DEPOIS DA TEMPESTADE

Parou a ventania.

As estrêlas dormentes, fatigadas,
Cerram à luz do dia
As misteriosas pálpebras doiradas.
Vai despontando o rosicler (1) da aurora;
O azul sereno e vasto
Empalidece e cora,
Como se Deus lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto.
A estrêla da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vai pelo azul um cântico vibrando,
Tão límpido, tão alto, que parece
Que é a estrêla no céu que está cantando...

---

(1) *Rosicler* (ou *rosicré*) = côr rósea.

II

A MUSA EM FÉRIAS

1879

DEDICATÓRIA

¿Recordam-se vocês do bom tempo d'outrora,
Dum tempo que passou e que não volta mais,
Quando íamos a rir pela existência fora
Alegres como em Junho os bandos dos pardais?
C'roava-nos a fronte um diadema d'aurora,
E o nosso coração, vestido de esplendor,
Era um divino Abril radiante, onde as abelhas
Vinham sugar o mel na balsamina em flor.
¡Que doiradas canções nossas bôcas vermelhas
Não lançaram então, perdidas pelo ar!...
Mil quimeras de glória e mil sonhos dispersos,
¡Canções feitas sem versos,
E que nós nunca mais havemos de cantar!
¡Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esp'ranças
São áureos colibris das regiões da alvorada,
Que buscam para ninho os peitos das crianças.
E quando a neve cai já sôbre a nossa estrada,
E quando o inverno chega à nossa alma, então
Os pobres colibris, coitados, sentem frio,
E deixam-nos a nós o coração vazio,
Para fazer o ninho em outro coração.
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cúmulo

Quando cantam em nós essas canções celestes;
A sua aurora é o berço, e o seu ocaso é o túmulo:
Ergue-se entre os rosais e expira entre os ciprestes.
Por isso, quando o sol da vida já declina,
Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,
É-nos doce parar na encosta da colina
E volver para trás o nosso olhar plangente,
Para trás, para trás, para os tempos remotos
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,
Porque, ai! a juventude é como a flor do lótus,
Que em cem anos floresce apenas uma vez.

É como o noivo triste a quem morreu a amante,
E que ao sepulcro vai, com suas mãos piedosas,
Sôbre um amor eterno — o amor dum só instante —
Deixar uma saùdade e uma c'roa de rosas.
Assim, amigos meus, eu vou sôbre um tesouro,
Sôbre o estreito caixão, pequenino, infantil,
Da nossa mocidade — ¡ a cotovia d'ouro
Que nasceu e morreu numa manhã d'Abril! —
Desprender, desfolhar estas canções sem nexo,
Estas pobres canções, tão simples, tão banais,
Mas onde existe ainda um pálido reflexo
Do tempo que passou, e que não volta mais.

Dezembro de 1878.

A MUSA

I

Das suas tranças doiradas
Nem uma só é postiça;
É casta como as espadas,
É recta como a justiça.

. . . . . .

Às comendas diamantinas
Prefere os lírios nevados,
E as *blouses* garibaldinas
Às becas dos advogados.

Não procura o beneplácito
Da Côrte ou da Santa-sé;
Depois de jantar com Tácito,
Vai cear com Rabelais.

. . . . . .

Cultiva de noite e dia,
Da melhor forma que pode,
As ortigas da Ironia
Junto aos plátanos da Ode.

Às vezes, mesmo por graça,
Ela atropela sem pena
Filinto Elísio que passa
De braço dado a Lucena.

. . . . . .

Corre pelo mundo fora
No seu divino alazão:
É como se fôsse a aurora
Montada sôbre um trovão!

Quando uma barreira é alta,
Vai num galope desfeito,
Enterra-lhe a espora, e salta
O muro do preconceito.

. . . . . .

II

Se vê a fôrça, o amor,
Que lavra na terra inteira,
E faz saír uma flor
De dentro duma caveira;

Se lhe lembra a morte odiosa
Velha trapeira homicida,
Que na cesta tenebrosa
Junta os farrapos da vida;

Se pregunta quem nos ares
Pôs a terra, êsse mosquito,

E faz jogos malabares
Com astros pelo infinito;

. . . . . .

Se em rocha erma e sombria
Escuta o mar formidável,
Batendo de noite e dia,
Como um remorso implacável;

Se a mesma semente, o grão
Da humanidade (mistério!)
Num dia produz Platão
E no outro dia Tibério;

Se a retorta, a velha bruxa,
Lhe diz que o êrro e a verdade
São *marionnettes,* que puxa
O bobo Fatalidade;

E que o homem, ser divino,
Vai na funda escuridão
Marchando atrás do Destino,
Como um cego atrás dum cão;

Se a Musa em-fim quer entrar,
Do Mistério a porta escura,
Diz à Sciência: — Vai buscar
A chave da fechadura.

III

E a Sciência, erguendo ao espaço
Os claros olhos profundos,
Co'a exactidão do compasso
Mede as órbitas dos mundos.

Rasga com milhões de arados,
Fura com milhões de sondas,
Os campos verdes, pastados
Pelos rebanhos das ondas.

Prevê a hora, o segundo
Em que o temporal frenético
Há-de tombar sôbre o mundo
Como um ataque epiléptico.

Para que a onda não torça
O rumo do couraçado,
Veste camisas de fôrça
Ao mar — o grande alienado.

Os nevoeiros alvacentos
Corta-os co'a luz dos faróis;
Publica regulamentos
Para o trânsito dos sóis.

Faz poços artesianos
Sem vara sacerdotal,
E lança entre dois oceanos
Um cordão umbilical.

Faz esta cousa quimérica:
Londres, surgindo a alvorada,
Dizer: — Bons dias! E a América
Responder logo: — Obrigada

Interroga a luz e a treva,
Os vermes e os Prometeus,
Desde Locusta até Eva,
Desde o infusório até Deus.

IV

Deus! o terrível problema!
Quando a sciência chega aqui,
Ou emmudece ou blasfema
A língua do bisturi:

E a Idea mortiça e vaga
Expira dentro do crânio,
Como uma luz que se apaga
Nas trevas dum subterrâneo.

E a Musa, vendo-se então
Sózinha na noite imensa
Entre um naufrágio — a Razão,
E um salva-vidas — a Crença,

Procura, fugindo à morte,
O doce olhar de Jesus,
Como o íman procura o norte
E o cego procura a luz.

TRAGÉDIA INFANTIL

I

ELA

Dos irmãos: a pequenita
Tem quatro anos sómente;
É duma graça infinita,
Dum mimo surpreendente.

. . . . . .

Naquela bôca graciosa
Não pousa de-certo a abelhá,
Por saber que não há rosa
Tão fresca, nem tão vermelha.

. . . . . .

Há tempos, oh, maravilha!
¡Que precocidade aquela!
Nasce a Bebé uma filha
Já quási da altura dela.

Quando a foram baptizar
Houve alegria estrondosa;

Serviu um banco de altar,
Serviu de hissope uma rosa.

Bebé levava o anjinho
Com maternal comoção;
O pequeno foi padrinho,
Foi cura e foi sacristão.

Mimi – eis como se chama
Essa criança inocente:
Uma pequenina dama,
Que não tem cara de gente.

Oh, que exquisita pessoa!
Triste boneca aleijada!
Pois se Bebé fabricou-a
Duns farrapitos, coitada!

Não tem pernas, não tem braços,
É uma criança infeliz;
No rosto deram-lhe uns traços
Com pretensões a nariz.

Não tem cabelos doirados,
Nem bôca para comer;
Seus olhos sempre fechados
São de tinta de escrever.

No em-tanto a Bebé, que a adora,
Parece-lhe um querubim;

Acha-a linda como a aurora...
É mãe: as mães são assim!

. . . . . .

II

ÊLE

O pequerrucho, três anos:
Não há nada mais gracioso
Do que os seus gestos ufanos
E o seu andar orgulhoso.

. . . . . .

Persegue as lesmas viscosas
Que dormem dentro das celas;
Desprega as fôlhas das rosas,
E faz navios com elas.

Detesta ofícios tranqùilos,
Ama o clangor das trombetas:
É o Atila dos grilos,
O Nemrod das borboletas.

Se acaso no tanque observa
A boiar, oh maravilha!
Um pau, um trapo, uma erva,
Em-fim – um mundo, uma ilha,

Vai logo, bravo almirante,
À conquista do inimigo
Com uma frota brilhante,
Feita dum jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos
Um magnífico rebanho
E um grande exército, feitos
De meio arrátel de estanho.

Às vezes forma em batalha
O seu exército inteiro:
Rompe o clarim e a metralha
Dum *krupp* (1) de sabugueiro.

As fortalezas modernas
Caem ali aos pedaços;
Ficam ginetes sem pernas
E granadeiros sem braços.

E à luz da batalha ardente
Êle o herói imperturbável,
Galopa, soberbamente
Numa vassoira indomável!

---

(1) *Krupp*, apelido de um célebre fabricante alemão de material de guerra, empregado aqui como sinónimo de *canhão*.

Depois, já farto da guerra,
Despe a farda de soldado,
E rasga os seios da terra
Dentro dum palmo quadrado.

. . . . . .

Acolá, dum modo vago,
Marca o lugar dum quiosque;
Duma concha faz um lago,
E com três ervas um bosque.

. . . . . .

Ergue palácios, bázares,
Pontes, muralhas, viadutos.
As florestas seculares
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destrói,
É um arquitecto e um guerreiro;
Brilhante como um herói
E sujo como um pedreiro.

. . . . . .

Nenhum obstáculo o afronta;
Não vacila, não desmaia;
Com um lápis, já sem ponta,
Abre um túnel no Himalaia.

Alinha, mede, gradua
Valados para sementes:

Os alviões e a charrua
São três palitos dos dentes.

. . . . . .

Sôbre um rochedo improvisa
Uma tôrre entrincheirada,
Mais baixa do que a de Pisa,
Mas muito mais inclinada.

Faltavam-lhe inda nos mastros
As vitoriosas bandeiras,
Desfraldadas pelos astros
Ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi
Bandeiras por tôda a parte.
— "¿E o vestido de Mimi?„
¡Que esplendoroso estandarte!

"Mas ¡que demónio! Bebé
Desata logo a chorar! . . .
É o mesmo! . . .„ E pé ante-pé,
Como um ladrão, devagar,

Chega-se ao leito, o selvagem!
¡Como ela dorme tranqùila! . . .
Sente remorsos . . . Coragem!
Tremem-lhe as pernas, vacila . . .

Bem sabe o grande malvado
Que vai tornar-se um ladrão;

Mas se o vestido é encarnado,
E é novo . . . ¡ Que tentação!

Não resiste à maravilha;
Lança-lhe as mãos . . . Nesse instante
Acode Bebé, e pilha
O irmão em roubo flagrante.

Vendo as bandeiras perdidas,
Fica levado da breca,
E a pontapés homicidas
Racha a cabeça à boneca.

. . . . . .

III

O REMORSO

E o pequeno — embezerrado,
Mudo, ficou no jardim,
Inerte como um forçado,
Sombrio como Caim.

Negros fantasmas quiméricos
Davam hostis gargalhadas . . .
Via os lírios cadavéricos,
E as rosas ensangùentadas!

Contemplavam-no os rochedos
Com sinistra indignação;
As fôlhas dos arvoredos
Gemiam baixo: — "Ladrão!"

— "¡Olha, vê o que fizeste!"
Disse o luar cristalino.
Um mocho sôbre um cipreste
Piava ao longe: — "Assassino!"

Com o olhar em fúria aceso,
Ao verem crime tamanho,
Fitavam-no com desprêzo
Os seus soldados de estanho.

E a seus pés, visão maldita!
Jazia a pobre insensível,
Com os miolos de chita
Fora do crânio . . . Era horrível!

Ergueu a mêdo os destroços
Do sanguinolento drama.
Vinham juntas com os ossos
Tripas de algodão em rama!

Guardou dentro do chapéu
A hedionda carnificina;
E como caminha um réu
Que vai para a guilhotina,

Entrou em casa, assombrado,
Lívido, exangue, impotente...
Um gato sôbre um telhado
Miava agoireiramente.

E no azul esplendoroso
Via-se a lua suspensa,
Como o disco monstruoso
Duma palmatória imensa!

. . , ... !

À ESCOLA PORTUGUESA

Eis as crianças vermelhas
Na sua hedionda prisão:
Doirado enxame de abelhas!
O mestre-escola é o zangão.

Em duros bancos de pinho
Senta-se a turba sonora
Dos corpos feitos de arminho,
Das almas feitas d'aurora.

Soletram versos e prosas
Horríveis; contudo, ao lê-las,
Daquelas bôcas de rosas
Saem murmúrios de estrêlas.

Contemplam de quando em quando,
E com que inveja, Senhor!
As andorinhas passando
Do azul no livre esplendor.

!Oh, que existência doirada
Lá cima, no azul, na glória,
Sem cartilhas, sem tabuada,
Sem mestre e sem palmatória!

¡E como os dias são longos
Nestas prisões sepulcrais!
Abrem a bôca os ditongos,
E as cifras tristes dão ais!

Desgraçadas toutinegras,
Que insuportáveis martírios!
João Félix (1) co'as unhas negras,
Mostrando as vogais aos lírios!

Como querem que despontem
Os frutos na escola aldeã,
Se o nome do mestre é — Ontem
E o do discíp'lo — Amanhã!

Como é que há-de na campina
Surgir o trigal maduro,
Se é o passado que ensina
O *b a ba* ao Futuro!

Entregar a um tarimbeiro
Um coração infantil!
Fazer o calvo Janeiro
Preceptor do loiro Abril!

Barbaridade irrisória
Estúpido despotismo!

---

(1) João Félix Pereira, autor de compêndios de civilidade. O seu nome é aqui empregado sarcásticamente para fustigar a má educação do educador.

Meter uma palmatória
Nas mãos dum anacronismo!

A palmatória, o açoite,
A estupidez decretada!
A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada!

Gravai na vossa lembrança,
E meditai com horror,
Que o homem sai da criança,
Como o fruto sai da flor.

Da pequenina semente,
Que a escola régia destrói
Pode fazer-se igualmente
Ou o assassino ou o herói.

Desta escola a uma prisão
Vai um caminho agoireiro:
A escola produz o grão
De que a enxovia é o celeiro.

Deixem ver o sol doirado
A' infância, eis o que eu vos peço.
Esta escola é um atentado,
Um roubo feito ao progresso.

Vamos, arrancai a infância
Da lama dêste paúl;
Rasgai no muro Ignorância
Trezentas portas de azul!

O professor asinino,
Segundo entre nós êle é,
Dum anjo extrai um cretino,
Dum cretino um chimpanzé.

Empunhando as rijas férulas
Vós esmagais e partis
As crianças – essas pérolas
Na escola – êsse almofariz.

Isto, escolas! . . . que indecência!
¡Escolas, esta farçada!
São açougues de inocência,
São talhos d'anjos, mais nada.

MORENA

Não negues, confessa
Que tens certa pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

Pois eu não gostava,
Parece-me a mim,
De ver o teu rosto
Da côr do jasmim.

Eu não... mas em-fim
É fraca a razão,
Pois pouco te importa
Que eu goste ou que não.

Mas olha as violetas
Que, sendo umas pretas,
O cheiro que têm!
Vê lá que seria,
Se Deus as fizesse
Morenas também!

Tu és a mais rara
De tôdas as rosas;
E as coisas mais raras
São mais preciosas.

Há rosas dobradas
E há-as singelas;
Mas são tôdas elas
Azuis, amarelas,

Da côr de açucenas,
De muita outra côr;
Mas, rosas morenas,
Só tu, linda flor.

E olha que foram
Morenas e bem
As moças mais lindas
De Jerusalêm.
E a virgem Maria
Não sei... mas seria
Morena também.

Moreno era Cristo.
Vê lá, depois disto,
Se ainda tens pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena!

O CRIME E A CONSCIÊNCIA

. . . . . .

Liga-se à idea crime a idea expiação.
Expiação é o remorso. A consciência tem
Castigo para o mal e prémio para o bem.
Dentro dela reside o júri universal.
Um facínora evita o código penal,
Evitam-se as galés, evita-se a prisão,
Mas não pode evitar-se êste imortal clarão
Da nossa consciência, alâmpada sagrada.

Pegai num criminoso, um salteador de estrada:
Assassinou, matou; é um bandoleiro infrene;
Contudo, não há prova alguma que o condene;
¿ Quem é que o viu roubar, apunhalar? ninguém.
Não há uma suspeita única. Pois bem:
Ficará livre? não: A consciência diz
A êste homem:
— Eu suo ao mesmo tempo o juiz
E a prova; eu sou a lei e sou a acusação;
O subôrno, acredita, é impossível; então
Escusas de mentir e escusas de negar.
Procuraste, é verdade, um óptimo lugar
À beira dum caminho; a noite era sombria;

Testemunhas, nenhuma; o vendaval gemia
Com soluços brutais nas rochas, no arvoredo...
E tu disseste: «Bem; há-de guardar segrêdo
A treva...». Nesse instante a vítima passara;
Ergueste-te do chão, puseste a arma à cara
E desfechaste: ouviu-se um grito e nada mais...
A vítima caíu banhada em sangue; os ais
Foram morrendo... Pronto! A estrada era deserta;
Testemunha, ninguêm; impunidade certa.
Magnífico! puseste a tua arma ao ombro
E começaste a andar. Mas uma voz (¡ assombro
Horrivel!) uma voz de timbre diamantino
Chegou-se ao pé de ti e disse-te: «Assassino!»
E tu ficaste a olhar, mudo, transido, absorto.
¿ Quem é que estava ali? quem te falava? o morto,
Impossível... Talvez uma ilusão, mais nada...
Coragem! caminhaste em direcção à estrada,
Ao sítio onde caíu por terra o viandante;
E, depois de o roubar, fugiste; e nesse instante
Inda outra vez, horror! naquela escuridão
Ouviu-se a mesma voz, e disse-te: «Ladrão!»
E olhando em tôrno a ti surgiu-te de repente
Alguêm que te fitou inexorávelmente
Com um olhar cruel, recto, sereno, agudo.
Êsse alguêm era eu — a consciência! Tudo
Aquilo que pensaste e aquilo que fizeste
Sem testemunha, ali, quási num ermo agreste,
Escondido na treva, oculto pelo mato,
Hora, noite, lugar, o roubo, o assassinato,
Oh! tudo, tudo eu vi perfeitamente bem!
Tinhas dentro de ti um espião: ninguêm

Pode evitá-lo, crê. Ficaste mudo e quêdo;
Com a arma na mão, covarde, tinhas mêdo
Do impalpável. Então uma criança inerme
Podia-te esmagar como se esmaga um verme,
Podia-te bater, podia-te insultar
Sem resistência alguma: a luz do meu olhar
Varava-te; era o sapo em frente da doninha.
E eu peguei-te no braço e disse-te: «Caminha!»
E começaste a andar involuntáriamente.
Não dizias palavra; às vezes, de repente,
Olhavas de soslaio e vias-me na treva;
Continuavas a andar assim como quem leva
Ou um lôbo ou um crime atrás, a persegui-lo.
Tu não podias ver o meu olhar tranqùilo,
Desataste a fugir, correndo alucinado;
Pelo monte; paraste, e viste-me a teu lado.
Quiseste-me cansar: fôste galgando muros,
Penetraste a tremer nos antros mais escuros,
Ensangùentaste as mãos, dilaceraste as pernas
E eu entrava contigo às bôcas das cavernas,
Trepava como tu às rochas mais esguias,
Cortava os vendavais, corria, se corrias,
E se paravas tu, parava eu. Em-fim,
Não tinhas salvação possível. Para mim
Não existe fadiga e não existe sono;
Eu ia como vai o cão atrás do dono
E o corpo atrás da sombra. Aniquilado, então,
Caíste sôbre a terra, e disseste:

«Perdão!
«Consciência, minha amiga, a luz do teu olhar

«Atormenta-me; vai-te e deixa-me ficar
«Em paz. Serei um tigre, um monstro, uma pantera;
«Mas deixa-me, eu odeio a tua face austera
«Que me incomoda muito. ¿O que te custa? Parte!
«És boa rapariga, e quero inda abraçar-te
«Talvez quando estiver para morrer; agora
«O que te peço, filha, é que te vás embora
«E que sejas feliz por muito tempo... Adeus!
«Não me tornes a olhar! a luz dos olhos teus
«Gela como o terror, corta como os punhais!
«Quando me deixas? fala!...» E eu respondi: — Jàmais! —
«Ah não me deixas? bem; é o mesmo, viverei
«Na tua companhia alegremente; e eu sei
«Que tu és virtuosa, incorruptível, pura;
«Mas a vítima, em-fim, creio que está segura,
«Não receio portanto as grades da cadeia;
«Sou muito novo ainda e tenho a bôlsa cheia;
«Vamos gozar! Consciência, a vida é uma batalha;
«O homem que menos ganha é o que mais trabalha;
«O direito pertence ao mais rico e ao mais forte;
«Pouco vale afirmar que inda depois da morte
«Há um mundo melhor e uma existência nova;
«É um sonho de criança, uma ilusão sem prova.
«Antes de adormecer deitados sob as lousas,
«Façamos por gozar tôdas as grandes cousas
«Da realidade. Eu era um cavador; a enxada
«É triste; ergue-se a gente ao vir da madrugada,
«Para ganhar o pão com o suor do rosto.
«Andar ao vento, ao frio, à chuva, ao sol d'Agôsto,
«E viver na indigência, esfarrapado... Não:
«É melhor ser bandido e é melhor ser ladrão.

«Cala-te, consciência!... Eu quero de hoje em diante
«Viver em boa paz contigo. Minha amante,
«Sou rico, hei-de-te dar tudo o que tu quiseres:
«Teremos vinho bom, e ceias, e mulheres,
«E mesa sempre farta, e bôlsa sempre quente;
«Não há vida melhor, nem mais independente.
«É a vida dum rei. Comer sem trabalhar!
«Deitarmo-nos ao sol, de pança para o ar,
«Na cozinha em Janeiro a boa carne e o fogo,
«E depois a taberna e na taberna o jôgo,
«—O paraíso, em suma. E tu, pelo teu lado,
«Empregarás decerto o máximo cuidado
«Em nunca me tocar nesta sombria história...
«Encheremos com treva os fossos da memória,
«Como um antro onde existe um crime silencioso...»

A aurora desfraldara o pavilhão radioso
No firmamento azul. Tu fôste pela estrada
Cantando uma canção alegre e debochada,
Como um ébrio que sai à noite da espelunca.
O meu olhar hostil não te largava nunca;
Trespassava-te a alma, assim como um punhal.
E soltando um rugido estúpido, brutal,
Exclamaste: «Pois bem! hei-de afogar-te em vinho»
E entrando na taberna à beira do caminho
Enguliste dum trago um copo d'aguardente.
Em vão! o meu olhar inexorávelmente
Ardia como a luz por entre a névoa escura.
Bebeste até cair na noite da loucura,
Nas surdas espirais dos mornos pesadelos.
Eu agarrei em ti, preso pelos cabelos

E levei-te de rasto, alucinado, exangue,
Mesmo ao sítio do crime. Havia um mar de sangue
E um mar de escuridão. Ao ver-te aproximar,
O morto silencioso ergueu-se devagar
E começou a rir. Falavam em segrèdo
Na treva os espiões. Os braços do arvoredo
Apontavam-te. E a face escura da montanha
Olhava para ti duma maneira estranha...
Contorcias-te em balde em convulsões mortais;
Bradavas, e a tua voz — gritos, gemidos, ais —
Morria na amplidão caliginosa e trágica.
A noite do remorso é uma lanterna mágica
Cheia de aparições febris, ensangùentadas.
O morto continuava a rir às gargalhadas.
Caía sôbre ti, dura como o granito,
A terrível mudez opaca do Infinito.
Tentando um grande esfôrço hercúleo, sôbre-humano,
Despertaste; e ao sair do turbilhão insano
Viste-me junto a ti como me vês agora.
Nunca mais te larguei desde êsse tempo. Embora
Tu procures o vinho, o esquecimento, a orgia,
Na maior embriaguez, na noite mais sombria,
Eu vejo claramente o sangue da inocência...

É como o olhar dum tigre, o olhar da consciência.

DIA DE INVERNO

Mefistofélico, esguio,
Trota o frio
Na égua vesga, endiabrada
— A nortada.

O *Sagitário* (1) feroz
Crava em nós
As setas e os bisturis
Do pleuris.

Dos troncos dos arvoredos,
Nos rochedos,
O vento, o grande organista,
Fantasista,

Toca tremendos galopes
De ciclopes
E valsas doidas, macabras,
Para cabras.

---

(1) Pela constelação zodiacal do *Sagitário* (do lat. *sagittarius*, de *sagitta*, seta) passa o sol de 22 de novembro a 22 de dezembro. O Poeta aproveitou o nome de *sagitário (archeiro, frècheiro)* para comparar às *setas*, ou *frechas*, as ventanias agrestes e perigosas do mês de dezembro.

Os velhos escriturários,
Salafrários,
Gelam dentro das alpacas,
Como facas.

Não sei que trémula harpia
Assobia
Danadas canções funestas,
Pelas frestas.

Dos vagalhões – ursos brancos –
Sôbre os flancos
Estoira o chicote agreste
Do nordeste.

As crianças, expirando,
Vão em bando,
Mortas, da côr das opalas,
Para as valas.

E do cónego feliz
No nariz
Dezembro arvora a bandeira
Petroleira. (1)

---

(1) Revolucionária. O nariz rubro, de beberrão, é comparado aqui à bandeira vermelha dos revolucionários. O adjectivo *petroleira* recorda a comuna de Paris (1871) e os incêndios de vários edifícios por meio do petróleo, antecessor da dinamite nos laboratórios de química... social.

AS PRAIAS

O rude coração do amargo oceano
Tem virtudes enérgicas, austeras:
Dá um heróico lampejo ao corpo humano,
Um sadio florir de primaveras.
Essas almas dolentes, requebradas,
Tristes como o cantar de um rouxinol,
Fá-las fortes, viris, iluminadas:
Brilhantes como o sol,
E rijas como espadas.
Um corpo frouxo, e mórbido, e franzino,
Cheio de palidez etérea e doce,
Torna-o como se fôsse
De bronze cristalino.
Depois, o aroma acre dos pinheiros,
A borrascosa voz dos marinheiros,
E a vastidão da esplêndida paisagem
Tudo faz rebentar em nossos peitos
O bronze inabalável da coragem.

*

* *

¡Deixai os plúmeos leitos
Onde o espírito lânguido desmaia!
Vinde viver na praia

Entre as coisas sadias, triunfantes
Do belo mundo antigo!
E despi êsses vícios irritantes
Como quem despe uns trapos de mendigo!

*

* *

Viver numa casita à beira-mar
Feita no gôsto inglês,
Casa de um só andar
E sem balcão chinês;
Ler páginas vibrantes, luminosas,
Ricas de coisas sãs e duradoiras;
Beijar crianças puras, vigorosas,
Ainda mesmo que não sejam loiras;
Junto a isto um amigo verdadeiro,
Saúde e algum dinheiro,
Eis a vida melhor, mais pintoresca
Que existe à luz do dia...
A vida assim é uma roseira fresca,
Inundada de orvalhos de alegria!

Fui há dias à praia, e Deus me ajude
A castigar a miserável gente
Que vai gastando a alma inútilmente,
Sem honra, sem trabalho e sem virtude.

. . . . . .

Como um bando ligeiro de andorinhas,
Sôbre a húmida areia reluzente
Brincam alegremente
As loiras Inglesinhas.

Montados sôbre rápidos fouveiros, (1)
Galopam três morgados,
Rijos como sobreiros,
Brutos como soldados.

. . . . . .

Além sôbre um balcão, sem ser florido,
Uma Ofélia, com vistas sensuais,
Sonha coisas ideais
Em que entra tudo, menos o marido.
Ela pensa nos céus, arrebatada
Num espasmo romântico, nervoso...
Adora Lamartine... e é casada
Com um burguês de ventre majestoso.

Um tolo de um janota,
De mão maior que a luva
E pé maior que a bota,
Com olhos desgraçados
Namora uma viúva
Que tem cem mil cruzados.

(1) Cavalos malhados de branco.

Um triste dêsses mártires sandeus
Crava a febril luneta
Numa linda, irritante Julieta
Que teve já uns poucos de Romeus.
No em-tanto adora-a com paixão ardente!
Chama-lhe amor perfeito,
E vai casar com ela simplesmente
Por ter o pé bem feito.

Pôrto, 1872.

CONSELHOS ACADÉMICOS

Procurai com todo o esmêro
A sobriedade, o aticismo:
Um gigante é um exagêro,
E um vulcão é um gongorismo.

O' águias, para sofrerdes
Do sol o rubro clarão,
Deveis pôr lunetas verdes,
Como o meu tabelião.

A luz demais causa dano:
Emmudece o rouxinol;
Vá lá cima Quintiliano (1)
Pôr um *abat-jour* no sol.

---

(1) Marcus Fabius Quintilianus, célebre advogado, orador e professor de rètórica, viveu e floresceu em Roma, no século I da nossa era. Coligiu as suas lições num livro intitulado *Institutio Oratoria*, onde o assunto é tratado com elegância, embora sem grande profundeza. Quintiliano aparece aqui como tipo do académico que pretende abafar a livre inspiração poética e literária com as regras clássicas da rètórica, cujo despotismo é fustigado a golpes de ironia nestas seis quadras.

O estilo rico e brilhante,
Feito de alvoradas d'oiro,
E' como as mãos dum marchante
Tintas no sangue dum toiro.

Não mergulheis a paleta
No arco da aliança, artistas;
Fêz Deus essa taboleta
Como reclame aos droguistas.

A doida orquestra — a procela
Rebenta, estoira, assobia;
Venha um mestre de capela
Dar-lhe lições de harmonia.

. . . . . .

III

A VELHICE DO PADRE ETERNO

1885

AOS SIMPLES

Ó almas que viveis puras, imaculadas
Na tôrre de luar da graça e da illusão,
Vós que inda conservais, intactas, perfumadas,
As rosas para nós há tanto desfolhadas
Na aridez sepulcral do nosso coração;
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
Da luz, olhar de Deus, da luz, bênção d'amor,
Que faz rir um nectário ao pé de cada abelha,
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor;
Almas, onde resplende, almas onde se espelha
A candura inocente e a bondade cristã,
Como num céu d'Abril o arco da aliança,
Como num lago azul a estrêla da manhã;
Almas, urnas de fé, de caridade, e esp'rança,
Vasos d'oiro contendo aberto um lírio santo,
Um lírio imorredoiro, um lírio alabastrino,
Que os anjos do Senhor veem orvalhar com pranto,
E a piedade florir com seu clarão divino;
Almas que atravessais o lôdo da existência,
Êste lôdo perverso, iníquo, envenenado,

Levando sôbre a fronte o esplendor da inocência,
Calcando sob os pés o dragão do pecado;
Bem-ditas sejais, vós, almas que est'alma adora,
Almas cheias de paz, humildade e alegria,
Para quem a consciência é o sol de tôda a hora,
Para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doira as trevas dum monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
E tudo quanto em mim há de belo ou de puro,
— Desde a esmola que eu dou à prece que eu murmuro —
É vosso: fôstes vós o meu primeiro altar.
Lá da minha distante e encantadora infância,
Dêsse ninho d'amor e saùdade sem fim,
Chega-me ainda a vossa angélica fragrância
Como uma harpa eólia a cantar a distância,
Como um véu branco ao longe inda a acenar por mim!

*

Minha mãe, minha mãe! ai que saùdade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se, voando em tôrno dos seus lares,
Suspensas do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sôbre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impávido lebréu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao céu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumiando o espaço,

Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um alívio a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrêla a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia:
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por tôdas as paixões e por tôdas as mágoas;
Pelos míseros que entre os uivos das procelas
Vão em noite sem lua e num barco sem velas,
Errantes através do turbilhão das águas...
O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,
Para tôda a nudez um pano do seu manto,
Para tôda a miséria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...

*

A minha mãe faltou-me, era eu pequenino;
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sôbre uma fôrca um ramo d'oliveira!

*

* *

Ó crentes, como vós, no íntimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

Tôda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o clarão scintila:
Tirai o corpo — e fica uma língua de chama...
Tirai a alma — e resta um fragmento d'argila...

¿E para onde vai êsse clarão? Mistério...
Não sei... Mas sei que sempre há-de arder e brilhar,
Quer tivesse incendiado o crânio de Tibério,
Quer tivesse aureolado a fronte a Joana d'Arc.

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Há-de haver uma treva e há-de haver uma luz
Para o vício que morre ovante sôbre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há-de guardar por sua própria mão
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,
Num relicário d'oiro a alma de Platão.

Mas também acredito, embora isso vos pese,
E me julgueis talvez o maior dos ateus,
Que no universo inteiro há uma só diocese
E uma só catedral com um só bispo — Deus.

E muito embora a vossa igreja se contriste
E a excomunhão papal nos abrase e destrua,
A análise é feroz como uma lança em riste
E a verdade, cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, bíblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exumemos a fé dêsse montão de escombros,
Desentulhemos Deus dessa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Há-de fazer, na mesma aspiração reùnida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas flutua;
A razão é do céu o esplêndido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida é que Deus fêz o sol.

*

* *

Mas, ai! eu compreendo os martírios secretos
Do pobre camponês, já quási secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de afectos,
A casa onde nasceu seu pai, e onde os seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Compreendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, caliginosa e fria
Atravessa a montanha à luz dum facho ardente
E uma rajada vem alucinadamente
Apagar-lho co'a asa atlética e sombria,
Deixando-o fulminado e quási sem sentidos,
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do ciclone que explui, rouco, do sorvedoiro

E se enrosca furioso aos plátanos partidos,
A estrangulá-los, como uma gibóia um toiro.
Compreendo a agonia, o desespêro insano
Do náufrago na rocha, entre o abismo do oceano,
Vendo-o rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira hercúlea de montanhas,
Com jaulas colossais de bronze nas entranhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões.

*

* *

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso pôrto,
É um Deus que para nós há muito que está morto,
E que inda imaginais no entretanto imortal.
Vivei e adormecei nessa crença ilusória,
Já não podeis transpor os mil anos da história
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
Vivei e adormecei nessa ilusão sagrada,
Fitando até morrer os olhos de Jesus,
Como o efémero vão que dura um quási nada,
Que nasce de manhã num raio d'alvorada
E expira ao pôr do sol noutro raio de luz.
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera
Não é a que ilumina as bandas do Porvir;
Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera
Que sustenta e dá inda um tom de primavera
Aos velhos torreões góticos a cair.
Sim, essa crença é um êrro, uma ilusão, é certo:
Mas triste de quem vai pelo areal deserto
Vagabundo, esfaimado e nu como Caim,

Sem nunca ver ao longe os palácios radiantes
Duma cidade d'oiro e mármore e diamantes
No quimérico azul dessa amplidão sem fim!
¿Quem há-de arrancar pois, do seu piedoso engaste
O vosso ingénuo ideal, ó trémulos velhinhos,
Se a quimera é uma rosa e a existência uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos?
¿Quem vos há-de cortar a flôr da vossa esp'rança,
¿Quem vos há-de apagar a angélica visão,
Se essa luz para vós é como uma criança
Que guia numa estrada um cego pela mão?
¿Quem vos há-de acordar dêsse sonho encantado?!
¿Quem vos há-de mostrar a evidência cruel?!
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favo de mel!
Ó velhos aldeões, exaustos de fadiga,
Que andais de sol a sol na terra a moirejar,
Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As três achas que leva à noite para o lar!
Oh, não! guardai-a bem, essa crença d'outrora;
É ela quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz d'um vergel inundado d'aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miséria canta.
Guardai-a sim, guardai! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana, esquálida e feroz,
A agonia será bem rápida e bem leve,
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve
Há-de estender, sorrindo, as asas sôbre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno

Que é o anjo que embalou vosso sono infantil,
E que hoje vem do céu mandado pelo Eterno
Para sorrìr na morte ao vosso branco inverno,
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.
E ao pender-vos gelada a fonte alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tam manso e virginal, tam novo e tam perfeito,
Que Deus há-de beijá-lo e aquecê-lo no peito,
Como se acaso fôsse uma pomba divina,
Que viesse cair-lhe exânime na mão!

A ÁRVORE DO MAL

Por debaixo do azul sereno, entre a fragrância
Dos mirtos, dos rosais,
Viviam numa doce e numa eterna infância
Nossos primeiros pais.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,
Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade nua
Das coisas ignorantes.

Pôs Deus nesse jardim com sua mão astuta,
Ao lado da inocência,
A Árvore do Mal, que produzia a fruta
Venenosa da sciência.

E, apesar de conter venenos homicidas
E o germe do pecado,
Era Deus quem comia à noite, às escondidas,
Êsse fruto vedado.

Por isso Jeová tinha sciência infinda,
Tinha um poder secreto,
E Adão, que não provara os frutos, era ainda
Um anjo analfabeto.

Eva colheu um dia o belo fruto impuro,
O fruto da Razão.
Nesse instante sublime Eva tinha o Futuro
Na palma da sua mão!

O homem, abandonando a submissão covarde,
Viu o fruto, e comeu.
Êsse fruto é a Luz que a Júpiter mais tarde
Roubará Prometeu.

E ao ver igual a si a estátua que criara,
O homem réprobo e nu,
Jeová exclamou: "¡Maldita seja a seara
Cuja semente és tu!"

Veio depois a Igreja e repetiu aos crentes
De tôda a humanidade:
"¡Maldito seja sempre o que enterrar os dentes
Nos frutos da verdade!"

A Igreja permitia êsse vedado pomo
Sómente aos sacerdotes.[1]
Da árvore do mal fugia o mundo, como
Os lôbos dos archotes.

Se o sábio que buscava o oiro nas retortas
Ia como um ladrão
Roubar tímidamente, à noite, às horas mortas,
Algum fruto do chão,

Tiravam-lhe da bôca êsse fruto daninho
Duma maneira suave:
Atando-lhe à garganta uma corda de linho
Suspensa duma trave.

Um dia um visionário, alma vertiginosa,
Espírito imortal,
Foi deitar-se, que horror! à sombra temerosa
Da Árvore do mal.

A Igreja, ao ver aquela intrépida heresia,
Lança-lhe excomunhões;
Tomba por terra um fruto... ¡e Newton descobria
A lei das atracções!

Sacudi, sacudi a árvore maldita,
Que os astros tombarão,
Como se sacudisse a abóbada infinita
Deus, com a própria mão!

E quando o mundo inteiro em-fim houver comido
Até à saciedade
O fruto que lhe estava há tanto proíbido,
O fruto da Verdade,

Homens, dizei então a Jeová: — "¡ Tirano,
"Vai-te embora daqui!
"Construímos de novo o paraíso humano;
"Fizémo-lo sem ti.

"Expulsaste do Olimpo a humanidade outrora,
"Ó déspota feroz;
"Pois bem, o Olimpo é nosso, e, Jeová, agora
"Expulsamos-te nós!„

COMO SE FAZ UM MONSTRO

Êle erá nesse tempo uma criança loira,
Vivendo na abundância agreste da lavoira,
Ao vento, à chuva, ao sol, pastoreando os gados,
Deitando-se ao luar nas pedras dos eirados,
Atravessando à noite os solitários montes,
Dormindo a boa sesta ao pé das claras fontes,
Trepando aos pinheirais, às fragas, aos barrancos,
No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,
Radioso como a aurora e bom como a alegria.
Quando no azul do céu cantava a cotovia,
Aos primeiros clarões vibrantes da alvorada
Transportava ao casebre o leite da manada,
Acordando, a assobiar e a rir pelos caminhos,
Os lebréus nos portais e as aves nos seus ninhos;
E à tarde, quando o sol, extraordinário Rubens,
Na fantasmagoria esplêndida das nuvens,
Colorista febril, lança, desfaz, derrama
O topásio, o rubi, a prata, o oiro, a chama,
Êle ia então sòzinho, alegre, intemerato,
Conduzindo a beber ao trémulo regato,
A golpes de verdasca e gritos estridentes,
Num ruidoso tropel, os grandes bois pacientes.

O seu olhar azul de limpidez virtuosa,
Onde brilhava a audácia heróica e valorosa,
A candura infantil e a inteligência rara;
O timbre da sua voz imperiosa e clara,
A linha do seu corpo altivamente recta,
Tudo lhe dava o ar soberbo dum atleta
Em miniatura.

II

Um dia o pai, um bravo aldeão,
Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe:

"João:

A' fôrça de trabalho e à fôrça de canseiras,
A moirejar no monte e a levar gado às feiras,
Consegui ajuntar ao canto do baú
Alguns pintos. Vocês são dois rapazes; tu,
Além de ser mais novo, és mais inteligente.
Vou botar-te ao latim; quero fazer-te gente.
Hás-de-me dar ainda um grande prègador.
Hoje, padre é melhor talvez que ser doutor.
¡ Aquilo é grande vida; é vida regalada.
Olha, ¿sabes que mais? manda ao diabo a enxada.
Aquilo é que é vidinha! aquilo é que é descanso!
Arrecada-se a côngrua, engrola-se o ripanço,
Arranja-se um sermão aí com quatro tretas,
Vai-se escorropichando o vinho das galhetas,
E a missa, seis vintêns e doze os baptizados.

Depois, independente e sem nenhuns cuidados!
Olha, João, vê tu o nosso padre-cura:
E', sem tirar nem pôr, uma cavalgadura.
Vi-o chegar aqui mais rôto que os ciganos;
Pois tem feito um casão em meia dúzia d'anos.
Isto é desenganar; padres, sabem-na tôda...
É o sermão, é a missa, é o entêrro, é a bôda,
É pinga da melhor, é tudo quanto há!
Quando o abade morrer hás-de vir tu p'ra cá.
Despacha-te o doutor nas côrtes; quando não,
Votamos contra êle, e foi-se-lhe a eleição.
Mas ¿que é isso, rapaz? Nada de choradeira!
É tratar da merenda, e quinta ou sexta-feira
Toca pr'o seminário. Eu quero ir para a cova
Só depois de te ouvir cantar a missa nova.»

III

Numa tarde d'outono, a sonolento trote,
Um macho conduzia em cima do albardão,
Já coluna da igreja, o novo sacerdote,
O muitíssimo ilustre e digno padre João.
Ao entrarem na aldeia os dois irracionais,
Dos foguetes ao grande e jubiloso estrépito,
Um velho recebeu nos braços paternais,
Em vez do alegre filho, um monstro já decrépito
Que acabava de vir das jaulas clericais.
¡Que transfiguração! que radical mudança!
Em lugar da inocente, angélica criança,

Voltava um chimpanzé estúpido e bisonho,
Com o ar de quem anda alucinadamente
Preso nas espirais diabólicas dum sonho.
Seu corpo juvenil, robusto e florescente,
Vergava para o chão exausto de cansaço:
Os dogmas são de bronze, e a lã duma batina
Já vai pesando mais que as armaduras d'aço.
A ignorância profunda, a estupidez suína,
A luxúria d'igreja, ardente, clandestina,
O remorso, o terror, o fanatismo inquieto,
Tudo isto perpassava em turbilhão confuso
Na atonia cruel daquele hediondo aspecto,
Na morna fixidez daquele olhar obtuso.
Metida nas prisões escuras de Loyola
A sua alma infantil, não tendo luz nem ar,
Foi como os rouxinóis que dentro da gaiola
Perdem tôda a alegria e morrem sem cantar.

IV

Como ninguêm ignora, os sórdidos palhaços
Compram, roubam às mães as loiras criancinhas,
Torcem-lhes o pescoço, as mãos, os pés, os braços,
Transformam-lhes num junco elástico as espinhas,
E exibem-nas depois nos palcos das barracas,
Dando saltos mortais e devorando facas
Ante o espanto imbecil da ingénua multidão;
E para lhes cobrir a lividez plangente
Costumam-lhes pintar carnavalescamente

Na face de alvaiade um rir de vermelhão.
Também o jesuìtismo hipócrita-romano,
Palhaço clerical, anda pelos caminhos
A comprar, a furtar, assim como um cigano,
As crianças às mães, os rouxinóis aos ninhos.
Vão levá-las depois ao negro seminário,
A's terríveis galés, ao sacro matadoiro,
E escondem-nas da luz, assim como o usurário
Esconde também dela os seus punhados d'oiro.
Dentro da estupidez e da superstição,
Casamata da fé, guardam-lhes a razão,
A análise, êsse forte e venenoso fluido,
Que, andando em liberdade, ao mínimo descuido
Poderia estoirar com trágica explosão.
O que o palhaço faz ao corpo da criança
Fazem-lho à alma, até que dela reste em-fim,
Em lugar do histrião que nas barracas dança,
O pobre missionário, o inútil manequim,
O histrião que nos prega a bem-aventurança
A murros de missal e a roncos de latim.
As almas infantis são brandas como a neve,
São pérolas de leite em urnas virginais:
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve
Cristaliza em seguida e não se apaga mais.
Desta forma consegue o astucioso clero
Transformar de repente uma criança loira
Num pássaro nocturno, estúpido e sincero,
E abrir-lhe na cabeça, a golpes de tesoira,
A marca industrial do fabricante — um zero!

O MELRO

O melro, eu conheci-o:
Era negro, vibrante, luzidio,
Madrugador, jovial.
Logo de manhã cedo
Começava a soltar d'entre o arvoredo
Verdadeiras risadas de cristal;
E assim que o padre cura abria a porta
Que dá para o passal,
Repicando umas finas ironias,
O melro, d'entre a horta,
Dizia-lhe: «Bons dias!»
E o velho padre cura
Não gostava daquelas cortesias.

O cura era um velhote conservado,
Malicioso, alegre, prazenteiro;
Não tinha pombas brancas no telhado,
Nem rosas no canteiro:
Andava às lebres pelo monte, a pé,
Livre de reumatismos,
Graças a Deus, e graças a Noé.

O melro desprezava os exorcismos
Que o padre lhe dizia;
Cantava, assobiava alegremente;
Até que últimamente
O velho disse um dia:

«¡ Nada, já não tem jeito ! êste ladrão
Dá cabo dos trigais!
¿ Qual seria a razão
Porque Deus fêz os melros e os pardais ?!»

E o melro no entretanto,
Honesto como um santo,
Mal vinha no oriente
A madrugada clara,
Já êle andava jovial, inquieto,
Comendo alegremente, honradamente,
Todos os parasitas da seara,
Desde a formiga ao mais pequeno insecto.
E apesar disto o rude proletário,
O bom trabalhador,
Nunca exigiu aumento de salário.

¡ Que grande tolo, o padre confessor!

Foi para a eira o trigo;
E armando uns espantalhos
Disse o abade consigo:
«Acabaram-se as penas e os trabalhos.»
Mas logo de manhã, ¡ maldito espanto!
O abade, inda na cama,

Ouviu do melro o costumado canto.
Ficou ardendo em chama;
Pega na caçadeira,
Levanta-se dum salto,
E vê o melro a assobiar na eira
Em cima do seu velho chapéu alto!

Chegou a coisa a termo
Que o bom do padre cura andava enfêrmo,
Não falava nem ria,
Minado por tão íntimo desgôsto;
E o vermelho oleoso do seu rosto
Tornava-se amarelo dia a dia.
E foi tal a paixão, a desventura,
(Muito embora o leitor não me acredite)
Que o bom do padre cura
Perdera... o apetite!

* * *

Andando no quintal um certo dia
Lendo em voz alta o *Velho Testamento*
Enxergou por acaso (que alegria!
Que ditoso momento!)
Um ninho com seis melros, escondido
Entre uma carvalheira.

E ao vê-los, exclamou enfurecido:

«A mãe comeu o fruto proìbido;
Êsse fruto era a minha sementeira:
Era o pão, e era o milho.
Transmitiu-se o pecado;
E, se a mãe não pagou, que pague o filho.
É doutrina da Igreja. Estou vingado!

E engaiolando os pobres passaritos,
Soltava exclamações:
«É uma praga. Malditos!
Dão-me cabo de tudo estes ladrões!

Raios os partam! andai lá, que em-fim ...»

E deixando a gaiola pendurada,
Continuou a ler o seu latim,
Fungando uma pitada.

*

* *

Vinha tombando a noite silenciosa;
E caía por sôbre a natureza
Uma serena paz religiosa,
Uma bela tristeza
Harmónica, viril, indefinida.
A luz crepuscular
Infiltra-nos na alma dolorida
Um misticismo heróico e salutar.
As árvores, de luz inda doiradas,
Sôbre os montes longínquos, solitários,

Tinham tomado as formas rendilhadas
Das plantas dos herbários.
Recolhiam-se a casa os lavradores.
Dormiam virginais as coisas mansas:
Os rebanhos e as flores,
As aves e as crianças.

Ia subindo a escada o velho abade;
A sua negra, atlética figura
Destacava na frouxa claridade,
Como uma nódoa escura.
E introduzindo a chave no portal
Murmurou entre dentes:

«Tal e qual... tal e qual!...
Guisados com arroz são excelentes.»

. . . . . .

*

* *

E nisto o melro foi direito ao ninho.
Para o agasalhar andou buscando
Umas penugens doces como arminho,
Um feltrozinho assetinado e brando.
Chegou lá, e viu tudo;
Partiu como uma frecha; e louco e mudo
Correu por todo o matagal; em vão!
Mas eis que solta de repente um grito
Indo encontrar os filhos na prisão.

«¿Quem vos meteu aqui?» O mais velhito
Todo tremente, murmurou então:

«Foi aquele homem negro... Quando veio,
Chamei, chamei... Andavas tu na horta...
Ai que susto, que susto! êle é tam feio!...
Tive-lhe tanto mêdo!... Abre esta porta
E esconde-nos debaixo da tua asa!
Olha, já vão florindo as açucenas;
Vamos a construir a nossa casa
Num bonito lugar...
Ai! quem me dera, minha mãe, ter penas
Para voar, voar!»

E o melro alucinado
Clamou:

. . . . . .

«A culpa tive-a eu! quási à noitinha
Parti, deixei-os sós...
A culpa tive-a eu, a culpa é minha,
De mais ninguêm!... Que atroz!
E eu devia sabê-lo!
Eu tinha obrigação de adivinhar...
Remorso eterno! eterno pesadelo!...

Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera
Ser abutre ou ser fera
Para partir o cárcere maldito!...
E como a noite é límpida e formosa!

Nem um ai, nem um grito...
Que noite triste! oh noite silenciosa!...»

*

* *

E a natureza fresca, onipotente,
Sorria castamente
Com o sorriso alegre dos heróis.
Nas sebes orvalhadas,
Entre fôlhas luzentes como espadas,
Cantavam rouxinóis.

Os vegetais felizes
Mergulhavam as sôfregas raízes
A procurar na terra as seivas boas,
Com a avidez e as raivas tenebrosas
Das pequeninas feras vigorosas
Sugando à noite os peitos das leoas.
A lua triste, a lua merencórea,
Desdémona marmórea,
Rolava pelo azul da imensidade,
Imersa numa luz serena e fria,
Branca como a harmonia,
Pura como a verdade.
E entre a luz do luar, e os sons, e as flores,
Na atonia cruel das grandes dôres,
O melro solitário
Jazia inerte, exânime, serêno,
Bem como outrora a mãe do Nazareno
Na noite do calvário!...

*

* *

Segundo o seu costume habitual,
Logo de madrugada
O padre-cura foi para o quintal,
Levando a Bíblia e sobraçando a enxada.
Antes de dizer missa,
O velho abade, inevitávelmente
Tratava da hortaliça
E rezava a Deus Padre Onipotente
Vários trechos latinos,
Salvando desta forma juntamente
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando:

—Olé!
Dormíram bem?... Estimo...
Eu lhes darei o mimo,
Canalha vil, grandíssima ralé!
¿Então vocês, seus almas do diabo,
Julgavam que isto que era só dar cabo
Da horta e do pomar,
E bico alegre, e estômago contente?
E o camelo do cura que se agùente,
Que engrole o seu latim e vá bugiar!...
Grandes larápios!... Era o que faltava:
Vocês irem ao milho,
E a mim... mandar-me à fava!
. . . . . .
Mas nisto o padre cura, titubeante,

Quási desfalecendo,
Atónito de horror, parou diante
Dêste drama estupendo:

O melro, ao ver aproximar o abade,
Despertou da atonia,
Lançando-se furioso contra a grade
Do cárcere. Torcia,
Para os partir, os ferros da prisão,
Crispando as unhas convulsivamente
Com a fúria dum leão.
Batalha inútil, desespêro ardente!
Quebrou as garras, depenou as asas
E alucinado, exangue,
Os olhos como brasas,
Herói febril, a gotejar em sangue,
Partiu num vôo arrebatado e louco,
Trazendo dentro em pouco
Preso no bico um ramo de veneno...

E belo, e grande, e trágico, e sereno,
Disse:
«Meus filhos, a existência é boa
Só quando é livre. A liberdade é a lei!
Prende-se a asa, mas a alma voa...
Ó filhos, voemos pelo azul!... Comei!» —

E mais sublime do que Cristo, quando
Morreu na cruz; maior do que Catão,

Matou os quatro filhos, trespassando
Quatro vezes o próprio coração!
Soltou, fitando o abade, uma pungente
Gargalhada de lágrimas, de dôr,
E partiu pelo espaço heróicamente,
Indo caír, já morto, de repente,
Num carcavão com silveirais em flôr.

. . . . . .

A VALA COMUM

I

Vala comum – tasca nojenta,
Mesa redonda sepulcral,
Onde a toalha crapulenta
É um lençol roto do hospital,

E onde as larvas proletárias
Devoram – lúgubres festins! –
Crânios de herois, ventres de párias,
Carcassas podres de arlequins.

. . . . . .

Em teu estômago de hiena
Vão-se abismar, monstro cruel,
Rios de sangue com gangrêna
E ondas de lágrimas com fel.

Cloaca pútrida e funérea,
Feira da Ladra hedionda e vil,
És o saguão onde a miséria
Despeja à noite o seu barril.

. . . . . .

Anjos que vêm do paraíso,
Candura etérea e perfumada,
Feitos dum beijo e dum sorriso,
Nalgum jardim, de madrugada,

Vão confundir-se nessa gùela,
Nessa pestífera anarquia,
Com quantas lepras uma viela
Possa escarrar numa enxovia!

As guilhotinas homicidas,
Pelo carrasco, o fiel criado
Mandâm-te o lanche (1) às escondidas
No seu *panier* (1) ensangùentado.

E o cadafalso, um salteador,
Na noite lívida estrangula
Feras que arroja, no estertor,
Aos antros podres da tua gula.

Nada que te encha ou te sufoque.
Monstro, absorver é o teu destino.
Depois da ceia de Moloch, (2)
Ruges co'a fome de Hugolino! (3)

---

(1) *Lanche*, grafia nacional do inglês *lunch*, barbarismo desnecessáriamente introduzido e instalado na nossa língua, onde existia, com sentido igual ou aproximado, a velha palavra *merenda*. *Panier* é o cesto, accessório da guilhotina, para dentro do qual rola a cabeça do executado.

(2) *Moloch*, divindade falada na Bíblia e apresentada pela lenda

Sempre a comer, monstro insensato,
E a bôca sempre escancarada!
O esquife, harpia, eis o teu prato!
E o teu talher — a pá e a enxada!

Vala comum, despenhadeiro
De lírios brancos e de sapos,
Furna onde o Nada, êsse trapeiro,
Faz o armazêm dos seus farrapos,

Quantos heróis — oh raiva, oh ódio!
Teu lôdo amargo apodreceu
Desde Aristógiton e Harmódio
Até Camões e Galileu!

Deus, que te fêz sempre esfaimada,
Deu-te também, pança gigante,
Por cozinheiro Torquemada, (4)
E Bonaparte por marchante.

---

sob a figura monstruosa de um homem com cabeça de touro. Dentro da sua estátua ardia uma fogueira que abrasava as vítimas humanas, em geral crianças, colocadas, para o medonho sacrifício, sôbre os seus braços enormes.

(3) *Ugolino della Gherardesca*, tirano de Pisa, viveu no século XIII e distinguiu-se pela implacável crueldade. Vencido, encerraram-no os seus inimigos na tôrre de Gualandi com dois filhos que tinha, não lhes dando de comer e atirando ao rio Arno as chaves da prisão. Ali morreram de fome todos três, dizendo a lenda que o tirano tentara, para evitar a morte, alimentar-se com a carne dos próprios filhos. Dante imortalizou esta tragédia na sua *Divina Comédia* (Canto XXXIII).

(4) *Torquemada*, cruel inquisidor espanhol (1420-1498).

Átila e Nero – o tigre e o lôbo,
Noventa e três, Saint-Barth'lemy (1),
Eis hecatombes para o globo
Que são banquetes para ti.

Quando famélica te nutres
Dum Waterloo, grandiosa presa,
Sustentas todos os abutres
Só co'as migalhas da tua mesa!

Para o teu último festim (2),
Gargântua (3) sórdido e voraz,
Foi aos açougues de Berlim
A Morte, a encher o seu cabaz.

És magro e fúnebre molosso
Há milhões d'anos sempre a uivar:
«Ó Guerra, traz-me o meu almoço!
«Ó Peste, traz-me o meu jantar!»

. . . . . .

---

(1) *Noventa e três* (1793) é o ano do *Terror*, período da Revolução Francesa, em que muita gente foi assassinada por motivos políticos. Por *Saint Barthelemy* (noite de S. Bartolomeu, 24 de agosto de 1572) designa-se abreviadamente a matança de protestantes instigada por Catarina de Médicis.

(2) O último festim da Vala era, ao tempo em que foram escritos êstes versos, a guerra franco-prussiana de 1870-1871.

(3) *Gargântua*, personagem importante do romance de Rabelais *La vie de Gargantua et de Pantagruel*, é um gigante cujo nome se vulgarizou como sinónimo de *comilão*.

II

Por isso a vala é um alçapão
De d'onde rui a todo o instante
Um tremedal de podridão
Num mar de enxôfre flamejante.

Castigo bárbaro e nefando!
Em monstruosos caldeirões
Ondas de pez tonitroando,
Roucas, uivando, aos borbotões,

E dentro vós, pobres cativos,
Em sangue, em chagas, todos nus,
A morrer sempre e sempre vivos,
Sempre a cozer e sempre crus!

Em lagos rútilos de estanho,
Bramindo pragas em latim,
Milhões de herejes tomam banho...
Olhai, que espiga! (1) um banho assim!...

Êstes, frigidos em certãs,
Dentro do azeite que extravasa;
Outros perneando, como rãs,
Na empalação dum raio em brasa!

---

(1) Chulismo, correspondente a *que mau negócio!*, *que desastre!*, e semelhantes.

Uns são torrados sôbre grelhas,
E os diabos vêm contínuamente
Naquelas nádegas vermelhas
Cravar com fúria o seu tridente!

Muitos estoira-lhes a pança
Entre os coléricos anéis
De vinte cilhas (que lembrança!...)
Feitas de cobras cascavéis!

. . . . . .

E, em-quanto Deus lhes (1) frita os untos
E o coração numa panela,
Que vida airada os bons defuntos
Passam no céu!... que vida aquela!

Pois cá por baixo, aos maganões
Nunca também lhes faltou nada!
Tiveram crenças e milhões...
Deus gosta assim de gente honrada...

Comeram óptimos jantares,
Perfeitamente digeridos;
Foram cristãos e titulares,
Bons pais, bons filhos, bons maridos.

. . . . . .

(1) Permitimo-nos aqui a substituição de *te* por *lhes*, para ligar o sentido de dois excerptos da poesia.

E quando, ao cabo da função,
— Velhos sem dentes, já na espinha, —
A Morte, de chapéu na mão,
Lhes foi tocar à campainha,

Para espicharem dignamente,
Agasalhados na sua cama
O Papa enviou-lhes de presente
A bênção, neste telegrama:

«Remeto bênção Divindade.
Legado Pedro quinze contos.
Escrevi céu, Hotel Trindade,
Tenham chegada quartos prontos.»

E após um grande funeral,
A que assistiu o *high-life* inteiro,
Desde o arcebispo ao general
E desde o príncipe ao banqueiro,

Seus corpos, onde não remexe
O verme vil que trinca os párias,
Embalsamados de escabeche
Em grandes latas funerárias,

No palacete duma campa
Foram guardados, qual tesoiro,
Dentro dum cofre em cuja tampa
Há versos maus em letras d'oiro.

E as almas, prontas para a festa
Do seu olímpico noivado,
Com uma auréola na testa
E asas soberbas no costado,

Partiram leves, subreptícias,
Entre o esplendor de cem auroras,
Lá para o Reino das Delícias,
Onde estarão a estas horas...

POST-SCRIPTUM

DA «VALA COMUM»

Quando eu morrer, abram-me o peito,
E desta jaula, onde houve um leão,
Tirem (o cárcere era estreito)
Meu velho e altivo coração.

Depois, sem dó e sem respeito,
Sem um murmúrio de oração,
Lancem-no assim, vai satisfeito,
À vala obscura, à podridão,

Para que durma e se desfaça
No lôdo amargo da Desgraça,
Por quem bateu contínuamente,

Como um tambor que entre a metralha
Estoira ao fim duma batalha,
Rouco, furioso, ansioso, ardente!

IV

FIEL

NOTA

Por êrro de paginação não foi incluído este poema na colecção dos excerptos do livro A MUSA EM FÉRIAS, a que pertence.

FIEL

Na luz do seu olhar tão lânguido, tão dôce,
Havia o quer que fôsse
Dum íntimo desgôsto:
Era um cão ordinário, um pobre cão vadio,
Que não tinha coleira e não pagava imposto.

Acostumado ao vento e acostumado ao frio,
Percorria de noite os bairros da miséria
Á busca d'um jantar.
E ao ver surgir da lua a palidez etérea
O velho cão uivava uma canção funérea,
Triste como a tristeza ossiânica (1) do mar.

---

(1) Adjectivo formado de *Ossian*, nome de um bardo escocês do século III, a quem mataram um filho e que, velho e cego, mitigava o seu desespêro cantando em verso os feitos dos Caledónios e as glórias da sua própria família, nas lutas contra as invasões romanas de Severo e Caracala. Os seus poemas, parafraseados no seculo XVIII por Macpherson, exerceram sensível influência na literatura romântica, especialmente em Lamartine.

Quando a chuva era grande e o frio era inclemente,
Êle ia-se abrigar ás vezes nos portais;
E, mandando-o partir, partia humildemente,
Com a resignação nos olhos virginais.
Era tranquilo e bom como as pombinhas mansas;
Nunca ladrou dum pobre à capa esfarrapada:
E, como não mordia as tímidas crianças,
As crianças então corriam-no à pedrada.

Uma vez, casualmente, um mísero pintor
Um boémio, um sonhador,
Encontrara na rua o solitário cão;
O artista era uma alma heróica e desgraçada,
Vivendo numa escura e pobre água-furtada,
Onde sobrava o génio e onde faltava o pão.
Era dêsses que têm o rubro amor da glória,
O grande amor fatal,
Que umas vezes conduz ás pompas da vitória,
E que outras vezes leva ao quarto do hospital.

E ao ver por sôbre o lodo o magro cão plebeu,
Disse-lhe: — «O teu destino é quási igual ao meu:
Eu sou, como tu és, um proletário roto,
Sem família, sem mãe, sem casa, sem abrigo;
E quem sabe se em ti, o velho cão do esgôto,
Eu não irei achar o meu primeiro amigo!...»

No céu azul brilhava a lua etérea e calma;
E do rafeiro vil no misterioso olhar

Via-se o desespêro e a ânsia duma alma,
Que está encarcerada, e sem poder falar.
O artista soube ler naquele olhar em brasa
A eloqùente mudez dum grande coração;
E disse-lhe: – «Fiel, partamos para casa;
Tu és o meu amigo, e eu sou o teu irmão. – »

E viveram depois assim por largos anos,
Companheiros liais, heróicos, puritanos,
Dividindo igualmente as privações e as dôres.
Quando o artista infeliz, exausto e miserável,
Sentia esmorecer o génio inquebrantável
Dos fortes lutadores;
Quando até lhe acudia ás vezes à lembrança
Partir com uma bala a derradeira esp'rança,
Pôr um ponto final no seu destino atroz:
Nêsse instante do cão os olhos bons, serenos,
Murmuravam-lhe: – Eu sofro, e a gente sofre menos,
Quando se vê sofrer também alguêm por nós. –

Mas um dia a Fortuna, a deusa milionária:
Entrou-lhe pelo quarto e disse alegremente:
«Um génio como tu, vivendo como um pária,
Agrilhoado da fome á lúgubre corrente!
Eu devia fazer-te há muito esta surpresa,
Eu devia ter vindo aqui p'ra te buscar...
Mas moravas tão alto! e digo-o com franqueza
Custava-me a subir até ao sexto andar...
Acompanha-me; a glória há-de ajoelhar-te aos pés!...»

E foi; e ao outro dia as bôcas das Frinés (1)
Abriram para êle um riso encantador;
A glória deslumbrante iluminou-lhe a vida,
Como bela alvorada esplêndida, nascida
A toques de clarim e a rufos de tambor!

Era feliz. O cão
Dormia na alcatifa à borda do seu leito,
E logo de manhã vinha beijar-lhe a mão,
Ganindo, com um ar alegre e satisfeito.
Mas ai! o dono ingrato, o ingrato companheiro,
Mergulhado em paixões, em gozos, em delícias,
Já pouco tolerava as festivais carícias
Do seu lial rafeiro.

Passou-se mais um tempo; o cão, o desgraçado,
Já velho e no abandôno,
Muitas vezes se viu batido e castigado
Pela simples razão de acompanhar seu dono.
Como andava nojento e lhe caíra o pêlo,
Por fim o dono até sentia nojo ao vê-lo,

(1) *Friné (Phryné)*, cortesã grega do século IV antes de Cristo.— Diz uma tradição, mencionada por Quintiliano, que a bela Friné foi um dia acusada de impiedade e defendida perante o tribunal pelo advogado Hipérides. Vendo que a sua cliente ia ser condenada, o defensor tirou-lhe em pleno tribunal as vestes que a cobriam, e a beleza da mulher encantou e converteu os juízes.

E mandava fechar-lhe a porta do salão.
Meteram-no depois num frio quarto escuro,
E davam-lhe a jantar um osso branco e duro,
Cuja carne servira aos dentes de outro cão.

E êle era como um roto, ignóbil assassino,
Condenado á enxovia, aos ferros, ás galés:
Se se punha a ganir, chorando o seu destino,
Os criados brutais davam-lhe pontapés.
Corroera-lhe o corpo a negra lepra infame.
Quando exibia ao sol as podridões obscenas,
Poisava-lhe no dorso o causticante enxame
Das moscas das gangrênas.

Até que um dia, em-fim, sentindo-se morrer,
Disse: «Não morrerei ainda sem o ver;
A seus pés quero dar meu último gemido...»
E arrastando-se quási exausto, moribundo,
Meteu-se-lhe no quarto, assim como um bandido.

E o artista, ao entrar, viu o rafeiro imundo
E bradou com violência:
«Ainda por aqui o sórdido animal!
É preciso acabar com tanta impertinência,
Que esta besta está podre, e vae cheirando mal!»
E, pousando-lhe a mão cariciosamente,
Disse-lhe com um ar de muito bom amigo:

«O meu pobre Fiel, tão velho e tão doente...
Ainda que te custe, anda daí comigo.»

E partiram os dois. Tudo estava deserto
A noite era sombria; o cais ficava perto;
E o velho condenado, o pobre lazarento,
Cheio de imensas mágoas
Sentiu junto de si, como um pressentimento,
O fundo soluçar monótono das águas.

Compreendeu em-fim! Tinha chegado à beira
Da corrente. E o pintor,
Agarrando uma pedra atou-lha na coleira,
Friamente, cantando uma canção de amor.

E o rafeiro sublime, impassível, sereno,
Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas
Com aquela amargura ideal do Nazareno
Recebendo na face o ósculo de Judas.
Dizia para si: «É o mesmo; pouco importa.
Cumprir o seu desejo é êsse o meu dever;
Foi êle que me abriu um dia a sua porta;
Morrerei, se lhe dou com isso algum prazer.»

Depois, súbitamente,
O artista arremessou o cão na água fria.
E ao dar-lhe o pontapé caíu-lhe na corrente

O gorro que trazia.
Era uma saùdosa, adorada lembrança
Outrora concedida
Pela mais caprichosa e mais gentil criança,
Que amara, como se ama uma só vez na vida.

E ao recolher a casa, êle exclamava irado:
«E por causa do cão perdi o meu tesouro!
Andava bem melhor se o tenho envenenado!...
Maldito seja o cão!... Dava montanhas de ouro,
Dava a riqueza, a glória, a existência, o futuro,
Para tornar a ver o precioso objecto,
Dôce recordação daquele amor tão puro.»

E deitou-se nervoso, alucinado, inquieto.
Não podia dormir.
Ao nascer da manhã o vívido clarão
Sentiu bater à porta! Ergueu-se e foi abrir.
Recuou cheio de espanto: era o Fiel, o cão,
Que voltava arquejante, exânime, encharcado,
A tremer e a uivar, no último estertor,

Caindo-lhe da bôca, ao tombar fulminado,
O gorro do pintor!

V

A LÁGRIMA

1888

A LÁGRIMA

Manhã de junho ardente. Uma encosta escalvada,
Sêca, deserta e nua, à beira d'uma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha,
Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sôbre uma fôlha hostil duma figueira brava,
Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

A aurora desprendeu, compassiva e divina,
Uma lágrima etérea, enorme e cristalina.

Lágrima tão ideal, tão límpida, que ao vê-la,
De perto era um diamante e de longe uma estrêla.

Passa um rei com o seu cortejo de espavento,
Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

—«No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar,
Há safiras sem conta e brilhantes sem par.

«Há rubins orientais, sangrentos e doirados,
Como beijos d'amor, a arder, cristalizados.

«Há pérolas que são gotas de mágua imensa,
Que a lua chora e verte, e o mar gela e condensa.

«Pois, brilhantes, rubins e pérolas de Ofir
Tudo isso eu dou, e vem, ó lágrima, fulgir

«Nesta c'roa orgulhosa, olímpica, suprema,
Vendo o Globo a teus pés do alto do teu diadema!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

*

* *

Couraçado de ferro, épico e deslumbrante,
Passa no seu ginete um cavaleiro andante.

E o cavaleiro diz á lágrima irisada:
«Vem brilhar por Jesus, na cruz da minha espada!

«Far-te hei relampejar, de vitória em vitória,
Na terra Santa, à luz da Fé, ao sol da Glória!

«E à volta há de guardar-te a minha noiva, ó astro.
Em seu colo auroreal de rosa e de alabastro.

«E assim alumiarás com teu vivo esplendor
Mil combates de heróis e mil sonhos d'amor!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu e quedou silenciosa.

*

* *

Montado numa mula escura, de caminho,
Passa um velho judeu, avarento e mesquinho.

Mulas de carga atrás levavam-lhe o tesoiro:
Grandes arcas de cedro, abarrotadas d'oiro.

E o velhinho andrajoso e magro como um junco,
O crânio calvo, o olhar febril, o bico adunco,

Vendo a estrêla, exclamou: «Oh Deus, que maravilha!
Como ela resplandece, e tremeluz, e brilha!

«Com meu oiro em montão podiam-se comprar
Os impérios dos reis e os navios do mar,

«E por êsse diamante esplêndido trocara
Todo o meu oiro imenso a minha mão avara!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

*

* *

Debaixo da figueira, então, um cardo agreste,
Já ressequido, disse à lágrima celeste:

«A terra onde o lilaz e a balsamina medra
Para mim teve sempre um coração de pedra.

«Se a queixar-me, ergo ao céu os braços por acaso,
O céu manda-me em paga o fogo em que me abráso.

«Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,
Ouvi trinar, gorjear a música dos ninhos.

«Nunca junto de mim ranchos de namoradas
Debandaram, cantando, em noites estreladas...

«Voa a ave no azul e passa longe o amor,
Porque aí! Nunca dei sombra e nunca tive flor!...

Ó lágrima de Deus, ó astro, ó gota d'água,
Cai na desolação desta infinita mágoa!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Tremeu, tremeu, tremeu... e caíu silenciosa!...

*

* *

E algum tempo depois o triste cardo exangue,
Reverdecendo, dava uma flor côr de sangue,

Dum roxo macerado, e dorido, e desfeito,
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito...

E ao cálix virginal da pobre flor vermelha
Ia buscar, zumbindo, o mel doirado a abelha!...

25 de Março de 1888.

VI

FINIS PATRIAE

1890

FALAM CHOUPANAS DE CAMPONESES

Pulula a infância na pobreza!...
    Campos maninhos!...
E os berços cheios... Que tristeza!
¿Como é que Deus seca a devesa,
    Fazendo os ninhos?!

Vento, ¿porque é que nos arrasas
    Num turbilhão?!
Na enxerga fria tremem asas,
No lar extinto faltam brasas,
Nas arcas negras não há pão!

O gado é morto, a seara é morta,
    Morta a alegria.
O sol requeima, a geada corta...
Anda um fantasma à nossa porta
    De noite e dia...

Cadela tísica, sem dentes,
    Vesgo animal,
A fome d'olhos reluzentes

Uiva, chorando como os doentes
Num hospital...

Dobram os sinos, dobram os sinos...
Luto agoireiro!...
Enterram velhos e meninos...
Dobram os sinos, dobram os sinos...
Canta o coveiro!

Canta o coveiro e canta o cura...
Canto funéreo!
Pobres! dormi na sepultura,
Que a vossa cama é menos dura
No cemitério!

Dormi, dormi!... sono d'arminho,
Reparador!
O catre é bom: tábuas de pinho...
Não precisais lençóis de linho,
Nem cobertor!...

Dormi, ó mortos de cansaço,
Dormi, dormi na cama nova!
Os astros choram pelo espaço...
Bem-dita a enxada, mais o braço
Que ao cavador abriu a cova!

Olhai, olhai, vão em manadas
Os emigrantes...
Uivos de dó pelas estradas,
Junto dos cais, nas amuradas
Das naus distantes...

Velhinhas, noivas e crianças,
Senhor! Senhor!
Ao voar das últimas esp'ranças
Crispam as mãos, mordendo as tranças,
Loucas de dôr!

Lá vão levados, vão levados,
Pelo alto mar...
Adeus, ó noites nos eirados...
Adeus, ó beijos perfumados,
Beijos d'Agosto à luz do luar!...

Adeus, divinos horizontes,
Inda a cantar nos olhos seus!
Adeus, manhãs doirando os montes!
Erva do campo, água das fontes,
P'ra sempre... adeus!

Lá vão levados, mar sem fundo,
Longe das noivas e dos pais!...
Terras, Jesus! nos fins do mundo...
¿Voltarão?... ¿Quando, mar profundo?
Jàmais! Jàmais!

Morreu a vinha, não dá uvas...
É morto o velho camponês...
Pedras levadas pelas chuvas...
Teto a caír... Órfãs e viuvas,
Luto e nudez!

FALAM POCILGAS DE OPERÁRIOS

Crianças rôtas, sem abrigo...
A enxêrga é pobre e a roupa é leve...
Quarto sem luz, mesa sem trigo...
¿Quem é que bate ao meu postigo?
– A Neve!

A usura rouba a luz e o ar
E o negro pão que a gente come...
Inverno vil... Parou o tear...
¿Quem vem sentar-se no meu lar?
– A Fome!

Lume apagado e o berço em pranto
Na terra húmida, Senhor!
A mãe sem leite... o pai a um canto...
¿Quem vem alêm, torva de espanto?
– A Dor!

Alcool! Veneno que conforta,
Monstro satânico e sublime!...

Beber! beber... e a mágoa é morta!...
¿Quem é que espreita à nossa porta?
—O Crime!

Doze anos já, e semi-nua!
A mãe, ¿que é dela?... O pai no ofício...
Corpo em botão de aurora e lua!...
¿Quem canta além naquela rua?
—O Vício!

A fome e o frio, a dor e a usura,
O vício e o crime... ignóbil sorte!
Oh vida negra! Oh vida dura!...
Deus! ¿quem consola a Desventura?
—A Morte!

FALAM CASEBRES DE PESCADORES

Mar pavoroso, mar tenebroso,
Profundo mar!
Fúrias eternas, fúrias eternas...
Nas ondas negras há cavernas
Com monstros verdes a ulular...

Mar soluçante, mar trovejante,
Nocturno mar!
Ventos e frios, ventos e frios...
Nas ondas torvas há navios
Com marinheiros a cantar...

Mar de tormenta, mar que rebenta,
Convulso mar!
Noites inteiras, noites inteiras
Nas praias tristes há lareiras
Com mães e noivas a rezar...

Mar vagabundo, mar furibundo,
Soturno mar!
Ais e tumultos, ais e tumultos...

Nas ondas roucas andam vultos
De marinheiros a boiar...

Mar infinito, mar infinito,
Maldito mar!
Noite e procelas, noite e procelas...
Entre lençóis, restos de velas,
Há órfãozinhos a chorar!...

FALAM CONDENADOS

Faminto, nú, sem mãe, sem leito.
Roubei um pão.
¿Quem vai alêm de farda e de gran-cruz ao peito?
— Um ladrão!

Todos os crimes da Desgraça
Em mim reúno.
¿Quem vai alêm, tirado a parelhas de raça?
— Um gatuno!

Pela miséria crapulosa,
Eu fui traído.
Que esplêndido palácio em festa! ¿Quem o goza?
— Um bandido!

Viola, seduz, furta, assassina,
Milhão! És rei!
¿Que prostituta está cantando àquela esquina?
— A Lei!

FALAM AS ESCOLAS EM RUÍNAS

A alma da infância é um passarinho...
Gorgeia o ninho e a escola chora:
Na infância cai a noite; e o ninho
Tem sôbre as plúmulas d'arminho
A aurora.

A alma da infância é flor mimosa...
A escola é triste e a flor vermelha:
Na escola paira a c'ruja odiosa;
E sôbre o cálice da rosa
A abelha.

Tu fazes, Pátria, as almas cegas,
Prendendo a infância num covil.
Aves não cantam nas adegas;
Se a infância é flor, ¿porque lhe negas
Abril?!

A' MOCIDADE DAS ESCOLAS

Por terra, a túnica em pedaços,
Agonizando a Pátria está.
Ó Mocidade, oiço os teus passos! ...
Beija-a na fronte, ergue-a nos braços,
Não morrerá!

Com sete lanças os traidores
A trespassaram, vêde lá! ...
Ó Mocidade! unge-lhe as dores,
Beija-a nas mãos, cobre-a de flores,
Não morrerá!

Turba de escravos libertina
Nem ouve os gritos que ela dá ...
Ó Mocidade, ó louca heroína,
Pega na espada, arma a clavina,
Não morrerá!

Já desfalece, já descora,
Já balbucia... é morta já...
Não! Mocidade, sem demora!
Dá-lhe o teu sangue ébrio d'aurora,
Não morrerá!

Rasga o teu peito sem cautela,
Dá-lhe o teu sangue todo, vá!
Ó Mocidade heróica e bela,
Morre a cantar!... morre... Porque ela
Reviverá!

A' INGLATERRA

Ó cínica Inglaterra, ó bêbeda impudente.
¿Que tens levado, tu, ao negro e à escravidão?
Chitas e hipocrisia, evangelho e aguardente,
Repartindo por todo o Escuro Continente
A mortalha de Cristo em tangas d'algodão.

Vendes o amor ao metro e a caridade às jardas,
E trocas o teu Deus a borracha e marfim,
Reduzindo-lhe o lenho a cronhas d'espingardas,
Convertendo-lhe o corpo em pólvora e bombardas,
Transformando-lhe o sangue em água-raz e em gim! (1)

Teus apóstolos vão, prostituta devassa,
Com o fim de levar os negros para o céu,

---

(1) Grafia nacionalizada do vocábulo inglês *gin*, abreviatura de *gineva* = *genebra*, aguardente de cereais, perfumada com *zímbro* ou *junípero* (Lat. *juniperus*).

Desde o Zaire ao Zambeze e desde o Cabo ao Niassa,
Baptizando a Impiedade em Jordões de cachaça,
Mostrando-lhe o teu Deus na tua hóstia — o guinéu!

A honra para ti é inútil bugiganga.
O teu pudor é como um Matabel sem tanga,
Monstruoso ladrão, bárbaro traficante;
Compras a alma ao negro a genebra e missanga,
Vendendo-lhe a tua bíblia a queixais de elefante.

A tua bíblia! o teu Cristo!... A tua bíblia é uma agenda
Em que a virtude heróica a cifras se reduz.
E o teu Cristo londrino é um Deus de compra e venda,
Deus que ressuscitou para abrir uma tenda
De cortiça, carvão, alcool e panos crus!

*

* *

Pela estrada da História, ó milhafre daninho,
Vai um povo seguindo o seu norte polar,
E tu és o ladrão que lhe sais ao caminho,
Com a manha do lôbo e a coragem do vinho,
A roubar-lhe os anéis para o deixar passar!

Quando espreitas o fraco, apontas a clavina;
Quando avistas o forte envergas a libré...
A tua mão ora pede esmola, ora assassina...
Teu orgulho covarde é, meu Bayard d'esquina,
Como um tigre de rasto e um capacho de pé!

*

* *

Quando já se desenha em arco d'aliança
A porta triunfal do século que vem,
Por onde dez nações, marchando atrás da França,
Palmas na mão, cantando um cântico d'esp'rança,
Hão-de entrar numa nova, ideal Jerusalêm;

Quando rompe a alvorada azul do Grande Dia
E de longe um clarim frenético nos chama...
Quando, ao vêr no horizonte o esplendor da aleluia,
O colosso de ferro e d'oiro, a Tirania,
Já começa a baquear sôbre os seus pés de lama;

Quando Paris entoa uma epopeia homérica
Com o timbre imortal da sua hercúlea voz;
Quando, numa rajada esplêndida e quimérica,
O ciclone de luz que deu volta à América
Vai co'as asas de fogo a perpassar por nós;

Quando da Pátria, em-fim, o coração fremente
Palpitava num sonho encantador de glória,
À face da universo inteiro, de repente,
Brutalíssimamente
Em plena Europa, em pleno dia, em plena História,

Qual se fôra de noite e em matagal bem denso,
Estrangula-se a um povo heróico o seu porvir,
Rouba-se uma nação como se rouba um lenço,

E vê a luz do sol êste atentado imenso!
E fica o monstro impune! e o bandoleiro a rir!

E não estala um ai de dôr em cada peito!
E não submerge o monstro a cólera do mar!
E a terra continua em seu giro perfeito!...
Ó quimera, ó tristeza, ó Justiça, ó Direito!...
Providência! ¿onde estás?... que te quero insultar!

*

* *

Hão-de um dia as nações, como hienas dementes,
Teu império rasgar em feroz convulsão...
E no torvo halali, dando saltos ardentes,
Com a baba da raiva esfervendo entre os dentes,
A bramir, levará cada qual seu quinhão!

E tu ficarás só na tua ilha normanda
Com teus barões feudais e teus mendigos nus:
Devorará teu peito um cancro aceso, a Irlanda,
E a tua carne has-de vê-la, ó meretriz nefanda,
Lôdo amassado em sangue, oiro amassado em pus!

E assim como brutais monstros de pesadelo,
No soturno porão duma nau sem ninguêm,
Entre nuvens de fogo e temporais de gêlo,
De bombordo a estibordo a rolar num novelo,
Desabando e rugindo, aos montões, num vaivêm,

Se estrangulam febris, roucos, dilacerantes,
As pupilas a arder em brasas infernais,
Panteras contra leões, ursos contra elefantes,
Cobras em redemoinho, a silvar dardejantes,
Búfalos escornando os tigres e os chacais:

Assim vós, assim vós, dura raça assassina,
Sôbre essa nau de pedra onde o mar vai bater,
Vos estrangulareis, numa carnificina
De que só ficará, sob a densa neblina,
Num pântano de sangue uma Gomorra a arder!...

Milhões, milhões, milhões de bôcas esfaimadas
Hão-de dilacerar-te o corpo com furor,
E a pedra a dinamite, e a carne a punhaladas,
Hão-de tombar no mesmo escombro ensangùentadas,
Em baques de hecatombe e blasfémias de dôr!...

Hão-de os lordes rolar em postas no Tamisa!
Há-de o corpo de um rei dar um banquete a um cão!
Teu solo há-de tremer como uma pitonisa,
E a canalha sem lei, sem Deus e sem camisa
Abrirá teu bandulho infecto, ó Deus Milhão!

Bancos, docas, prisões, arsenais, monumentos,
Tudo rebentará em cacos pelo ar!...
E ao soturno fragor de teus finais lamentos
Responderão – ladrando! – as cóleras dos ventos!
Responderão – cuspindo! – os vagalhões do mar!

Fevereiro de 1890.

VII

PÁTRIA

1891

O DOIDO

Um doido, personificação de Portugal decadente, aparece às noites a cantar baladas sem nexo junto às janelas do Paço. *Astrologus*, o ministro, explica ao rei quem é êsse fantasma que o assusta:

A. C.

Não perdi a razão, nem gracejo...
¿Acaso, meu Senhor, não vêdes, como eu vejo,
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadário,
O quer que seja de extra-humano e de lendário?
Maior que nós, simples mortais, êste gigante
Foi da glória dum povo o semideus radiante.
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,
Seu torrão dilatou, inóspito montado,
Numa Pátria... E que Pátria! a mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!
Campos claros de milho moço e trigo loiro,
Hortas a rir, vergéis noivando em frutos d'oiro,
Trilos de rouxinóis, revoadas de andorinhas,

Nos vinhedos, pombais; nos montes, ermidinhas;
Gados nédios, colinas brancas, olorosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,
Selvas fundas, nevados píncaros, outeiros
D'olivais, por nogais frautas de pegureiros,
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,
Eiras de sonho, grutas de génios e de fadas.
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,
E entre a harmonia vergiliana um povo rude,
Um povo montanhês e heróico à beira-mar,
Sob a graça de Deus a cantar e a lavrar!...
Pátria feita lavrando e batalhando: Aldeias
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.
Cada vila um castelo. As cidades, defesas
Por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas.
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,
Grimpas de catedrais, zimbórios de convento,
Campanários de igreja humilde, erguendo à luz,
Num abraço infinito, os dois braços da cruz!
E êle, o herói imortal duma empresa tamanha,
Em seu tugúriozinho alegre na montanha
Simples vivia, — paz grandiosa, augusta e mansa,
Sob o burel, o arnês; junto do arado, a lança.
Ao pálido esplendor do Ocaso na arribana,
Di-lo-íeis, sentado à porta da choupana,
Ermitão misterioso, extático vidente,
Olhos no mar, a olhar sonambúlicamente...

— «Águas sem fim! ondas sem fim!... Que mundos novos
«De estranhas plantas e animais, de estranhos povos,
«Ilhas verdes além... para além dessa bruma,

«Diademadas de aurora, embaladas de espuma!...
«Oh, quem fôra, através de ventos e procelas,
«Numa barca ligeira, ao vento abrindo as velas,
«A demandar as ilhas d'oiro fulgurantes,
«Onde sonham anões, onde vivem gigantes,
«Onde há topázios e esmeraldas a granel,
«Noites de Olimpo e beijos d'âmbar e de mel!»

E scismava e scismava... As nuvens eram frotas,
Navegando em silêncio a paragens ignotas...
—«Ir com elas... fugir... fugir!...» — Ũa (1) manhã,
Louco, machado em punho, a golpes de titã,
Abateu impiedoso o roble familiar,
Há mil anos guardando o colmo do seu lar.
Fêz do tronco num dia uma barca veleira,
Um anjo à proa, a cruz de Cristo na bandeira...
Manhã d'heróis... levantou ferro... e, visionário,
Sôbre as águas de Deus foi cumprir seu fadário.
Multidões, acudindo, ululavam de espanto.
Velhos de barbas centenárias, rosto em pranto,
Braços hirtos de dor, chamavam-no... Jàmais!
Não voltaria mais!... oh, jàmais... nunca mais!...
E a barquinha, galgando a vastidão imensa,
Ia como encantada e levada suspensa
Para a quimera astral, a músicas de Orfeus...
O seu rumo era a luz, seu piloto era Deus!

---

(1) Mantemos a grafia arcaica de *uma*, empregada talvez pelo Poeta para evitar o cacófato *uma manhã*. Quem não gostar, como nós não gostamos, poderá substituir na recitação *ũa* por *certa*.

Anos depois, volvia à mesma praia, em-fim,
Uma galera d'oiro, e ébano, e marfim,
Atulhando, a estoirar, o profundo porão
Diamantes de Golconda e rubins de Ceilão.
Náiades, e tritões, e ninfas, ao de leve,
Moviam-na a cantar sôbre espáduas de neve.
No estandarte, uma cruz esquartelando a esfera;
E Vénus, voluptuosa, à proa da galera
Com o anjo cristão, virgem risonha e nua,
A mamar alvorada em seus peitos de lua!...
O argonauta imortal, quimérico gigante,
Voltava dos confins da epopeia radiante,
Extasiados ainda os olhos vagabundos
D'astros de novos céus, floras de novos mundos!

Epopeia inaudita! Herói, êle a viveu,
Sonhador, a cantou: Éschilo e Prometeu!
Inda em hinos de bronze, em estrofes marmóreas
Vibra eterno o clangor dessas passadas glórias...
Mas a glória entontece e mata... Deslumbrado,
Trocou por armas d'oiro as armas de soldado,
Vestiu veludo, e sêda, e lhamas rutilantes,
Estrelou de rubins, aljôfares, diamantes
Sua espada de côrte e seu gibão de gala;
E em vez do catre duro e o pão negro de rala,
As molezas do Oriente e as orgias faustosas,
Com baixelas de Olimpo e emanações de rosas...
Perdida a antiga fé, morta a virtude antiga,
Seu ânimo d'herói, caldeado na fadiga
De mil empresas, mil combates de titãs,

Domaram-no por fim braços de cortesãs.
Com o ferro vencera o oiro; em desagravo,
O oiro, que é mau, venceu-o a êl', tornando-o escravo.
Ingrato, abandonara o teto paternal,
Em cuja mesa, à ceia aldeã, herói frugal,
Eram de sua estreme e rústica lavoira
O pão moreno, o vinho claro e a fruta loira...
Deixou morrer o armento; e campos, e vinhedos,
Cobriram-se de tojo, ortigas e silvedos.
Em seus castelos e palácios rendilhados,
Sôbre leitos de arminho, e veludo, e brocados,
Entre beijos de harêm e pompas de rajá,
Desfalecera o velho herói, caduco já.
Mas era bravo ainda, e por vezes, nas veias,
Acordava-lhe o sangue, alvorando epopeias...
Num ímpeto de febre, aceso, arrebatado
Na visão deslumbrante e fulva do passado,
Ergueu-se um dia, louco e triste, alma quimérica,
Olhos em brasa a arder na face cadavérica...
Aparelhou galeões, velas brancas arfantes,
Cavaleiros aos mil, juvenis e brilhantes,
Galopando a cantar, descuidados e ledos,
Lanças na mão, a pluma ao vento, anéis nos dedos,
Cada bôca uma flor, cada arma um tesoiro,
Rodelas d'oiro, arnezes d'oiro, espadas d'oiro,
Pedrarias astrais em setins e em veludos,
Drapejar de pendões, reverberos de escudos,
E as trombetas varando o céu leve de anil
Co'o estridente clangor do seu furor febril!...
E, olhos em brasa a arder na face cadavérica,
Lá partiu, lá partiu, alma errante e quimérica,

Á epopeia da glória, ao sonho aventureiro,
Ao sonho lindo...
Oh, sonho triste, o derradeiro!...
Num mar d'areia, fogo em pó turbilhonando,
Sob o vitríolo da luz redardejando,
Entre as carnagens do combate desvairado,
Já trucidado, espostejado, aniquilado
Seu exército louco, — oh sonho louco e vão! —
O calmo herói, noite no olhar, gládio na mão,
Negro de fumo e pó, rubro de chama e sangue,
Os ilhais estoirando ao seu corcel exangue,
Arrojou-se, como um destino, erecto e forte,
À sangrenta hecatombe, à paz de Deus, à morte!
E a morte não no quis: exânime e desfeito,
De lançadas crivado o arnez, crivado o peito,
Sob o corcel tombou, por milagre inda vivo!
Levaram-no depois sem acôrdo e cativo.
Meio século preso e débil... De repente,
Num assomo de fúria e de cólera ardente,
Partiu grilhões, abriu o ergástulo fatal
E voltou livre, livre! ao seu torrão natal!...

Mas então, oh tristeza, oh desonra, oh desgraça!
Feras do mesmo sangue, homens da mesma raça
Envenenaram-no!...

O REI

Deixa ouvir!

E quem foi?... e quem foi?...

ASTROLOGUS, *embaraçado e perplexo:*

Quem foi?... Mistério obscuro... enigma que se esconde...
Já li sôbre isso, não sei quando, nem sei onde,
Uma lenda qualquer...
Mas nesse ponto, meu Senhor, a história... é muda!...
Envenenaram-no, eis o facto, eis a verdade.
E às escuras, extinta a imortal claridade,
Louco autómato errante, alma cega e funérea,
Veio andando através do tempo e da miséria,
Mendigo como um cão e mártir como um Cristo,
Até chegar, meu Deus, vergonha eterna! a isto!!...
Vêde-o bem, vêde-o bem, o rude herói d'outrora:
Teve o mundo nas mãos; nos olhos d'águia, a aurora,
E hoje, oh destino atroz! sem amparo e sem lar,
Tem andrajos no corpo e escuridões no olhar!...
Não no mandeis prender, eu v'-lo peço e requeiro!
É inofensivo... é manso e bom como um cordeiro...
¿Causam-vos mêdo, porventura, umas baiadas
Que anda à noite a cantar, canções d'almas penadas?...
É a doidice, hórrida e má, que tumultua
Ou nas voltas do tempo, ou nas fases da lua...
Não afronta ninguêm... Deixem-no ir, coitado!
Deixem-no com seu mal e seu negro cuidado,
A trovar pelo escuro e a viver pelos montes
De luz do sol, d'erva do campo e água das fontes...

. . . . . .

Traz um livro na mão, reparai bem, Senhor:
Um livro usado, um livro gasto e sem valor...
Sem valor?!... Um tesoiro, uma história de encanto,

Que êle escreveu com sangue e hoje rega com pranto...
Não a larga da mão, anda-lhe tão afeito,
Que até dorme com ela escondida no peito ..
Mas que miséria a sua e que destino o seu!
Quer ler... e não soletra o livro que escreveu!
Muitas vezes, de tarde, encontro-o a meditar
Sôbre rocha escarpada e nua à beira-mar...
Pega no livro então, abre-o sôfregamente,
E fica olhando, olhando, atónito e demente,
A epopeia d'outrora, a bíblia do passado,
Que lágrimas de fogo em sec'los tem queimado...
Mas ai! ¿que serve olhar, se os olhos são janelas,
E se a alma é quem vê, quem espreita por elas?...
Fica a olhar... fica a olhar, hesitante e perplexo,
Balbucia, articula umas coisas sem nexo,
E, por fim, taciturno e torvo, aniquilado,
Como quem vislumbreia, horror!, o seu estado,
Fita as nuvens do azul... fita as ondas do mar...
E desata, em silêncio, a chorar!... a chorar!...
E depois vem a noite... e ali dorme ao relento,
Desamparado, abandonado, ao frio, ao vento,
Té que algum pescador, de manhã, pela mão
O recolha ao seu lar e lhe dê do seu pão!...

PARAÍSO COSMOPOLITA

...E no em-tanto o país, meu Senhor,
É uma beleza! uma beleza! Encantador!...
Trinta portos ideais, um céu azul marinho,
A melhor fruta, a melhor caça, o melhor vinho,
Balsâmicos vergeis, serranias frondosas,
Clima primaveral de mandriões e rosas,
Uma beleza! ¿Que lhe falta? Únicamente
Oiro, vida, alegria, outro povo, outra gente.
Raça estúpida e má, que por fortuna agora
Torna habitável êste encanto... indo-se embora!
Deixe morrer, deixe emigrar, deixe estoirar:
Dois boqueirões de esgôto, – o cemitério e o mar...
¿Que precisamos nós? Libras! libras, dinheiro!
Libras d'oiro a luzir! Onde as há? No estranjeiro?
Muito bem; o remédio é claríssimo, é visto:
Obrigar o estranjeiro a tomar conta dísto.
Impérios d'alêm-mar, alquilam-se, ou então,
Sorteados, – em rifa, ou à praça, – em leilão.
E o Continente, é dá-lo a um banqueiro judeu,
Para um casino-monstro e um bordel europeu...
Fazer desta cloaca, onde a miséria habita,

Um paraíso por acções, — cosmopolita.
Dar jôgo ao mundo, ao globo! uma banca tremenda!
Calculo eu daí uns mil milhões de renda.
O comércio, dez mil... O trânsito, sem conta...
Cifras, Senhor, de pôr uma cabeça tonta!
De minuto a minuto, expressos e vapores,
Sempre a golfar carregações de jogadores,
Montões de malas, sacos d'oiro, libras, luíses!
Nuvens de cortesãs, dançarinas e actrizes,
Equipagens, *Barnums* (1), *touristes*, saltimbancos,
Vinte raças, — mongóis, negros, mestiços, brancos,
Um ruidoso vaivêm humano que circula,
Todo fausto, esplendor, alta luxúria e gula,
O mylord, o nababo, a Rússia, a Índia, a América,
Numa promiscuidade esplêndida e quimérica!...
E todo êste país, Éden de regabofe,
Iluminado à noite a faróis Jablokoff!...
Que maravilha! que surpresa! que grandeza!
E que tesoiros nesta rica natureza,
Cultivando-a a primor! Em lugar d'erva e searas,
Plantas de luxo: coisas finas, coisas caras...
Eu imagino, (dando os máximos descontos)
Que o Reino lucrará uns trezentos mil contos,
Sómente a produzir, ao ar livre e em estufas,
Ananazes, faisões, ópio, champagne e trufas!

---

(1) O apelido de *Barnum* (Phineas Taylor Barnum, 1810-1891, era um célebre charlatão e empresário de circos norte-americano) tornou-se substantivo comum e serve para designar qualquer explorador da pasmaceira humana, perito na arte de atrair multidões por meio do reclamo descabelado.

FALA O DOIDO, NA ESCURIDÃO

Ao luzir d'alva semeei de flores
Uma encosta deserta ao pé do mar:
Cravos, lírios, jasmins, goivos, amores,
Açucenas e rosas de toucar.
Ao redor, vinha verde e trepadeiras,
Medronheiros, figueiras, romanzeiras...
Lindo jardim! Lindo pomar!
Como no monte não havia fonte,
Desatei a chorar para o regar...
Depois, oh meus feitiços!
Enchi de abelhas d'oiro cem cortiços
E dez pombais com pombas de luar...
Olha o lindo jardim!... olha o lindo pomar!...
E enxada ao ombro — já raiava a aurora —
Abalei a cantar!...
Foi há mil anos... Venho mesmo agora
De ver a linda encosta à beira-mar...
Lindo jardim! lindo pomar!
As açucenas deram-me gangrênas
E os jasmins podridões a fermentar!...
Os cravos deram cravos... mas de cruzes!

E as roseiras, espinhos de toucar...
Sôbre as ervas no chão crepitam luzes,
Fogos fátuos de larvas a bailar...
Só dos goivos, Senhor, brotaram goivos,
Destilando loucura e rosalgar...
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!
Os figos das figueiras são caveiras
E os medronhos são balas de matar...
Oh, que lindas romãs nas romanzeiras!
Corações fusilados a sangrar!...
Inda bem, que em vez d'uvas nas videiras
Há rosários de dor para eu rezar...
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!
De dentro dos cortiços, que feitiços!
Voam corvos e c'rujas pelo ar...
E dos pombais, aos centos,
Nuvens de abutres agoirentos,
Que sôbre as romanzeiras vão poisar!...
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!
. . . . . .
. . . . . .
É de encantar a natureza!... ai que beleza!
Quantas florinhas para a minha mesa!...
Deus, quanta fruta para o meu jantar!...
Lindo jardim... lindo pomar!...

*
* *

A fome e a Dor escaveiradas
Ululam roucas nas estradas,
Irmãs sinistras de mãos dadas...

Misericórdia! Misericórdia!
Na escuridão, entre lufadas,
Que pavorosas debandadas
De multidões desordenadas!...
Misericórdia! Misericórdia!
Turbas gemendo esfarrapadas,
Por ventanias e nevadas,
Filhos ao colo, ao ombro enxadas,
Sem luz, sem pão e sem moradas!...
Misericórdia! Misericórdia!
E em salas d'oiro, iluminadas,
Há beijos, risos, gargalhadas...
Misericórdia! Misericórdia!
E, por outeiros e quebradas,
Tombam choupanas arruìnadas...
Mortas... desfeitas em ossadas...
Misericórdia! Misericórdia! Misericórdia!

FALA O ESPECTRO DE NUN'ÁLVARES

Oh, miseranda, lastimosa sorte,
A dêste coração desbaratado,
Que outrora se julgou tão puro e forte!

Deu com êle a gangrêna do pecado,
Qual um bicho escondido, que apodrece
Um deleitoso fruto embalsamado.

Nada valem tenções, nem vale a prece:
E' das obras que vem à criatura
O galardão e a pena que merece.

Não acuso de ingrata a sorte dura:
Volvo-me contra mim únicamente,
Em meu desassossêgo e má ventura.

Tamanino inda eu era, inda inocente,
Alma cândida e pura, como a rosa
Aberta junto d'água ao sol nascente,

Quando uma noite, uma visão fermosa
Me aparece e me diz com voz divina,
Ao mesmo tempo clara e misteriosa:

"Li numa estrêla d'oiro a vária sina
Que a esforçadas, magnânimas emprêsas
E a feitos não obrados te destina.

"Mas ¿que valem altíssimas grandezas?
Mas que valem as pompas e as vitórias,
Se a mundano desejo andarem presas?!

"Só da fé, só do bem quedam memórias;
Tudo mais é poeira: um vão ruído,
Uns tumultos de sombras ilusórias...

"Cavaleiroso coração ardido
A grande termo levará seus feitos,
Quando ponha em Jesus alma e sentido.

"Melhor que duro arnês, defendem peitos
Virtude adamantina e graça clara,
Com que Deus abroquela os seus eleitos.

"Sê casto como a luz beijando a seara,
Firme qual entre as ondas o rochedo,
Manso como ovelhinha em pedra d'ara.

"E, como o sol d'Abril veste o arvoredo,
D'armas resplandecentes vestirás
O teu corpo d'herói, viçoso e ledo.

"Só pela Pátria e Deus batalharás.
De tua larga mão caiam na terra,
Num gesto grande, a beatitude e a paz.

"Seja neve dos píncaros da serra
Teu limpo coração, bondoso e humano,
Quer na tranqùilidade, quer na guerra.

"A tirania ao fim pune o tirano.
Contra o injusto volta-se a injustiça,
E a maldade é aos maus que faz o dano.

"Arreda para longe ódio e cobiça;
Contra fero inimigo, um bravo alento,
Contra amargura e dor, alma submissa.

"Viva dentro da carne o pensamento
Na pureza da virgem, confinada
Dentro da cela branca dum convento.

"E a carne exultará transfigurada,
Qual a nuvem escura em céu ligeiro,
Em lhe batendo a luz da madrugada.

"De tal guisa, vencendo-te primeiro,
A todos vencerás como um leão,
Formidável e nobre cavaleiro.

"E de Cristo e da Pátria em defensão
Brilhará tua lança como um raio,
Mandará tua voz como um trovão!„.

Assim falou (se me abalou, julgai-o!)
A graciosa visão, que se desfez
Pouco a pouco em suavíssimo desmaio.

*

* *

Donzel eu era já, quando outra vez
As mesmas falas ela, de improviso,
Me repete co'a mesma candidez.

Todo cheio de lágrimas e riso,
Num enlêvo quedei, numa ansiedade,
Mais que da terra já, do Paraíso.

E à celeste, benéfica deidade
Jurei suas razões maravilhosas
Puramente cumprir e de vontade.

Jurei que nunca minhas mãos culposas
Mulher manceba haviam de tocar,
Feita que fôra de luar e rosas.

Jurei, unido em Cristo à luz do altar,
Pôr batalha de morte a meus desejos
E meus vícios da carne assossegar.

Anos do mundo, breves ou sobejos,
Fadigações da vida tão mesquinha,
Com seus ais, com seu pranto, com seus beijos,

Tudo votei sem pena e bem asinha
À cruz do Redentor e à cruz da espada,
Ao meu Deus verdadeiro e à patria minha,

Jurando guardar sempre, e bem guardada,
Ũa alma pura em natureza pura,
Qual em âmbula d'oiro hóstia sagrada.

*

* *

Ai, de mim! ai, de mim! faltei à jura!
Ai, de mim! ai, de mim! ¡¿porque uma peste
Logo te não queimou, língua perjura?!

Ah, donosa visão, visão celeste,
Bem devera de ter descortinado
Naquelas altas falas que me deste,

Que eu, em vício d'amor sendo gerado,
Remiria na carne aborrecida
Pela grã penitência o grão pecado.

Madre senhora! ó madre estremecida!
Antes ficaras tu noiva e donzela,
E eu não abrisse o olhar à luz e à vida!

Ó padre carinhoso! ó madre bela!
Vossa culpa caíu no vosso fruto,
E, com a culpa amarga, o nojo dela!

Queixa não hei de vós: a mim imputo
Lástima e dano, que me só provêm
Dêste bichoso coração corrupto.

Por vós criado fui, como ninguêm;
Vós me guiastes com suave jeito,
Desde menino a alma para o bem.

Remidor dum pecado eu fôra eleito;
Assim mo disse a cândida visão,
E mo escreveu com lágrimas no peito.

Quando tu, padre meu, alto varão,
Mulher me cometeste, logo ansioso
Se me agastou, nublado, o coração.

E tôda a noite o arcanjo luminoso
Repetindo: ¡Não deixes, filho meu,
Glória celestial por triste gôzo!

E a miséria da carne me venceu!
Ó padres! perdoai, chorai comigo,
Que o vosso algoz tirânico fui eu!

. . . . . .

Deus castigou-me o coração maldito:
Pois que sôbre êle ainda vem pesando
O carrêgo mortal do meu delito.

Ó cidadela da pureza, quando
Um vício te faz brecha, sem tardança,
Prestes os mais acodem galopando.

Em minha carne, um dia honesta e mansa,
Por onde entrou luxúria malfazeja,
Entrou ira e soberba, entrou vingança.

. . . . . .

Parti a lança; pendurei a espada;
Com bordão de pastor ou de ceguinho,
Bem andamos de noite esta jornada.

Fama grande do mundo tão mesquinho,
Dando às trombetas com ardor, não voa
Onde voa, cantando, um passarinho.

¿E onde há, ó meu Jesus, se a dor te c'roa,
Se é teu vestido sangue e o vinho fel,
Pena digna de nós, que bem nos doa?!

Sem escudo, sem cota, sem laudel,
Minha triste nudez arrecolhida
Numa samarra triste de burel,

Determinei findar miséria e vida
Lá em partes inóspitas, distantes,
Entre gente comum desconhecida.

. . . . . .

Lá houvera afinal benigno têrmo,
Se em tão grande, humildosa desventura,
Prouvera a meu Jesus de conceder-mo.

D'El-Rei me veio o embargo; e na clausura
D'A que, chorando estrêlas, nos conforta,
Em silêncio, escondi minha amargura.

Vida do mundo, junto dessa porta,
Com o rouco fragor que tudo abala,
Aos pés, em sombra vã, me caíu morta.

. . . . . .

Dias de soledade e de mosteiro
Eu os vivi, na temerosa esp'rança
Da alva do meu dia derradeiro.

Esta dor, que abrandou, que se fêz mansa,
Ali chorou aos ais, como, perdida
Num deserto, de noite, uma criança.

E oh, alívio da alma arrependida!
Quanto mais afincado era o tromento,
Mais nos ombros ligeira a cruz da vida!

. . . . . .

Hora do livramento, hora bem-vinda,
Uma noite, em um sonho d'esplendor,
Ma predizeu, chorando, a Virgem linda.

E, abraçando e beijando o Redentor,
Sem angústia enfadosa, sem queixume,
Dei a alma nas mãos do Criador.

Esbulhada de vício e de azedume,
Às regiões celestes foi voando,
Como pálida luz sôlta do lume.

. . . . . .

*

* *

Oh, descuidado alívio!... não cuidava
Que das culpas do mundo temeroso
Esta essência revel jazia escrava.

Deus a espertou do sono deleitoso,
E, por mais a punir, inda um momento
A banhou, ao de leve, em claro gôzo.

Só as estrêlas, só o firmamento
Recontar poderiam, se quisessem,
Meu desvairo, meu nojo e meu tromento!

Convinháveis palavras me falecem;
As que as bôcas dos homens deitam fora
Tribulações daquelas não conhecem.

Lá da alta estância donde venho agora,
Lá donde o Eterno me elegeu pousada,
Duzentos anos grandes, hora a hora,

Vi eu, alma em tromento, alma calada,
Minha pátria, a meu sangue redimida,
Por meu sangue afinal desbaratada!

Por sangue do meu sangue foi traída;
Eu que alentos lhe dei, lhe dei nobreza
Ao cabo lhe arranquei nobreza e vida!

Os filhos dos meus filhos, oh, tristeza!
A danaram com raiva tão medonha,
Que nem lôbos a hão contra uma presa.

Descendentes da míngua e da vergonha,
Réprobos eram, pois é justa a lei
Que do cântaro mau cria a peçonha.

Feze-os a sina herdeiros do meu rei,
Por que um a um no trono dessem conta
Dêste perdido reino, que eu livrei.

E eu lá daquela altura que amedronta,
Sem poder abalar, correr asinha,
Vingar com mão sanhosa a dura afronta!

. . . . . .

Deus arrasara a nobre flor da Espanha!
Nem a Virgem do Carmo em seu mosteiro
O defendeu de cólera tamanha!

Virgem do Carmo! vê-la num braseiro,
Misturada com pedras e destroços,
Vê-la eu! seu algoz, e seu còveiro!!...

A igreja, que por 'môr dos olhos vossos
Alevantei, ó Virgem da Piedade,
Minha infâmia a ruíu contra os meus ossos!

. . . . . .

Já dois séculos idos de amargura,
Acreditei que em-fim o Criador
Houvera dó da triste criatura:

Do meu sangue de lástima e de horror
Cavaleiroso príncipe foi nado,
Qual nasce duma campa ebúrnea flor.

Ah, o nobre donzel, d'olhar fadado,
A imagem de mim mesmo era talvez,
Quando isento do vício e do pecado.

Risonha aurora em noite se desfez...
Breve expirou, qual expiraram breve
Dentro em mim a virtude e a cândidez...

. . . . . .

Queda enlevado, extático, sôbre-humano. Irradia oiro. Descortina, súbito, numa panóplia, a velha espada de Aljubarrota. O gládio heróico entre cutelos de verdugos! ¡Como eximi-lo à afronta, se já mãos de eleito não devem tocar em ferros homicidas! Embora! Arranca-o, beija-o, ergue-o na dextra, e, da varanda, olhando a noite, em voz soturna de trovão:

Cavaleirosa espada relumbrante!
Se nesse lôdo amargo um braço existe
De profeta e de herói, que te alevante!

Inda bem que na lâmina persiste,
Em crua remembrança e galardão,
Do sangue fraternal a nódoa triste.

Descobre o gládio a quem o houver na mão,
Que ante a justiça recta e verdadeira,
Não há padre, nem madre, nem irmão!

Porêm, se a pátria, já na derradeira
Angústia e míngua onde a lançou meu dano,
Terra d'escravos é, terra estranjeira,

Rútila espada, que brandi ufano!
Antes um velho lavrador mendigo
Te erga a custo do chão, piedoso e humano.

Volte à bigorna o duro aço antigo;
E acabes, afinal, relha de arado,
Pelos campos de Deus, a lavrar trigo.

Arrojando a espada ao abismo da noite:

Deus te acompanhe! Seja Deus louvado!

VIII

OS SIMPLES

1892

A CAMINHO

(Abril, ao raiar d'alva. Por uma encosta de sementeiras, pastos, olivedos e amendoais em flor, vai um loiro peregrino adolescente, de olhos ingénuos e extasiados no alvor da estrêla da manhã).

UM LAVRADOR

(de noventa anos, em mangas de camisa, a lavrar uma terra)

Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de esp'rança,
¿Ides de caminho para algum lugar?

O PEREGRINO

Vou dar volta ao mundo...

O LAVRADOR

¿Sem arnês ou lança?!
Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de esp'rança,
Penas e misérias é o que ireis achar!...

UMA VELHINHA

(mais adiante)

Ó Senhor tão novo, d'olhos inocentes,
¡Ides com cuidados, para um tal andar!

O PEREGRINO

Vou a prender monstros, combater serpentes...

A VELHINHA

Ó Senhor tão novo, d'olhos inocentes,
Os dragões ferozes vão-no espostejar!...

UMA JOVEM CAMPONESA

(mais adiante)

Ó Senhor tão novo, d'olhos encantados,
¿Ides pela fresca para algum pomar?

O PEREGRINO

Vou-me a ler Destinos, descobrir os Fados...

A CAMPONESA

Ó Senhor tão novo, d'olhos encantados,
Feiticeiros negros vão-no enfeitiçar!...

UMA PASTORINHA

(mais adiante)

Ó Senhor tão novo, d'olhos tão brilhantes,
Vossos olhos dizem que ides p'ra casar...

O PEREGRINO

Vou fazer tesoiros, fabricar diamantes...

A PASTORINHA

Ó Senhor tão novo, d'olhos tão brilhantes,
Há ladrões nos bosques, vão-no assassinar!...

UM MENDIGO

(mais adiante)

Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de chama,
Vossos olhos ardem como a luz solar!...

O PEREGRINO

Vou descobrir mundos, quero glória e fama...

O MENDIGO

Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de chama,
Sobe o pó mais alto que os trovões do mar!...

A ESTRÊLA D'ALVA

Ó criança d'olhos côr da flor dos linhos
Por infernos deixas tua paz, teu lar!

O PEREGRINO

(desaparecendo ao longe)

¡ Florirei as pedras pelos maus caminhos!
Levo a luz dos astros e as canções dos ninhos
A sorrir nos beijos e a tremer no olhar!

DE VOLTA

(Crepúsculo, Novembro. Pela encosta fria e desnudada vai andando, esfarrapado e exangue, um pobrezinho triste, arrimado ao bordão).

UM LAVRADOR

(de cem anos, ainda robusto, à porta do casebre)

Mendigo d'olhos sem esp'rança,
Vais-te perder na escuridão...
Entra em meu lar; dorme, descansa...

O POBREZINHO

(andando sempre)

Quem dera a paz divina e mansa,
Velho, que tens no coração!...

UMA VELHINHA

(a rezar à porta do moinho)

Mendigo d'olhos sem ventura,
Dentro da azenha há um enxergão,
Terás lençóis, terás fartura...

O POBREZINHO

(andando sempre)

Eu só quisera essa candura,
Irmã da Graça e da Ilusão!...

UMA CAMPONESA

(que vem da vindima)

Mendigo d'olhos d'enjeitado,
Na nossa casa há vinho e pão;
E há leite fresco; e há mel doirado...

O POBREZINHO

(andando sempre)

Tua alegria sem cuidado,
Eis o que eu busco... em vão! em vão!

UMA PASTORINHA

Mendigo d'olhos de coveiro,
Trago a merenda no surrão;
O queijo é bom, mas é grosseiro...

O POBREZINHO

(andando sempre)

Dá-me o teu riso feiticeiro,
Lírio do monte inda em botão!

UM PEDINTE

Mendigo d'olhos na agonia,
Dou-te o meu manto e o meu bordão;
Nada mais levo... a noite é fria...

O POBREZINHO

(andando sempre)

Apenas ai! desejaria
Tua cristã resignação!

A ESTRÊLA VÉSPER

Ó sonhador louco d'outrora,
Teus sonhos lindos ¿ onde estão?!
Ébrio de luz, rico d'aurora,
Vi-te partir... e vejo agora
Um morto erguido dum caixão!

Teus olhos fulvos namorei-os
De dia e noite, da amplidão:
Vi-os sorrir entre gorgeios,
Vi-os cantar, e vi-os cheios
De pranto, e febre, e indignação!

Regressa em-fim, é teu destino,
À paz obscura, à submissão...
E outra vez meigo e pequenino
Deixa dormir, como um menino,
Teu velho e exausto coração!...

O POBREZINHO

(chorando)

Só tu, estrêla, me conheces
Em minha dor, minha aflição!...
Só tu não dormes, não esqueces...
Só tu ouviste as minhas preces...
¡ Bem-dito, estrêla, o teu clarão!

Setembro — 91

A MOLEIRINHA

Pela estrada plana, toc, toc, toc,
Guia o jumentinho uma velhinha errante,
Como vão ligeiros, ambos a reboque,
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,
A velhinha atrás, o jumentito adiante!...

Toc, toc, a velha vai para o moinho,
Tem oitenta anos, bem bonito rol!...
E contudo alegre como um passarinho,
Toc, toc, e fresca como o branco linho,
De manhã nas relvas a corar ao sol.

Vai sem cabeçada, em liberdade franca,
O gerico russo duma linda côr;
Nunca foi ferrado, nunca usou retranca,
Tange-o, toc, toc, a moleirinha branca
Com o galho verde duma giesta em flor.

Vendo esta velhita, encarquilhada e benta,
Toc, toc, toc, que recordação!
Minha avó ceguinha se me representa...
Tinha eu seis anos, tinha ela oitenta,
Quem me fêz o berço fêz-lhe o seu caixão!...

Toc, toc, toc, lindo burriquito,
Para as minhas filhas ¡quem mo dera a mim!
Nada mais gracioso, nada mais bonito!
Quando a Virgem pura foi para o Egipto,
Com certeza ia num burrico assim.

Toc, toc, é tarde, moleirinha santa!
Nascem as estrêlas, vivas, em cardume...
Toc, toc, toc, e quando o galo canta,
Logo a moleirinha, toc, se levanta,
P'ra vestir os netos, p'ra acender o lume...

Toc, toc, toc, como se espaneja,
Lindo o jumentinho pela estrada chã!
Tão ingénuo e humilde, dá-me, salvo seja,
Dá-me até vontade de o levar à igreja,
Baptizar-lhe a alma p'ra a fazer cristã!

Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,
Tôda, tôda branca, vai numa frescata...
Foi enfarinhada, sorridente amiga,
Pela mó da azenha com farinha triga,
Pelos anjos loiros com luar de prata!...

Toc, toc, como o burriquito avança!
Que prazer d'outrora para os olhos meus!
Minha avó contou-me quando fui criança,
Que era assim tal qual a jumentinha mansa
Que adorou nas palhas o menino Deus.

Toc, toc, é noite... ouvem-se ao longe os sinos,
Moleirinha branca, branca de luar!
Toc, toc, e os astros abrem, diamantinos,
Como estremunhados querubins divinos,
Os olhitos meigos para a ver passar...

Toc, toc, e vendo o sideral tesoiro,
Entre os milhões d'astros o luar sem véu,
O burrico pensa: Quanto milho loiro!
¿Quem será que mói estas farinhas d'oiro
Com a mó de jaspe que anda alêm no céu?...

Novembro de 1888.

CANÇÃO PERDIDA

Hálitos de lilás, de violeta e d'opala,
Roxas macerações de dor e d'agonia,
O campo, anoitecendo e adormecendo, exala...

Triste, canta uma voz na síncope do dia:

Alguêm de mim se não lembra
Nas terras d'alêm do mar...
Ó Morte, dava-te a vida,
Se tu lha fôsses levar!...

Ó Morte, dava-te a vida,
Se tu lha fôsses levar!...

Com o beijo do sol na face cadavérica,
Beijo que a morte esvai em palidez algente,
Eis a lua a boiar sonâmbula e quimérica...

Doce, canta uma voz melancólicamente:

O meu amor escondi-o
Numa cova ao pé do mar...
Morre o amor, vive a saùdade...
Morre o sol, olha o luar!...

Morre o ámor, vive a saùdade...
Morre o sol, olha o luar!...

Latescente a neblina opálica flutua,
Diluindo, evaporando os montes de granito
Em colossos de sonho, extasiados de lua...

Flébil, chora uma voz no letargo infinito:

¿Quem dá ais, ó rouxinol,
Lá para as bandas do mar?...
É o meu amor que na cova
Leva as noites a chorar!...

É o meu amor que na cova
Leva as noites a chorar!...

A lua enorme, a lua argêntea, a lua calma,
Imponderalizou a natureza inteira,
Descondensou-a em fluido e embebeceu a em alma...

Triste expira uma voz na canção derradeira:

Ó meu amor, dorme, dorme
Na areia fina do mar,
Que em antes da estrêla d'alva
Contigo me irei deitar!...

Que em antes da estrêla d'alva
Contigo me irei deitar!...

Maio—91

O PASTOR

Sinos a defuntos! ai, ¿quem morreria?
Olha, foi o pobre do Ti Zé-Senhor!...
Velho tão velhinho nenhum outro havia...
P'ra cumprir cem anos lhe faltava um diá,
Há noventa e quatro que era já pastor.

Zagalzinho alegre, desde tenra infância
Já de surrãozito cheio a tiracol,
A escalar montanhas com ardor, com ânsia,
Por pastagens bravas d'auroral fragrância,
Branqueadinho a neve e doiradinho a sol!...

A deserta, imensa, rústica paisagem,
Cordilheiras, campos, astros d'oiro, luar,
Tudo se invertera, por contínua imagem,
Em heróica, em livre candidez selvagem
Na extasiada flor do seu ingénuo olhar.

Ordenhado o leite, cantarinho cheio,
Ala para a aldeia, por manhãs sonoras,
Mordiscando a côdea do seu pão centeio,
Arrancando à frauta um pastoril gorgeio,
Rapinando às sebes chupa-méis e amoras.

Fêz-se moço e grande pelas serras brutas,
Onde as águias pairam, onde o roble medra,
E onde os fragaredos bárbaros, com grutas,
Se encastelam crespos, infernais, em lutas,
Tal como tormentas de trovões de pedras!

Cada serrania alcantilada e brava,
Sob o azul d'Agôsto, côr de fogo e pó,
Recozida a febre e atordoada em lava,
Lagrimeja apenas duma rocha cava
Pranto, que o bebera uma ovelhinha só!

E por essas fulvas, íngremes ladeiras
Pastoreava o gado, quási morto já:
Só rochedos tristes, nus como caveiras,
E zambulhos, zimbros, tojos, cornalheiras,
Acres como pragas duma bôca má!

E depois as torvas, negras invernadas,
Noites formidandas, lôbos a ulular,
Desmoronamentos, temporais, nevadas,
Carcavões abertos pelas enxurradas,
Troncos de sobreiros de raiz ao ar!...

Oh, as noites tristes, alapado e quêdo,
Num covil de feras, ou algar deserto!...
E dormia ao lume sem temor, sem mêdo,
Pois Nossa Senhora, Virgem do Degrêdo,
Na ermidinha branca lhe ficava perto...

Mas no mês de Março píncaros maninhos,
Montes cenobitas, d'ossos e burel,
Vestem-se de trevos e de rosmaninhos,
Com sorrisos d'oiro que alvoroçam ninhos,
E destilam favos de inocência e mel!...

Era então alegre como o sol nascente,
Mais feliz nos campos do que Deus no altar!
Anhos e cabritos, leite rescendente,
Pastos tão mimosos, que quisera a gente
Transformar-se em ave para os não calcar!

Tanto Abril florido, tanta calma adusta,
Tantas inverneiras, sem pesar ou dor,
Tinham-lhe gravado na expressão robusta
Como que uma sombra de grandeza augusta,
Junta a uma inocência matinal de flor.

¿Que importavam gelos, ventanias, feras?
Peito nu, aberto; construção de toiro!
Quási me admirava que, nas primaveras,
Dêsse peito rude não brotassem heras,
Margaridas, lírios com abelhas d'oiro!

Ao relento a cama no orvalhado pasto,
Cêrca dos carneiros e dos bons lebreus;
¡Que divino leito primitivo e casto,
Todo embalsamado de serpol, mentrasto,
Sob a paz imensa do perdão de Deus!...

E êsse gigantesco latagão corado
Era, como os santos ermitões, frugal:
Duas azeitonas, queijo do seu gado,
E de rala escura meio pão migado
Num caldeiro d'água com azeite e sal.

Não jantava morte, assassinato, dores,
Hecatombes tristes que jantamos nós;
E por isso ria como riem flores,
Atraindo em bandos aves de mil côres,
Feiticeiro simples, com o olhar e a voz!...

Sua rude frauta de pastor ouvindo
Na misteriosa luz crepuscular,
Iam-se as estrêlas uma a uma abrindo,
E desabrochava pelo azul infindo
Soluçante a lua como um nenufar!...

Que trinados vivos, d'argentino encanto
Ai, missa do galo, lhe inspiravas tu,
Nessa frauta, quando de cajado e manto
Ia deitar loas ao menino santo
No altar-mor da igreja sorridente e nu!

Fôra lá criança, mágica ventura!
Centenário quási a derradeira vez...
E gorgeava a frauta com igual candura,
Pois a alma virgem, luminosa e pura,
Conservara-a sempre como Deus a fêz.

Nela penetrava, nela se embebia
Tudo que é inocência, riso, amor, clarão:
Frémito de pomba, voz de cotovia,
Cânticos dos montes ao nascer do dia,
Lágrimas dos astros pela escuridão!...

Longe dos pecados de raivosas presas,
Belzebus famintos d'olhos de metal,
Longe das horríveis tentações acesas
No torpor dos leitos, na embriaguez das mesas,
Pululantes larvas, vibriões do Mal,

O pastor ditoso envelheceu ridente
Por despenhadeiros, alcantis, calvários,
E na fronte augusta de ermitão, de crente,
Lhe geavam anos luminosamente,
Como as pombas brancas sôbre os campanários!

Das ovelhas meigas, — íntimas heranças! —
Recolhera tôda a abnegação cristã:
Oh, sejais bemditas, ovelhinhas mansas,
Que com vosso leite sustentais crianças,
E vestis os pobres com a vossa lã!

Aos noventa anos, festival, risonho,
Álamo gigante d'água viva ao pé;
Sim! inda na bôca risos de medronho
E nos olhos lentos, a tremer em sonho,
Dois miosótis virgens de candura e fé!

Com seu manto branco de burel grosseiro,
Cãs de puro arminho, báculo na mão,
Alembrava um santo feito pegureiro,
Que eu desejaria sôbre o altar cruzeiro
Duma ogiva d'astros, em adoração!

Centenário quási, recordava aspectos
De lendário tronco num feliz vergel,
Moribundo em meio de seus verdes netos,
Com a Providência a agasalhá-lo em fetos,
Com abelhas d'oiro inda a nutri-lo a mel,

E que surdo à voz de ledos passarinhos,
E que cego ao éter de esplendor ideal,
Com o ai extremo lança dois raminhos,
A chamar ainda por canções de ninhos
E a dizer aos astros um adeus final!

Tal o pastor santo, já de vez caído,
Já corcovadinho, flébil, quási morto,
Arrimado ao velho báculo torcido,
Nada ouvindo, nada, com o duro ouvido,
Vagamente olhando com o olhar absorto,

Ia pelos montes na tristeza infinda
Dum coração ermo, com a morte aceite,
A pedir aos anjos para ouvir ainda
Badalar ovelhas numa noite linda,
Quando a lua os campos alagasse em leite!...

Seu bisavô fôra guardador de gado,
Guardador de gado seu avô, seu pai;
Criou filho e netos como foi criado,
E morreu ditoso, porque o seu cajado
Seu rebanho ainda pastoreando vai!

Cândido, na paz das solidões dormentes,
Ignorando o mundo rancoroso e vil
Aos cem anos inda, com a fé dos crentes,
Punha olhos claros, simples, inocentes,
Na estrelinha d'Alva das manhãs d'Abril!

Levará no esquife para os céus a palma
Da grandeza mansa, da virtude austera.
Realizou no mundo a perfeição da Alma:
Porque foi bondoso como a lua é calma,
Porque foi um santo sem saber que o era!...

Vós, ó semideuses do entremez da Glória,
Césares, tiranos, capitães, heróis,
Épicas figuras de imortal memória,
Que de sêrro em sêrro iluminais a história
Como crepitantes, trágicos faróis,

Na região do Imenso, no Infinito puro,
Onde me deslumbra, como um sol, Jesus,
Não sois mais que larvas a tremer no escuro,
Que ninguêm conhece, que eu em vão procuro
Com meus olhos calmos nesse mar de luz!

E o pastor d'ovelhas, que comeu centeio,
Que viveu nos montes, que dormiu nas grutas,
Tão asselvajado, cabeludo e feio,
Que disséreis quási que êsse monstro veio
Da matriz da terra, como as pedras brutas,

Já liberto agora da Ilusão do mundo
Fêz-se em anjo branco, inda outra vez pastor:
Milhões d'astros seguem seu olhar jocundo,
São rebanhos d'almas pelo azul profundo
As ovelhas novas do Ti Zé-Senhor!...

90-91.

OS POBREZINHOS

Pobres de pobres são pobrezinhos,
Almas sem lares, aves sem ninhos...

Passam em bandos, em alcateias,
Pelas herdades, pelas aldeias.

É em Novembro, rugem procelas...
Deus nos acuda, nos livre delas!

Vêm por desertos, por estevais,
Mantas aos ombros, grandes bornais

Como farrapos, coisas sombrias,
Trapos levados nas ventânias...

Filhos de Cristo, filhos d'Adão,
Buscam no mundo côdeas de pão!

Há-os ceguinhos, em treva densa,
D'olhos fechados desde nascença.

Há-os com f'ridas esburacadas,
Roxas de lírios, gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,
Quem sabe lá se serão ladrões!...

Outros humildes, riso magoado,
Lembram Jesus que ande disfarçado...

Enjeitadinhos, rotos, sem pão,
Tremem maleitas d'olhos no chão...

Campos e vinhas!... hortas com flores!...
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tetos e lares...
Fumo tão lindo!... branco, nos ares!...

Batem às portas, erguem-se as mães,
Choram meninos, ladram os cães...

Rezam e cantam, levam a esmola,
Vinho no bucho, pão na sacola.

Fruta da horta, caldo ou toucinho,
Dão sempre os pobres a um pobrezinho.

Um que tem chagas, velho, coitado,
Quer ligaduras ou mel-rosado.

Outro, promessa feita a Maria,
Deitam-lhe azeite na almotolia.

Pelos alpendres, pelos currais,
Dormem deitados como animais.

Em caravanas, em alcateias,
Vão por herdades, vão por aldeias...

Sabem cantigas, oraçõezinhas,
Contos d'estrêlas, reis e rainhas...

Choram cantando, penam rezando,
Ai, só a morte sabe até quando!

Mas no outro mundo Deus lhes prepara
Leito o mais alvo, ceia a mais rara...

Os pés doridos lhos lavarão
Santos e santas com devoção!

Para lavá-los, perfumaria
Em gomil d'oiro, d'oiro a bacia.

E embalsamados, transfigurados,
Túnicas brancas, como em noivados,

Viverão sempre na eterna luz,
Pobres bem-ditos, amen, Jesus!...

CAMPO SANTO

Ai ao relento, ai ao relento, sonham cavadores!...
Sono d'arminho... colchão de terra... lençol de flores!...

Caí dormentes,
Caí exânimes, trementes,
Pálidos silêncios do luar dorido!
Litanias fluidas do luar dorido!
Misereres brancos do luar dorido!
Bálsamos, piedades, orações dolentes
Do luar dorido!..

Ai ao relento, ai ao relento sonham pegureiros!...
Cama tão fresca!... cobertor branco, de jasmineiros...

Caí maviosas,
Caí sonâmbulas, piedosas,
Côncavas tristezas do luar magoado!
Ressonâncias d'órgão do luar magoado!
Extrema-unções profundas do luar magoado,
Síncopes, oblívios, quietações chorosas
Do luar magoado!...

Ai ao relento, ai ao relento, sonha a boieirinha!...
Cama de violetas!... que lhe fêz a Virgem, sua madrinha...

Caí radiantes,
Angelizantes,
Esfolhados lírios do luar divino!
Musselina argêntea do luar divino!
Hálitos de leite do luar divino!...
Pérolas, opalas, beijos e diamantes,
Do luar divino!

Ai ao relento, ai ao relento as bisavós dormindo!...
Cama de rosas, sobre-céu d'astros!... que sonho lindo!...

Caí cantando,
Caí, mas brando, muito brando,
Místicas nevadas do luar de prata!
Linho de candura do luar de prata!
Ângelus da ermida do luar de prata!
Êxtasis boiando, sagrações ondeando
No luar de prata!...

Dormi, dormi!... que belas camas!... ai que bons lençóis!...
Na travesseira, que bem que cheira! cantam roussinóis!...

Dorme de costas, cavador, ao luar, ao luar de neve!...
Ai, como a terra era pesada, e se fêz leve, leve!...

Dorme, pastor, ao luar de Junho, dorme sem cuidado!...
Que anda a Senhora dos Montes-Ermos a guardar-te o gado...

Durmam velhinhas! durmam crianças! durmam donzelas!
Quando acordarem já tem os anjos à espera delas...

*

* *

Há-de acordar tudo lá nos céus doirados...
Há-de haver banquetes, há-de haver noivados...

Põe a mesa a virgem para os pobrezinhos...
Ai, que lindos frutos!... ai, que ricos vinhos!...

Vinhos dum vinhedo, frutos dum pomar
Que no céu os anjos regam com luar...

Ordenhando ovelhas andam serafins,
Cantarinhos d'oiro, leite de jasmins.

Outros nas arribas crestam as colmeias,
Grandes favos brancos como luas cheias.

Ai, que bom almôço, feito num vergel,
Pomos côr de aurora, leite, vinho e mel!...

Para as avózinhas tem lá Deus bastantes
Fusos d'esmeraldas, rocas de diamantes...

Como vós, ó moças, lá no céu casais,
Elas darão teias para os enxovais...

Já no setestrelo dançam nos terreiros,
Tamboris e violas, frautas e pandeiros...

Já lá vejo os noivos, com S. João à espera,
Numa ermida branca revestida d'hera...

Ai, dormi, donzelas, ai dormi ao luar.
Que no céu com anjos vos ireis casar...

Ai, dormi, crianças! que no azul divino
Brincareis alegres com o Deus-menino...

Partirá convosco, porque é vosso irmão,
A laranja – o mundo, que lá tem na mão...

*

* *

Dormi, dormi, sem dor, sem penas...
Dormi, dormi!...
E em vossos leitos florescentes,
De rosas brancas e açucenas,
Caiam dormentes,
Caiam exânimes, trementes,
Graças do baptismo do luar alvíssimo!
Beijos do noivado do luar puríssimo!
Lágrimas da morte do luar tristíssimo!
Cânticos d'exéquias, orações dolentes
Do luar santíssimo!...

Abril – 91

REGRESSO AO LAR

¡Ai, há quantos anos que eu parti chorando
Dêste meu saùdoso, carinhoso lar!...
Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...
Minha velha ama, que me estás fitando,
Canta-me cantigas para me eu lembrar!...

Dei a volta ao mundo, dei a volta à Vida...
Só achei enganos, decepções, pesar...
Oh! a ingénua alma tão desiludida!...
Minha velha ama, que me estás fitando,
Canta-me cantigas de me adormentar!...

Trago d'amargura o coração desfeito!...
Vê que fundas mágoas no embaciado olhar!
Nunca eu saíra do meu ninho estreito!...
Minha velha ama, que me deste o peito,
Canta-me cantigas para me embalar!...

Pôz-me Deus outrora no frouxel do ninho
Pedrarias d'astros, gemas de luar...

Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!...
Minha velha ama, sou um pobrezinho...
Canta-me cantigas de fazer chorar!...

Como antigamente, no regaço amado,
(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

Canta-me cantigas, manso, muito manso...
Tristes, muito tristes, como à noite o mar...
Canta-me cantigas para ver se alcanço
Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso,
Quando a Morte, em breve, ma vier buscar!

90.

VII

AS "ORAÇÕES"

1893

Pensons et vivons à genoux;
Tâchons d'être sagesse, humilité, lumière;
Ne faisons point un pas qui n'aille à la prière.

VICTOR HUGO.

ORAÇÃO AO PÃO

*

. . . . . .

Sepultura do pão! bôca da humanidade!
Sob o infinito azul da imensidade,
Prega a Verdade!

Bôca harmoniosa, augusta voz da natureza,
Canta a Beleza!

Bôca divina, bôca em flor,
Verte o perdão, sorri à Dor, unge-a d'Amor!

Beleza, Amor, Verdade,
Eis a Trindade!

Três Deuses, juntos afinal
Num só Deus immortal.

A humanidade é seara imensa em chão de areia,
Que Deus recolhe e Deus semeia.

E cada homem, quer o rei, quer o mendigo,
É na seara de Deus um grão de trigo.

E a tôda a hora, a todo o instante, há milhões d'anos,
Searas sem fim de espíritos humanos

Brotam, florescem, crescem, são cortadas,
E entre as mós do destino trituradas.

E eis a farinha ideal, o fromento de dor,
Que alimenta a Verdade, a Beleza, o Amor!

De maneira que vós, homens pigmeus,
Na terra sois o pão de Deus!

A vossa alma é a claridade
Que ilumina a Verdade.

É a hóstia de luz, no mundo acesa
Pela Beleza.

É o nectário da roxa e dolorida flor,
Donde goteja o mel do Amor.

Homem!

Pela Verdade, intrépido e sereno,
Emborca a taça do Veneno!

Pela Verdade, inteira,
Dá teu corpo ao baraço, ao cutelo e à fogueira.

Pela Verdade, sem pesar,
Teus filhos dixarás e deixarás teu lar!

Homem!

Pela Beleza sacrossanta,
Adora e canta!

Pela Beleza, música de Deus,
Une-te a Deus!

Pela Beleza ideal, ideal eucaristia,
Faz do universo Espírito e Harmonia!

Homem!

Dá pelo Amor ao triste e ao desvalido
Teu coração, teu pão e teu vestido!

Pelo Amor, com teus lábios virginais
Beija lepras e cancros d'hospitais!

Pelo Amor, pelo Amor, como Jesus,
Sorri à Dor, pregado numa cruz!

Beleza, Amor, Verdade,
Eis a Trindade,
Eis o teu Deus.

Homem!

Vive por Deus!
Sofre por Deus!
Morre por Deus!

E bem-dito serás na eterna paz,
Porque ao fechar os olhos teus,
Trigo de Deus, absorto em Deus descansarás!...

*

Oremus:

Trigo d'Abril, riso e verdura,
Dá-nos a candura!

Trigo d'Agôsto, oiro que alumia,
Dá-nos a alegria!

Trigo da foice, trigo da grade,
Dá-nos a humildade!

Trigo da azenha, poeira de lírio,
Dá-nos o martírio!

Trigo do trigo, trigo da mesa,
Dá-nos o amor e a dor, a paz e a fortaleza!

Trigo, dá-nos a candura!
Dá-nos a alegria!

Dá-nos a humildade!
Dá-nos o martírio!
Dá-nos o amor e a dor, a paz e a fortaleza;

Dá-nos ao corpo tudo isto,
Dá-nos à alma tudo isto,
E faremos de nós o pão de Cristo,
O pão de Deus, o pão do Bem,
O pão da eterna Glória, o pão dos pães, amen!

ORAÇÃO À LUZ

Claro mistério
Do azul etéreo!
Sonho sidéreo!
Luz!

Da terra dorida
Alento e guarida!
Fermento da vida,
Luz!

Eucaristia santa,
Vinho e pão que alevanta
Homem, rochedo e planta...
Luz!

Virgem ígnea das sete côres,
Tôda abrasada d'esplendores,
Mãe dos heróis e mãe das flores,
Luz!

Fiat harmónico e jocundo,
Verbo diáfano e profundo,
Alma do sol, corpo do mundo,
Luz!

Luz-esp'rança, luz rútila da aurora,
Vida vibrando na amplidão sonora,
Vida cantando pela vida fora,
Luz!

Luz que nos dás o pão, ó luz amada!
Luz que nos dás o sangue, ó luz doirada!
Luz que nos dás o olhar, luz encantada!
Bem-dita sejas, luz, bem-dita sejas!

Sejas bem-dita em nós, ó fonte de harmonia!
Sejas bem-dita em nós, ó urna de alegria!
Bem-dito seja o filho teu, o alvor do dia!
Perpétuamente, ó luz, ó mãe, bem-dita sejas!

*

A inabalável rocha taciturna,
Quando a electriza teu deslumbramento,
Acorda e sonha na mudez soturna...

Por ti se volve areia; e num momento
A areia é lôdo, é seiva, é fruto lindo,
É carne humana, é sangue, é pensamento...

Por ti a água exulta, anda bramindo,
Por ti rola do monte ao sorvedoiro,
E voa, em nuvens, pelo azul infindo...

Por ti o orvalho: Cai no trigo loiro?
É pão e é hóstia... Cai na flor? incenso,
Néctar, abelha, borboleta d'oiro...

Por ti flutua o ar, um mar imenso,
Prenhe de vidas invisíveis, onde
Todo o sonho da terra anda suspenso...

Ao teu hálito, ó luz, nada se esconde:
Brilhas! e a alma opaca da matéria
Das entranhas do globo te responde!...

Brilhas! e amor e dor, luto, miséria,
Doira-os a graça, a juventude, o encanto
Do teu manto de púrpura sidérea!

És tu que alumbras alegria e pranto:
No sorriso do herói clarão eterno,
Prisma de Deus na lágrima do santo.

Por teu fulgor genésico e materno
Surdem núpcias das campas viridentes
E um novo Abril palpita em cada inverno ..

Por ti suspiram, sem te ver, dormentes,
As almas vegetais, indefinidas
No mistério nocturno das sementes...

Germinando por ti, por ti vestidas,
Sonham aroma, sonham forma e côr,
Em teu alvor magnético embebidas...

E esplêndidas de graça, enlêvo e amor,
Erguem-te, ó luz, um ai de luz radiante,
Aberto em beijo, idealizado em flor!...

Por teu frémito d'oiro, instante a instante,
O verme cego, enclausurado, imundo,
Gera a visão liberta e deslumbrante.

Por ti um sôpro anímico e fecundo
Penetra o lôdo, a rocha, a água, o ar,
Voa de esporo a esporo, e mundo a mundo..

Por ti a asa, o lábio, a mão, o olhar...
Por ti o canto e o riso, e o beijo e a idea...
Por ti o verbo ser e o verbo amar!...

A inextricável, a infindável teia
Do sonho do universo em luz é urdida,
Em luz vislumbra e misteriosa ondeia...

Suspensa em luz, da mesma luz nutrida,
Vai para Deus rolando eternamente
A dor, na eterna evolução da vida...

Homem, nuvem, granito, onda, serpente,
A rocha, o ar, o abutre, a fôlha d'hera,
O mundo, os mundos, tudo que é vivente,

Do lôdo à água, do metal à fera,
Da fera ao anjo, do covil à cruz,
Move-se tudo, existe e reverbera,

Sonhando, amando, palpitando em luz!...

. . . . . .

Ó luz, ó luz, o mundo te devora,
Mas revives no mundo a tôda a hora.

Morres para nascer a todo o instante,
Mais perfeita, mais pura e mais brilhante.

Sim, mais brilhante: a claridade
Vem só do amor e da verdade.

Tu revives, ó luz, mais amorosa
Na água fluida, trémula e viscosa.

Na água fecundante e conjugal,
Mãe do homem, do verme e do cristal.

Na água móvel, mágica, indecisa,
Onde a vida fermenta e fraterniza...

Por onde o sangue e a seiva, ébrios d'amor,
Circulam para a idea ou para a flor!

Mas a água te absorve e te agradece,
Nunca te esquece, ó luz, nunca te esquece:

Almas da água, quando se casaram,
Foi com beijos de luz que se beijaram.

. . . . . .

VIII

PROSA

BALANÇO PATRIÓTICO DE 1891

Balanço patriótico:

Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, bêsta de nora, agùentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de misérias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes, a energia dum coice, pois que nem já com as orelhas é capaz de sacudir as moscas; um povo em catalépsia ambulante, não se lembrando nem donde vem, nem onde está, nem para onde vai; um povo, em-fim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional, – reflexo de astro em silêncio escuro da lagoa morta;

Um clero *português,* desmoralizado e materialista, liberal e ateu, cujo vaticano é o Ministério do Reino, e cujos bispos e abades não são mais que a tradução em eclesiástico do fura-vidas que governa o distrito ou do fura-urnas que administra o concelho (1); e, ao pé dêste clero indígena, um clero jesuítico, estran-

---

(1) Há excepções individuais, claramente. A fisionomia geral, no emtanto, é aquela. *G. J.*

jeiro ou estranjeirado, exército de sombras, minando, enredando, absorvendo, — pelo púlpito, pela escola, pela oficina, pelo asilo, pelo convento e pelo confessionário, — fôrça superior, cosmopolita, invencível, adaptando-se com elasticidade inteligente a todos os meios e condições, desde a aldeola ínfima, onde berra pela bôca epiléptica do fradalhão milagreiro, até à rica sociedade *elegante* da capital, onde o jesuìtismo é um dandismo de sacristia, um beatério chic, Virgem do tom, Jesus de high-life, prédicas untuosas (monólogos ao divino por Coquelins de fralda) e em certos dias, na igreja da moda, a bonita missa encantadora, — luz discreta, flores de luxo, paramentos raros, cadeiras cómodas, latim primoroso, e hóstia *glacée,* com pistache, da melhor confeitaria de Paris;

Uma burguesia, cívica e políticamente corrupta até à medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavra, sem vergonha, sem carácter, havendo homens que, honrados (?) na vida íntima, descambam na vida pública em pantomineiros e sevandijas, capazes de tôda a veniaga e tôda a infâmia, da mentira à falsificação, da violência ao roubo, donde provêm que na política portuguesa sucedam, entre a indiferença geral, escândalos monstruosos, absolutamente inverosímeis no Limoeiro (1);

---

(1) Se o Nazareno, entre os ladrões, fôsse hoje crucificado em Portugal, ao terceiro dia, em vez do Justo, ressuscitariam os bandidos. Ao terceiro dia? que digo eu! Em 24 horas andavam na rua, sãos como pêros, de farda agaloada e grã-cruz de Cristo. *G. J.*

Um exército que importa em 6.000 contos, não valendo 60 réis, como elemento de defesa e garantia autonómica;

Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo; êste criado do quarto do moderador; e êste, finalmente, tornado absoluto pela abdicação unânime do país, e exercido ao acaso da herança, pelo primeiro que sai dum ventre, — como da roda duma lotaria;

A Justiça ao arbítrio da Política, torcendo-lhe a vara a ponto de fazer dela um saca-rôlhas;

Dois partidos monárquicos, sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, na hora do desastre, de sacrificar à monarquia ou meia libra ou uma gota de sangue, vivendo ambos do mesmo utilitarismo scéptico e pervertido, análogos nas palavras, idênticos nos actos, iguais um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se amalgamando e fundindo, apesar disso, pela razão que alguêm deu no parlamento, — de não caberem todos duma vez na mesma sala de jantar;

Um partido republicano, quási circunscrito a Lisboa, avolumando ou diminuindo segundo os erros da monarquia, hoje aparentemente forte e numeroso, àmanhã exaurido e letárgico, — água de pôça inerte, transbordando se há chuva, tumultuando se há vento, furiosa um instante, imóvel em seguida, e evaporada logo, em lhe batendo dois dias a fio o sol ardente; um partido composto sobretudo de pequenos burgueses da capital, adstritos ao sedentarismo crónico do metro e da balança, gente de balcão, não de bar-

ricada, com um estado maior pacífico e desconexo de vélhos doutrinários; moços positivistas, românticos, jacobinos e declamadores, homens de boa-fé, alguns de valia mas nenhum a *valer;* um partido, em-fim, de índole estreita, acanhadamente político-eleitoral, mais negativo que afirmativo, mais de demolição que de reconstrução, faltando-lhe um chefe de autoridade abrupta, uma dessas cabeças firmes e superiores, olhos para alumiar e bôca para mandar, -- um dêsses homens predestinados, que são em crises históricas o ponto de intercepção de milhões de almas e vontades, acumuladores eléctricos da vitalidade duma raça, cérebros omnímodos, compreendendo tudo, adivinhando tudo, — livro de cifras, livro de arte, livro de história, simultaneamente humanos e patriotas, do globo e da rua, do tempo e do minuto, fôrças supremas, fôrças invencíveis, que levam um povo de abalada, como quem leva ao colo uma criança;

Instrução miserável, marinha mercante nula, indústria infantil, agricultura rudimentar;

Um regime económico baseado na inscrição e no Brasil, perda de gente e perda de capital, autofagia colectiva, organismo vivendo e morrendo do parasitismo de si próprio;

Liberdade absoluta, neutralizada por uma desigualdade revoltante, — o direito garantido virtualmente na lei, pôsto, de facto, à mercé dum compadrio de batoteiros, sendo vedado, ainda aos mais orgulhosos e mais fortes, abrir caminho nesta porcaria, sem recorrer à influência tirânica e degradante de qualquer dos bandos partidários;

Uma literatura iconoclasta, — meia dúzia de homens que, no verso e no romance, no panfleto e na história, haviam desmoronado a cambaleante scenografia azul e branca da burguesia de 52, opondo uma arte de sarcasmo, viril e humana, à frandulagem pelintra da literatura oficial, carimbada para a imortalidade do esquecimento com a cruz indelével da ordem mendicante de S. Tiago;

Uma geração nova das escolas, entusiasta, irreverente, revolucionária, destinada, porêm, como as anteriores, viva maré dum instante, a refluir anodina e apática ao charco das conveniências e dos interêsses, dela restando apenas, isolados, meia dúzia de homens inflexos e direitos, indemnes à podridão contagiosa pela vacina orgânica dum carácter moral excepcionalissíssimo;

E se a isto juntarmos um pessímismo canceroso e corrosivo, minando as almas, cristalizado já em fórmulas banais e populares, — *tão bons são uns como os outros, corja de pantomineiros, cambada de ladrões, tudo uma choldra, etc. etc.*, — teremos em sintético esbôço a fisionomia da nacionalidade portuguesa no tempo da morte de D. Luís, cujo reinado de paz podre vem dia a dia supurando em gangrenamentos terciários.

O advento do materialismo burguês, inaugurado pela ironia scéptica do Rodrigo, acabava pela galhofa cínica do Mariano. O riso de sibarita, levemente amargo, desfechava no riso canalha, de garotão de aljube. O patusco terminava em malandro.

A burguesia liberal, mercieiros-viscondes, parasi-

tagem burocratica, bacharelice ao piano, advogalhada de S. Bento, *morgadinhas, judias,* sinos, estradas, escariolas, estações, inaugurações, locomotivas (religião do Progresso, como êles diziam), todo êsse mundo de vista baixa, moralmente ordinário e intelectualmente reles, ia agora liquidar numa infecta *débâcle* de casa de penhores, num Alcácer-Quibir esfarrapado, de feira da ladra.

A nação, como o rei, ia cair de podre.

. . . . . .

(Da *Pátria).*

MESSIANISMO

A história pátria resume-se quási numa série de biografias, num desfilar de personalidades, dominando épocas. Sobretudo depois de Alcácer. Povo messiânico, mas que não gera o Messias. Em vez de traduzir o ideal em carne, vai-o dissolvendo em lágrimas. Sonha a quimera, não a realiza.

¿O próprio Pombal é o *Desejado?* Não. Fêz-se temer, não se fêz amar. Cabeça de bronze, coração de pedra. Moralmente, ignóbil. Rancoroso, ferino, alheio à graça, indiferente à dôr. Inteligência vigorosa, material e mecânica, sem vôo e sem asas. Um brutamontes raciocinando claro. Falta-lhe o génio, o dom de sentir, nobreza heróica, vida profunda,— humanidade, em suma. Máquina apenas. Não criou, produziu. A criação vem do amor, a génese é divina. Criar é amar. Por isso a obra lhe foi a terra. Pulverizou-se. Só dura o que vive. Uma raiz esteia mais que um alicerce. Pombal em três dias, num deserto, quis formar um bosque. Como? Plantando traves. Adubou-as com mortos e regou-as a sangue. Apodreceram melhor.

Sei muito bem que o estadista não é o santo, que o grande político não é o mártir, mas sei também que tôda a obra governativa, que não fôr uma obra de filosofia humana, resultará em geringonça anedótica, manequim inerte, sem olhar e sem fala.

A ductilidade, quási amorfa, do carácter português, se torna duvidosas as energias colectivas, os espontâneos movimentos nacionais, facilita, no em-tanto, de maneira única, a acção de quem rege e quem governa. Cera branda, os dedos modelam-na à vontade. Um grande escultor, eis o que precisamos.

Há, alêm disso, bem no fundo dêste povo, um pecúlio enorme de inteligência e de resistência, de sobriedade e de bondade, tesoiro precioso, oculto há séculos em mina entulhada. É ainda a sombra daquele povo que ergueu os Jerónimos, que escreveu os *Lusíadas*. Desenterremo-la, exumemo-la. Quem sabe, talvez revivesse!

. . . . . .

*

* *

Há em cada burguês uma monarquia. Milhões de burguêses, milhões de absurdos. ¿E eliminam-se acaso numa hora?

Não se tratava por em-quanto de modalidades orgânicas de existência; tratava-se de existir. Problema social e problema político marchariam evolutivamente na órbita ininterrupta do seu destino. Quando um vapor alagado vai ao fundo, ¿discute a marinha-

gem construções navais? Primeiro salvá-lo, o estaleiro depois. Quere dizer: a revolução urgente não era social, nem política: era moral. Nem havia a escolher entre monarquia e república, pois que, para escolher entre duas coisas, é necessário existirem, e a republica, tanto custava a realizar, que ainda até hoje a não fizemos.

A segurança da pátria exigia inadiávelmente à frente do govêrno um homem de superior inteligência, de altivo carácter, de ânimo heróico e resoluto. Era-o D. Carlos? obedeceríamos a D. Carlos. Uma alma, uma vassoura e uma carroça, de nada mais precisava. Varrer, limpeza geral, pôr isto decente! ¿Tal embaixador levantara castelos de milionário com o dinheiro da nação? Transferi-lo de embaixada: representante vitalício do Limoeiro em África. ¿Tal ex-ministro compra as quintas, vendendo a vergonha? Penhora e prisão. Os bens ao erário, o corpo à penitenciária. Deslaçar grã-cruzes e chumbar grilhetas. Norte e Leste, lamas do Tejo, Banco Lusitano, obras do estado, etc., etc.. tôdas essas montureiras gangrenadas, — queimá-las a calcium, purificá-las a vitríolo. Calcamos infâmias, respiramos veneno. Que um ciclone de justiça nos purificasse o ar e desentulhasse as estradas. Caminho livre, atmosfera nova! ¿Quem baldeou o país à ruína, a miséria do lar, à indigência da alma? Idiotas? Aposentá-los em onagros. Bandidos? Metê-los na cadeia.

¿E a questão económica? Resolvida por si. Direi mais: útil e necessária. Mas resolvida ¿de que for-

ma? Pelo sacrifício de todos, pela abnegação colectiva. As pátrias, como os indivíduos, só se regeneram sofrendo. A dôr é salvadora. Não há virtude sem martírio, não há Cristo sem cruz. A Redenção vem da Paixão. A vida fortalece-se na angústia. Nem só a do homem: a vida inteira, a vida universal. A procela avigora o roble, e o ferro candente adquire a têmpera, mergulhando-o em gêlo. Quando a desgraça parece matar uma nação, é que tal nação estava morta. O cáustico, que levantou o doente, decompõe o cadáver.

Resumindo: desastres, misérias, vergonhas, infortúnios, calamidades, subjugadas com energia e padecidas com nobreza, enseivariam de novo alento o coração exânime da pátria. ¿ O raio lascou a árvore? Brotaria, amputada, com maior violência. A alma habita na raíz.

¿ Mas seria possível conjurar quatro milhões de interesses, quatro milhões de egoismos, num ímpeto de fé heróica e de renúncia? Era. Digo-o sem hesitar. O sibarita que ria, o cevado que ronque. Era! O espírito, como o fogo, consome traves, calcina pedras, derrete metais. O facho duma alma pode incendiar uma Babilónia. Um iluminado pode abrasar um império Tem-se visto. O cofre-forte é de ferro, a libra é de oiro, o egoismo é de bronze, mas a electricidade impalpável, invisível, imponderável, volatiliza tudo num momento. Ora o espírito é a electricidade de Deus. Nada lhe resiste. Devora séculos, evapora mundos. Jesus e Buda, — um, crucificado; o outro, mendigo — refazem o globo, põem nova

máscara à criação. Joana d'Arc e Nunálvares, irmãos gémeos, redimem duas pátrias. Focos ambulantes de espírito divino, arrastam e vencem, — magnetizando. O céu é contagioso como a lepra.

Claro que o milagre exige a fé. Nem todos os sábios juntos escreveriam os Evangelhos. A língua do homem, sem a língua de fogo, não apostoliza, discursa. Um Doutor não é um Messias.

A metempsicose, em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, bôca para rezar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro. O Nunálvares de hoje não usaria cota, nem escudo; mas, ao cabo, seria idêntico. A mesma chama noutro invólucro. Não combateria Castelhanos, combateria Portuguêses. O inimigo mora-nos em casa. Aljubarrota no Terreiro do Paço e os Atoleiros . . . nos mil atoleiros de infâmias que enodoam as ruas, e obstruem o trânsito. Queríamos um justo inexorável, um santo heróico, com a verdade nos lábios e uma espada na mão. Os quadrilheiros que infestam Lisboa e os sub-quadrilheiros que infestam as províncias, anulá-los, esmagá-los num dia, numa hora, sem pena e sem remorso . . .

(Da *Pátria*)

MISSÃO DE UM BOM GOVÊRNO

Houve profetas que domaram leões: mártires que aterraram algozes. E quando um homem ou um povo sucumbem altivos em nome da Verdade, êsse homem ressuscitará nas consciências, e êsse povo ressuscitará na História. O justo, expirando na Cruz, ao terceiro dia levanta-se do túmulo. O covarde, mergulhando em lôdo, em lôdo agoniza e em lôdo se transforma.

¿ Qual era, pois, a grande missão de um govêrno em Portugal? Fazer de quatro milhões de espíritos um só espírito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz, divergentes, aquecem; convergentes, abrasam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quási estéreis, na indiferença colectiva. Não mudam aos olhos da Europa a fisionomia portuguesa. Mas a abnegação e o sacrifício de todos, a comunhão unânime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Pátria, transfigurar-nos-ia por encanto, de povo de chatins em povo de heróis, de mortos com direito ao cemitério, em gente viva com direito ao pão, com direito à luz.

E o problema religioso, nada mais singelo: na esfera do pensamento, liberdade absoluta; na esfera dos actos, tolerância recíproca.

O povo dos campos mantêm a sua fé tradicional. Quando se dirige a Deus precisa ainda um língua: o Padre. Faltando-lhe a hóstia, falta-lhe o Cristo. Levando-lhe a igreja, levam-lhe o Céu.

O Catolicismo é roble caduco, mas nos galhos exangues, de verdura pálida, inúmeras aves inocentes gorgeiam ainda, fabricam o ninho em que adormecem. Não lancemos o machado ao tronco do roble, sem dar aos corações ingénuos, que o povoam, outra verdura calma onde se abriguem. O mundo rola no infinito; no infinito deve igualmente girar o espírito do homem. Ai dos que vivem só na terra, olhando o horizonte com o olhar da carne! Êsses não vivem. Andam quilómetros e contam horas; mas o Espaço é a jornada da alma, e o Tempo a hora eterna que não finda. O homem sem o ideal sôbrehumano, regressa à bestialidade donde veio.

Se o cavador miserável não comunga em Cristo senão pela hóstia, que a hóstia lhe seja oferecida, mas cândida e branca, em mãos de misericórdia e de pureza. Organizem um clero nacional e cristão, evangelista pela virtude, embora católico pelo dogma. Varram da Igreja a estrumeira política; para bispos escolham santos, e a questão religiosa desaparece num momento. Spinosa ou Schopenhauer entender-se-iam muito bem com S. Francisco de Assis.

Porêm, os homens que há muito dirigem os des-

tinos da Nação, últimas varreduras do constitucionalismo agonizante, quási sempre democratas vazios aos vinte anos, e cínicos redondos aos quarenta, são incapazes de um plano de govêrno, gerado numa filosofia superior, amoldado a uma razão prática luminosa e traduzido em factos, por uma vontade inabalável e contínua. Que êles, francamente, visam apenas salvar o seu interêsse, o seu egoismo e as suas lantejoulas de medíocres...

(Da "*Pátria*")

O VERBO "CANTAR"

(ALGUNS APONTAMENTOS PARA A SUA BIOGRAFIA)

O verbo CANTAR é um dos filhos radiantes do verbo supremo, do verbo divino e criador, que é o verbo AMAR.

Cantar é pôr os sons em harmonia, torná-los amigos, parentes próximos, irmãos devotados e inseparáveis. Cantar é moralizar o som. Os sons disformes significam egoísmos, desuniões, lutas, violências, ódios, hostilidades. Os sons acordes realizam paz, aliança, carinho, virtude, abnegação, amor. Quando os sons recíprocamente se estimam, dizemos que se casam. É a verdade.

O piano, o violino, o órgão. No piano as notas são articuladas, há um salto de nota para nota. Há contiguìdade, não continuidade. De nota a nota há um interstício, uma lacuna. Cada uma delas não perdeu por completo a sua autonomia, o seu egoismo. No órgão, ou na rabeca, as notas são contínuas, fundem-se, convivem mais, porque cada uma delas sacrifica, por amor à outra, uma parte do seu indi-

vidualismo, o seu limite; sentimo-las diferentes, mas não sabemos onde acaba uma e onde começa a outra.

A palavra falada, a palavra cantada. No canto há mais amor entre as palavras; socializam mais, fraternizam mais. O grito inarticulado é a primeira língua do animal. A palavra articulada é música entre as sílabas. Há palavras mais amorosas e menos amorosas. O verso é mais belo do que a prosa, porque estabelece entre as palavras uma amizade mais estreita. Um verso errado é um delito.

Os gemidos e os ais são harmónicos. Tanto mais harmónicos, quanto mais intensa e amorosa a dor profunda que os produz. Êsses ais são o espectro sonoro do sofrimento, mas as côres são o espectro da luz.

A luz é música. O prisma é um instrumento de música.

Faz da luz uma orquestra, um hino de côres. O prisma revela a música dos átomos.

Há linhas e côres que fazem cantar, porque são já música sem voz. O canto tradu-las apenas, dá-lhes língua.

A desarmonia é um pecado. Ou antes: a desarmonia é o pecado.

O cristal é o canto lírico dos átomos. O carbono cristaliza de três formas, canta de três maneiras. O diamante é o seu hino mais puro.

Não há dois cristais de neve que sejam idênticos; em cada floco de neve há milhões de cristais, milhões de estrofes silenciosas: Nevar é água a cantar. A flor é o canto da raiz. As plantas cantam na pri-

mavera. Os campos, em abril, rezam os seus poemas.

O éter não ouve, não é amigo do som. O som nasceu muito dupois do éter. Os gases conduzem mal o som. Os líquidos conduzem-no quatro vezes melhor e os corpos sólidos doze vezes melhor. ¿Porquê? Porque o gás é mais egoista que o líquido, e o líquido mais egoista que o sólido.

Os metais que não vibram, os metais mudos, são os metais moles — estanho, chumbo, mercúrio — cujas moléculas teem entre si menos coesão, menos amizade. Pelo contrário, os metais mais sonoros são os metais mais rígidos, cujas moléculas se apertam e unem por um amor mais íntimo.

. . . . . .

¿O que há num violino? Madeira sêca e tripas mortas. ¡Com o cadáver do plátano e os intestinos do porco, criar uma voz que extasia os anjos! Uma bela harpa, suspirando, evangeliza. É um sermão. O inventor do órgão deveria ser canonizado. O órgão é a voz profunda da catedral.

. . . . . .

A canção é a flor dos lábios. As bôcas dos civilizados bestiais comem, devoram, mentem, blasfemam, escarnecem, mas não cantam. Ouvem cantar à noite, para auxiliar a digestão. O jornaleiro, lavrando e ceifando, canta. O burguês, atarefado em negócios, calcula, questiona, grita, roga pragas. Os banqueiros, que se nutrem de oiro, teem a alma de chumbo. Os mendigos cegos, que vivem de esmolas, teem harpas no coração.

. . . . . .

Os berços sem canções são berços que não teem mãe. A criancinha que não fala entende só o que lhe cantam, o que se lhe diz por música.

Quem canta tôda a vida, traduz a vida em harmonia, angeliza a vida. S. Francisco d'Assis morreu a cantar.

Cantar é amar. O cântico religioso é a oração perfeita. A lingua dos anjos é música espiritual. A síntese do universo, o cântico absoluto, é o absoluto amor — é Deus!

Barca d'Alva, 1902.

(*Atlântida*, VOL. II, n.º 19)

O HERÓI, O ARTISTA, O FILÓSOFO

Os grandes homens sobre-humanizam o homem, exaltam a existência, criam espírito, desvendam mistério, tocam no âmago do Ser. Augustos e luminosos, caminham à frente da evolução, na marcha do mundo para Deus. ¿Quem é Deus? Ideal perfeito realizado; vida infinita, infinito amor.

Os grandes homens avançam para Deus, não isolando-se e afastando os olhos das misérias da terra, mas levando piedosamente no coração todos os gemidos da humanidade e tôdas as angústias da natureza. Os seus passos de luz, sulcando a noite, conduzem como um rebanho, na viagem eterna, a caravana infinda. Os grandes homens são descobridores e redentores. Quando sobem ajudam, progridem dando a mão, libertam-se libertando.

Eu chamo grandes homens os grandes heróis, os grandes artistas, os grandes filósofos.

O sacrifício ao Bem, na acção e pela acção, eis a norma do herói. Sacrifício da alma, recolhendo com ardor contínuo as dores alheias; e sacrifício do cor-

po, imolando-lhes para as consolar a própria vida. Os soluços sem termo da miséria do mundo ecoam-lhe no coração como ais de filhos. Dá a vida pela vida dos outros; mas a morte da carne em holocausto ao Bem acresce-lhe a vida verdadeira, aumenta-lhe a vida espiritual. O grau de amor é o grau de heroísmo. O herói máximo é o santo, e S. Francisco d'Assis é o super-homem.

O grande artista não iguala o santo, mas aproxima-se dêle. O artista, criando beleza, cria amor, porque a beleza é a expressão rítmica do Bem; é o amor a cantar, na forma e no som, no verbo e na luz. A arte idealiza, portanto gera amor. O herói também. Mas o herói dá-nos o amor em acções, converte-o em pão espiritual, que vai dividindo pela terra. O artista, não. Faz dêle um diamante quimérico de luz e de som, que é amor a vibrar, amor em sinfonia, amor no estado de beleza. Mas, se o universo é amor infinito, a arte suprema, que o abrange, é a arte cósmica e religiosa. E então a arte ideal define-se dêste modo: a natureza traduzida em cântico; Deus, que se ouve e que se vê, revelado em música.

A filosofia é a sociologia do universo, a história ordenada dos encadeamentos da existência, da evolução do amor. E, como a vida da natureza só chega à síntese na ideia de Deus, é claro que o santo ou o grande poeta conhecem melhor a vida do que o filósofo, pois que êles são a vida expon-

tânea e criadora, na escala mais alta e no estado nascente.

A vida vertiginosa, tumultuosa, entrelaçada, contínua, patética, infinitiforme; a vida latejante de seiva, incubada de sonho, fulva de luz, cega de espantos, ébria de beijos, trémula de morte e grávida de amor; a vida eterna, divina e formidável, que nasce da vontade e da emoção, aparece na obra do filósofo descrita por cálculos, ordenada por argumentos e por ideias. A virtude do santo sublima-a no êxtase e na benção, e a inspiração do poeta magnifica-a na música e no símbolo. Um reza, outro canta. O filósofo observa e medita. E' um espelho que pensa. E a filosofia integral, como a arte suprema, será também religiosa, porque só em Deus, Infinito-Amor, a vida encontra a sua unidade e a clara explicação do seu mistério. Tôdas as grandes almas, bússolas radiantes, se polarizam em Deus.

(*Comércio do Porto*, Natal, 1913)

EDITH CAVELL

...Além dos brados de angústia dos enfermos, chamavam-na ainda os cativos estóicos, silenciosos, os que pugnaram pelo direito e pela honra contra a iniqùidade e contra a infâmia. Libertá-los era um dever sagrado perante Deus, e um crime de morte para o Kaiser. A virgem heróica não hesitou um minuto: obedeceu ao dever, desafiando a morte.

Encarcerada e julgada militarmente por dar evasão a prisioneiros, o acusador interrogou-a:

— E' certo? E' verdade?

Confessando, condenava-se. Podia mentir, podia iludir. Em transes desta ordem, a moral humana justifica dissimulações e subtilezas. A moral transcendente, a moral divina repele-as. O norte da existência é o bem, o amor. O bem infinito, o amor infinito, chamam-se Deus. O homem sôbre-humano, o santo, engolfa-se em Deus, embebe-se em Deus; e inunda de amor e de piedade a dor eterna do Universo. E, se é necessário para chegar a Deus acabar na cruz, indefeso se rende aos seus verdugos, e, crivado de ultrajes, expira em Deus, abençoando e perdoando.

A alma de Miss Cavell pairava já, extática e radiante, na graça imortal da manhã divina. Santificára-se. E quando o bruto e bárbaro juiz lhe preguntou se a acusação era exacta, se dera fuga aos prisioneiros, a mulher sublime, encarando os algozes, tranqùilamente respondeu, como Jesus responderia:

— E' verdade.

Miss Cavell ergueu-se naquele instante à esfera mais alta e luminosa da perfeição humana. Tocou o zenite da virtude. Os anjos sorriram-lhe, Deus admirou-a; e o tribunal, em nome do Kaiser, em nome da lei e do Império, condenou-a à morte. Ficou serena. Ia morrer pela verdade e pelo bem.

A legação de Espanha e a dos Estados-Unidos intervieram inútilmente. O crime executou-se. Altas horas da noite foram buscar a vítima. Miss Cavell, andando, resplandecia. Exalava oração, deslumbramento, vida eterna. Pela dor e pelo amor vencera a morte. Perdoara afrontas, injúrias, iniqùidades; e marchara em êstase para Deus, levando no coração, como uma filha, aos ais e a escorrer sangue, a miséria dos homens e do mundo.

Num pátio sombrio aguardavam-na os algozes — quatro soldados e o comandante. A alma divina da mártir olhou-os sem ódio e sem temor. Nem tôdas as fôrças brutas da natureza, voltando-se contra ela, a poderiam aniqùilar. Mas, se a alma era invencível, a carne estava exausta. O corpo da santa desmaiou. O oficial, concluindo a tragédia, estoirou-lhe o crânio com duas balas. Assassinou-a plácidamente, gélidamente, maquinalmente...

...Depois bebeu, deitou-se e repousou como um justo. Lembrava-se tanto de Miss Cavell como se lembra um temporal duma fôlha morta.

Mas dessa fôlha morta, dêsse cadáver desprezado, radiou no globo instantâneamente uma luz imortal, onde milhões e milhões de almas se inflamaram, coruscando de dôr e de vingança. Baixou inexorável sôbre a Alemanha patibular a execração do mundo. Ergueram-se heróis, levantaram-se exércitos. E no infinito de Deus, na insondável paisagem da eternidade, em-quanto que a alma gloriosa da mártir brilhava, em estrêla espiritual da constelação edénica dos anjos, a Alemanha rútila e soberba, a Alemanha ovante e formidável, com tôdas as chamas do seu orgulho e todo o esplendor do seu império, não era mais do que um montão de larvas negras, de embriões de loucuras e de crimes, de fermentos sacrílegos, satânicos...

A justiça de Deus vai proclamar-se na terra. O monstro espantoso será desfeito e aniqùilidado.

. . . . . .

. . . . . .

Barca de Alva, Outubro de 1915.

(O monstro alemão, Pôrto, 1918).

ÁTILA E JOANA D'ARC

...E a França maravilhosa, num ímpeto de vontade arrebatador e criador, incendiou instantâneamente, vibrando-as no infinito, em lavareda, tôdas as potências da sua alma. Dez séculos de história imortal correram-lhe nas veias, bateram-lhe no coração, inflamaram-lhe o espírito. Magnanimizou-se, sobre-humanizou-se, chegou ao zenite de luz da vida heróica, tocou em Deus. E diante da bárbara Alemanha, satânica e monstruosa, encarnada em Átila, ergueu-se, deslumbradora e sublime, a França eterna, polarizada em Joana d'Arc. (1)

E a França de Joana d'Arc, numa batalha de milagre, conteve repentinamente, varada de assombro, a onda exterminadora e gigantesca. Milagre, sim: milagre de heroismo, de razão e de fé; milagre do Povo de Joana d'Arc. A batalha do Marne,

---

(1) Tôda a França, católica ou não católica, se polarizou em Joana d'Arc. Joana d'Arc é o símbolo augusto da Pátria, a flor divina da raça. *G. J.*

salvando a França, salvou o mundo. E depois, Verdun! Que prodígio!... Horas imensas, instantes sem fim, minutos de Deus!...

Esta guerra é demoníaca e santa. E' a guerra da Iniqùidade com o Direito, da Bêsta com o Espírito, de Átila com Joana d'Arc. Quem vence? Joana d'Arc. A espada fulgurante da Mulher-Arcanjo trespassará de lado a lado o coração do monstro. A Alemanha orgulhosa quis dominar a terra, e debaixo dos pés do género humano, golfando sangue, uivará de dôr (1). Ambicionou tôdas as pompas e riquezas do mundo, e ficará indigente. Sonhou a glória imorredoira, a glória única, e tem de expiar, de joelhos, através dos séculos, a imortalidade dos seus crimes.

Triunfa Joana d'Arc! Joana d'Arc, expressão culminante da França, encarna a pátria, abarca a humanidade, convive com os anjos e perde-se em Deus. Triunfa na pátria, porque a pátria, que resgatou e que a gerou, é nêste momento a sua eucaristia verdadeira, a sua imagem épica e celeste. Triunfa na humanidade, porque dez povos heróicos combatem ao seu lado, a vitória imortal não tarda a abrir as asas, e palpita por ela o coração do mundo. Tiunfa no céu, porque da terra, varada de dôr, inundada de sangue e orvalhada de lágrimas, brotam lírios de fé, lírios de chama. Das campas nascem cruzes, das bôcas

(1) O que aconteceria, se a resistência da Alemanha determinasse a invasão. *G. J.*

voam preces, os joelhos dobram-se, as almas rezam, e, cheias de infinita angústia, só encontram em Deus — infinito amor — a infinita paz!...

. . . . . .

Barca d'Alva, Março de 1918.

(O monstro alemão, Porto, 1918).

PORTUGAL NA GUERRA

AOS SOLDADOS QUE PARTEM

Vós sois neste momento augusto e grande a honra da Pátria, a alma heróica da Nação. Levais convosco Portugal: o seu passado, o seu presente, o seu futuro. Nun'Álvares e D. Henrique, Camões e Bartolomeu Dias, Albuquerque e S. Francisco Xavier, amalgamam-se, fundem-se, latejam na vossa carne, nos vossos corações, no vosso ideal. Sois uma epopeia que acordou, que se levanta, e continúa marchando.

Trava-se no Globo, nesta hora imensa, uma batalha horrível e divina: a batalha da humanidade contra a ferocidade, a luta de Deus contra Satanaz. Instante supremo na história dos homens, na escalada eterna e dolorosa para a Justiça e para o Bem.

Vós ides combater pela Humanidade e pela Pátria, por nós e pelo mundo. Joana d'Arc e Nun'Álvares abraçam-se e fraternizam.

Caminhai ovantes, caminhai alegres, sem hesitação e sem temor. Fitai a morte impávidos, com olhos de

imortalidade e de vitória. Quem morre pela Justiça e pela Pátria, inunda-se de luz, ergue-se a Deus.

Custa-vos deixar a vossa casa, a vossa mulher, os vossos pais, os vossos filhos, a terra adorada e santa de Portugal.

As lágrimas saùdosas que verteis são estrêlas de amor que nos alumiam. Chorais à despedida como crianças, mas partis, cantando como heróis.

A Pátria deita-vos a bênção, e beija-vos na alma infinitamente.

Deus vá convosco! Que Deus vos guarde e acompanhe!

Vivam as nações aliadas! Vivam os soldados portuguezes! Viva Portugal!

AOS PORTUGUESES QUE FICAM

O dever dos que ficam é cuidar dos que partem, tomando-os para modêlo e para exemplo.

O heroismo dos que dão a vida por nós-todos reclama a unidade heróica da nação inteira. Quando a alma portuguesa se levanta no mundo, não pode amesquinhar-se, nem degradar-se Portugal. Quando os nossos soldados valorosos fraternalmente se conjugam no amor da Pátria, não podemos nós vilipendiá-la e desonrá-la com a baixeza torva do nosso egoismo, com o furor demente dos nossos ódios. Banhemos em luz os corações, estrelemos as almas, magnifiquemos as vontades! Queimemos os nossos farrapos e misérias em lavaredas de Ideal, que nos

sublimem! Comunguemos e ajoelhemos de mãos postas ante a imagem da Pátria idolatrada, e sob o esplendor augusto do seu olhar rezemos todos, cheios de fé, uma oração unânime. Ei-la:

"Pátria divina de Camões e de Nun'Álvares, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso valor e a vossa glória. Seja feita a vossa vontade em nossas almas. Dai-nos em cada dia o pão imortal da vossa esperança, e perdoai, Senhora, os nossos erros. Para nos libertar de tôda a fraqueza e de todo o crime, encheremos os corações do vosso amor. Amen."

Rezando esta oração, e dando-lhe cumprimento, salvamo-nos a nós e salvamos a Pátria. Malditos e desgraçados os que a não rezarem! Caia sôbre êles, inexorávelmente, um labéu eterno!

(Publicado no jornal *República*, de Lisboa, 13 de Fevereiro de 1917.)

FIM

INDICE

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Pags.
I — Traços biográficos, psicológicos e estéticos... IX
II — O Poeta e a Crítica XXXVII
III — Acção social.. LIII
IV — Bibliografia LXVII
V — Guerra Junqueiro entre os Clássicos LXIX

GUERRA JUNQUEIRO — VERSO E PROSA

I. *A Morte de D. João*

O Pensamento e o Mar 3
Inferno Social... 7
D. João.. 9
O velho Jeová.. 12
A História 15
Consciência e remorso. 17
Criança exposta. 20
O órfão.. 24
Vita nuova 27
Definição. 31
O côro das vítimas 32
Depois da tempestade. 34

II. *A Musa em Férias*

Pags.

Dedicatória 37
A Musa 39
Tragédia infantil 44
A escola portuguesa... 53
Morena 57
O crime e a consciência 59
Dia de inverno.. 65
As praias. 67
Conselhos académicos.. 71

III. *A Velhice do Padre Eterno*

Aos simples 75
A árvore do Mal 83
Como se faz um monstro 87
O melro.. 92
A vala comum.. 102

IV. *Fiel*

Fiel... 113

V. *A Lágrima*

A lágrima. 123

VI. *Finis Patriae*

Falam choupanas de camponeses... 129
Falam pocilgas de operários. 132

Pags.

Falam casebres de pescadores. 134
Falam condenados 136
Falam as escolas em ruínas.. 137
À mocidade das escolas 138
À Inglaterra 140

VII. *Pátria.*

O Doido.. 147
Paraíso cosmopolita... 155
Fala o doido, na escuridão... 157
Fala o espectro de Nun'Álvares 160

VIII. *Os Simples*

A caminho 177
De volta.. 181
À moleirinha 185
Canção perdida.. 188
O pastor.. 191
Os pobrezinhos. 199
Campo Santo 202
Regresso ao lar. 206

IX. *As Orações*

Oração ao Pão.. 211
Oração à Luz... 216

X. *Prosa.*

Balanço patriótico de 1891 225
Messianismo 231

Pags.

Missão de um bom govêrno. 236
O verbo «cantar» 239
O herói, o artista, o filósofo. 243
Edith Cavell 246
Átila e Joana d'Arc 249
Portugal na Guerra... 252

ERRATA

Pág. 59, linha 18, em vez de *suo* leia-se *sou*.
Pág. 209, linha 3, em vez de *1893* leia-se *1902-1903*.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

PLANO GERAL

SALVO poucas excepções, de que beneficiam três ou quatro das suas melhores jóias, o tesouro da literatura nacional mantêm-se ainda hoje quási inacessível ao maior número, pois continua enterrado profundamente, ou na própria massa volumosa da obra de vários autores, ou na antiguidade e raridade das edições de muitos outros, ou ainda no aspecto material rebarbativo de certas exumações realizadas modernamente.

Pareceu, pois, oportuno aos iniciadores desta *Antologia Portuguesa* oferecer ao público uma colecção ou biblioteca onde fique arquivada e concentrada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas.

O que se pretende é pôr a alcance dos olhos da

gente moça que começa a escrever, e das famílias cuidadosas da boa educação portuguesa dos seus filhos, e ainda dos mestres e estudantes da língua e literatura maternas, um copioso panorama de *lugares selectos* que possam entrar em tôda a parte, convir do ponto de vista moral a tôdas as idades e atrair, pela leveza e modernidade da apresentação material, todos aqueles espíritos que logo fogem apavorados à menor aragem do antigo, do sério e do pesado.

Banidos ficam assim desta emprêsa, liminarmente, quaisquer intuitos ou ademanes de erudição, que não vestiriam bem à nossa áurea mediocridade, nem quadram à essência do nosso propósito. Se o que queremos é chamar muita gente, para que admire connosco, ¿ como iríamos afugentá-la, espantando-a e aterrando-a com ares misteriosos de beneditinos e de sábios? Convidamos o leitor para um sarau, e não para uma aula, sabendo bem, aliás, que há saraus onde se aprende e aulas onde se goza; mas sabendo, outrossim, que o mestre desejoso de ter alunos, quando a freqüência é livre, evita fazer o ensino maçador, ou desiste de ensinar tudo de uma vez.

Não queremos que os nossos volumes tenham o aspecto de velhos compêndios, mas que vistam à moda, como as mais recentes novelas ou livros de versos. Por isso fugiremos com empenho

às copiosas anotações e às longas dissertações críticas; e esperamos nunca perder de vista, ao organizar a nossa escolha, a vantagem de dourar a pílula, antes de oferecê-la ao paladar biqueiro da gente moça ou leviana. Poremos assim muitas vezes, sem cerimónia, títulos nossos e novos aos trechos que apresentarmos; não duvidaremos, quando tal convenha ao nosso objecto, condensar e abreviar o texto autêntico por supressão de períodos e de passos mais ou menos longos, e mais ou menos indigestos ou impróprios; e, com risco de que os eruditos nos alcunhem de sacrílegos, havemos de eliminar, na nossa reprodução, a maior parte, ou a quási totalidade, das transcrições latinas e das citações de fontes, umas e outras não só inúteis, mas até nocivas, ao plano que traçamos, de atrair os irreflectidos, os fúteis e os apressados ao aprêço e convívio dos melhores modelos da nossa literatura.

Convêm dizer, visto terem carácter espiritual ou religioso tantas obras dos nossos melhores prosadores, sobretudo de Quinhentos e Seiscentos, que os livros ou trechos puramente místicos serão excluídos da *Antologia*, quando os não recomende algum altíssimo interêsse de beleza formal. Ficarão mais bem situados e serão mais justa e sériamente apreciados, quando alguêm se lembre de os arquivar e seleccionar, como merecem tan-

tos, em antologias própriamente religiosas, destinadas a leigos.

A *Antologia Portuguesa* adoptará naturalmente, salvo casos especiais, a nova ortografia oficial, não só por ser aquela em que estão sendo industriadas as gerações que despontam, mas ainda porque, sejam quais forem os inconvenientes da norma vigente, cumpre segui-la, ou (se preferem) suportá-la, sob pena de continuarmos e agravarmos a anarquia que ela pretendeu remediar.

Além da ortografia será também modernizada a pontuação. O que se considera primordial ou essencial na lição dos clássicos antigos e modernos, é o vocabulário, a sintaxe e o estilo; e para tornar acessíveis ao grande público estas riquezas intrínsecas, convêm que discretamente se arrede tudo quanto, sendo acessório ou secundário do ponto de vista artístico e literário, que é o nosso, repugne ao gôsto e costumes da época e assim amedronte sem vantagem aqueles que desejamos atrair.

Para auxiliar a leitura virão explicadas em glossários ou notas curtas, consoante os casos, as particularidades de vocabulário ou sintaxe que, para o leitor de cultura mediana, possam assumir carácter de dificuldades. Cada escritor será biografado e explicado literáriamente, numa sucinta *introdução* sem pretensões de crítica sábia;

e uma nota bibliográfica das obras e edições respectivas guiará às bibliotecas eruditas ou livrarias comerciais qualquer leitor que consigamos converter ao culto assíduo dos bons autores.

Em regra irá cada mocho a seu soito: a cada escritor caberá seu volume; o que naturalmente não impede a concessão de mais de um tômo a certos que o mereçam por vastidão e valor da sua obra, ou, ao contrário, o alojamento de dois ou mais em sociedade, quando sejam menores o homem, a produção, ou a importância de uma e outro.

A *Antologia Portuguesa* não se encerrará nos limites do campo, aliás vasto, dos velhos escritores clássicos e de todos aqueles bons poetas e prosadores portugueses cuja obra caíu já, segundo o nosso direito civil, no domínio público. Na respectiva colecção hão-de ser incluídas também antologias de escritores contemporâneos, e até vivos, cuja produção seja bastante extensa, bastante nacional e bastante apreciada do público, para tornar recomendável a sua inclusão nesta biblioteca literária de bons modelos. Para tal efeito a casa editora a quem incumbe a parte material e financeira do empreendimento tem no seu fundo de livraria a propriedade literária, integral ou limitada, dos livros de muito bons autores nossos, entre os quais bastará citar as obras

de Alexandre Herculano; e promete empregar os seus melhores esforços em conseguir de outros autores e editores a indispensável autorização legal para que as suas produções sejam largamente extractadas na *Antologia*. Assim o fêz já para as obras de Camilo e de Eça de Queiroz: assim está disposta a proceder com as de outros ilustres escritores contemporâneos, mortos ou vivos, cujos autores ou editores se disponham a auxiliá-la nesta emprêsa de patriotismo, de educação, e de amor da língua e da literatura nacionais.

Fica assim explicada, em todos os seus intuitos e aspectos, a tarefa a que se abalança, com elevada compreensão do que deve às suas velhas tradições e aos seus justíssimos créditos, a Livraria Aillaud. Resta agora que o público estime pelo seu exacto valor, e auxilie com a merecida aceitação, o patriótico empreendimento. Resta, emfim, que Deus nos dê a nós, que temerariamente aceitámos o encargo de organizar e dirigir a *Antologia Portuguesa*, a inteligência, o critério e o bom gôsto necessários ao desempenho de tão honrosa comissão.

Lisboa, 29 de Maio de 1919.

A. de C.

PQ
9261
G8J8
1921

Guerra Junqueiro, Abilio Manuel
Junqueiro 2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS. ITEM C
39 10 05 25 03 011 3